

Se mãe
mãe
que su
coisa?

**MADALENA WALLENSTEIN
RITA PEDRO
ANA SILVESTRE
TEATRO DO SILÊNCIO**

COM PREFÁCIO DE
JOSÉ GIL

CCB

FÁBRICA DAS ARTES
PROJECTO EDUCATIVO

**SE NÃO HAVIA NADA,
COMO É QUE SURTIU
ALGUMA COISA?**

NUNO, 8 ANOS



O QUE ME CONTAMINOU

*O encontro com o filósofo José Gil...
Contagiou-me o olhar dele para
dentro das coisas, muito atento;
um corpo cuja cabeça e os olhos são
muito mais vivos e claros que o resto
do corpo;*

*A ideia de transformação, quando
há um encontro, 'de um vazio a
outro vazio' fez-me pensar no que é
supérfluo, no menos que é mais, no
despojamento, no que é real e forte.*

ANA SILVESTRE

AGRADECIMENTOS

Obrigada ao filósofo José Gil

Por ter visitado a nossa
programação e nos ter inspirado
numa sessão de reflexão; Por nos
ter oferecido textos do seu livro
Ao meio-dia, os pássaros, no qual
a infância é protagonista.
Os seus textos foram interpretados
pelos artistas no contexto deste
programa e editados no âmbito
deste *Caderno*; Pelo prefácio
desta edição.

SE NÃO HAVIA NADA...

O Centro Cultural de Belém entendeu que era preciso criar. E esta criação não podia ser uma coisa qualquer. Recorreu ao talento e à imaginação do Nuno, de 8 anos, e de muitos outros Nunos, Josés, Marias e Anas com idades semelhantes para nos ensinar e ajudar a criar alguma coisa... Surgiu então um projecto que originou um laboratório de pesquisa que juntou muita gente, que proporcionou muitas conversas, muita reflexão, muitos sorrisos, muito trabalho. E, no final, um grande resultado. Não podíamos, nem devíamos guardar só para nós esse “grand finale”; era imperioso que todos pudessem ter acesso ao trabalho desenvolvido e às suas conclusões. Ei-los, pois, neste *Caderno* onde se explica e se detalha uma trama que sabemos que existe, mas sobre a qual raramente nos debruçamos. O encontro entre o “Pensamento, a Filosofia e a Contemplação Artística” está aqui, acessível e linear na sua complexidade, pela voz, pela imaginação e pela sabedoria das gerações futuras.

**AFINAL, SE NÃO HAVIA NADA...
SEMPRE SE FEZ MUITA COISA.**

MIGUEL LEAL COELHO
ADMINISTRADOR
CENTRO CULTURAL DE BELÉM

*À Ziza, à Tânia e ao Manel,
um agradecimento sentido pela
disponibilidade, pelo calor, pela
resolução de obstáculos, pela
simpatia, pela presença, pelo
cuidado, pela atenção, pela
cooperação, pelas ideias, pelos
pensamentos, pelas “mãos na
massa...”*

*É sempre bom um acolhimento que
nos faz ter a ilusão de que não custa
nada o trabalho que não se vê.
Faz-nos acreditar em anjos.*

ANA SILVESTRE

CCB [FÁBRICA DAS ARTES — PROJECTO EDUCATIVO]

A programação da Fábrica das Artes do CCB, centrada nas **artes performativas** e na promoção da **leitura do mundo e do livro**, tem dois eixos principais – **espectáculos** e **oficinas** – e segmenta-se em espaços de encontro e de **mediação** que visam a aproximação dos públicos, criando condições favoráveis à recepção da obra de arte. Dirige-se a públicos diversos, a miúdos e a graúdos, a escolas e a famílias, a profissionais que cruzam o espaço de encontro entre a Arte e a Educação e o público em geral.

O impulso dado à criação artística é um dos nossos elementos identitários. Os artistas, a programadora e a equipa da Fábrica das Artes mobilizam referências artísticas, culturais e educativas para, em conjunto, reflectirem sobre a criação e a sua recepção por estes públicos. Estas criações são, depois da sua estreia, frequentemente difundidas para muitas instituições culturais dos pais.

A equipa (Maria José Solla, Manuel Moreira, Tânia Guerreiro e Carla Castro) assenta a sua acção numa base de cooperação e complementaridade. O seu compromisso e o seu sentido de pertença revelam-se pela atitude empenhada e disponível com que acompanham os projectos, desde a fase de pré-produção até ao acolhimento dos artistas, da montagem à desmontagem...

A forma calorosa e personalizada como acolhem o público demonstra a sua relação com a essência e o sentido da missão do CCB e a sua preocupação com a excelência de serviço público.

POR SER ASSIM, TODOS OS DIAS, OBRIGADA!

MADALENA WALLENSTEIN
PROGRAMADORA E COORDENADORA DO CCB
[FÁBRICA DAS ARTES — SERVIÇO EDUCATIVO]

No fundo, as questões que se puseram desde o início a toda a equipa giravam à volta de uma dificuldade: como ultrapassar barreiras que a educação comum inculca, desde muito cedo, nas crianças?

PREFÁCIO

A CONTAMINAÇÃO

Neste trabalho, concebido e realizado pela Fábrica das Artes do CCB, tratava-se de um projecto educativo em que o objectivo era experimentar, descobrir e construir passagens e conexões entre práticas e domínios disciplinares habitualmente separados. O eixo das várias ligações a fazer centrava-se, sobretudo, na Arte e na Filosofia. Dirigido às crianças, o projecto foi alargado aos pais: os próprios conceptores (uma programadora, artistas, uma filósofa) depressa se aperceberam que seria necessário integrar os adultos – pois nestes existem maneiras de pensar rígidas e sedimentadas que impedem a compreensão do pensamento das crianças.

No fundo, as questões que se puseram desde o início a toda a equipa giravam à volta de uma dificuldade: como ultrapassar barreiras que a educação comum inculca, desde muito cedo, nas crianças? “Ultrapassar”, isto é, resolver as dificuldades de expressão não só das crianças, mas dos membros da equipa – dificuldades de acesso ao viver das crianças e dificuldades de cruzar e, eventualmente, sobrepor domínios de pensamento diferentes. Sublinhe-se, desde já, o intenso trabalho preparatório de concepção e experimentação dos membros da equipa necessário para que tal objectivo se concretizasse num projecto. Foi necessário, em particular, que cada um entrasse num processo de devir-criança e de devir-outro, para aceder ao viver e ao pensar das crianças e dos outros adultos (um devir-filósofo do artista e um devir-artista do filósofo) e, assim, encontrar, no cruzamento destes devires, a via de acesso de todos à criança. Imagine-se a complexidade desse trabalho de preparação.

“Ultrapassar” significa, sobretudo, libertar a força própria do pensamento infantil – porque as crianças atravessam, naturalmente, fronteiras bem traçadas pela racionalidade adulta.

Dois aspectos do projecto merecem ser realçados: as “Oficinas” (salas em que se realizavam as várias linhas da pesquisa) assemelham-se a

Aqui também as “Oficinas” retiram as crianças do espaço social para que se gere uma atmosfera propícia à expressão livre do pensamento. Desaparecem assim os obstáculos visíveis do mundo regrado e regulador.

espaços terapêuticos; e os princípios que regem as suas dinâmicas internas são – chamemos-lhes assim – o da “contaminação” e o do “bom encontro”.

Espaços terapêuticos: a analogia vale apenas para dois requisitos, a criação de um espaço fechado apropriado e a relação que aí se estabelece entre as crianças e entre estas e os adultos. Não se trata, pois, de verdadeira terapia – se terapia há, é a de toda a sociedade e dos seus hábitos inibidores da imaginação criativa. Mas, como toda a terapia – desde os rituais mais arcaicos às técnicas psi mais actuais – necessita de um espaço singular, diferente do espaço “profano” ou “ordinário”, para que se realize o processo curativo, aqui também as “Oficinas” retiram as crianças do espaço social para que se gere uma atmosfera propícia à expressão livre do pensamento. Desaparecem, assim, os obstáculos visíveis do mundo regrado e regulador dos adultos, para que as crianças possam inventar e criar sem entraves.

Nascem ao mesmo tempo, nessa atmosfera, forças soltas que se investem em palavras inesperadas, em frases ouvidas e lidas, muitas delas, na primeira sala de encontro das crianças (o “trampolim”) em que, sob as figuras de filósofos suspensos do tecto, estão inscritos alguns dos seus pensamentos e frases de crianças que reflectem um conteúdo filosófico. Há liberdade de pensamento, mas há também, desde o início, a partir dessas frases, indução de um certo espaço de pensamento.

As questões que surgem são essencialmente existenciais e filosóficas. “Porque é que nós existimos?”, “Se não havia nada, porque é que surgiu alguma coisa?”, “Nós não temos nome, não sei quem sou, se calhar nada tem nome”, “Será o medo uma ideia?” – perguntas que não cessam de brotar, como se as crianças, espontaneamente, pensassem filosoficamente.

“Espontaneamente” toma aqui um sentido preciso. Se as crianças são seres metafísicos – isto é, que interrogam metafisicamente o mundo – é porque, para elas (como para o filósofo), as questões nascem do sentimento da novidade radical do mundo e das coisas (do espanto, para o filósofo). É que cada dia, para eles, é como o primeiro dia,

Mas como criar pontes, passagens, conexões entre Arte e Filosofia? Aplicando o princípio da contaminação. Contaminação entre os membros da equipa vindos de áreas diferentes de trabalho, contaminação entre a equipa e as crianças e, por fim, entre estas e o público adulto.

porque eles próprios se transformam e devêm de um dia para outro. Eles devêm e vêm e vivem o mundo sempre diferente, como se acabassem de nascer. As crianças vivem naturalmente no espanto de existir – eis por que são seres naturalmente filosóficos.

Por o ter compreendido, a equipa da Fábrica das Artes (Maria José Solla, Manuel Moreira, Tânia Guerreiro, Carla Castro, Rita Pedro, Ana Silvestre, Maria Gil, Pedro Silva, Gil Dionísio, equipa coordenada por Madalena Wallenstein) concebeu Oficinas e dispositivos em que o Pensamento Filosófico era imediatamente acção, criando dramaturgias e espaços cénicos aonde as crianças procuravam respostas a enigmas, formulavam problemas a partir de outros problemas (por exemplo, a sala “Línguas de perguntador” e “Biblioteca mínima”). As ligações, as associações entre pensamento filosófico e sensações existenciais e artísticas produzidas pelas crianças revelaram-se riquíssimas e complexas.

Mas como criar pontes, passagens, conexões entre Arte e Filosofia? Aplicando o princípio da contaminação. Contaminação entre os membros da equipa vindos de áreas diferentes de trabalho, contaminação entre a equipa e as crianças e, por fim, entre estas e o público adulto. Como opera a contaminação? Por osmose de forças. Forças heterogéneas cruzam-se, atraem-se, transformam-se e aumentam a sua intensidade. Mas como foi possível a atracção e a transformação que permitiu uma dinâmica de trocas tal que os artistas começaram a pensar filosoficamente sem deixar de ser artistas e a filósofa começou a pensar com imagens, espaços, objectos artísticos sem deixar de ser filósofa? Este cruzamento – que, como se disse, se multiplicou depois com a intervenção dos pais – só se tornou efectivo e criador com a construção de um plano. Um estranho plano em que os elementos heterogéneos entram em osmose sem perderem a sua singularidade: um plano *de consistência* em que coexistem e se conectam intensivamente as interrogações da filósofa, as criações dos artistas, o pensamento-acção das crianças e o devir-criança dos adultos. E o que é esse plano em que todos se encontram e devêm mais intensos, mais eles mesmos, ao mesmo tempo que devêm outros? É o plano em que as ligações e conexões obedecem ao princípio do “bom encontro” – os encontros em que cada elemento,

Um aspecto que não evocámos e que me parece extremamente importante: as crianças que viveram, que interrogaram, escreveram, agiram nas Oficinas eram felizes.

Será possível conceber um dia, com trabalhos como este da Fábrica das Artes, uma escola feliz?

pela natureza própria da sua força, é atraído por outra força que lhe “convém” (como diria Espinosa). É o plano do espanto, do espanto que nasce porque há qualquer coisa em vez de nada. É o plano do vazio que subjaz à existência de qualquer coisa. E não é esse vazio que a criação artística subentende, não é ele que suporta a interrogação filosófica, não é ele que faz das crianças seres metafísicos?

Eis, pois, o que tornou possível a contaminação entre arte e filosofia, o encontro das crianças com os adultos – indo de vazio a vazio – e, afinal, todo o extraordinário trabalho das Oficinas. Acresce que não é por acaso que criações como a “Biblioteca mínima” ou a “Máquina de fazer perguntas” são atravessadas por uma poesia particular que a aproxima do espanto e que também vem do vazio.

Este trabalho teve um grande efeito sobre as crianças que nele participaram. Efeito múltiplo, de que a maior parte permanece invisível e desconhecido, mas de que sabemos pelo menos uma coisa: alargou o espaço de liberdade das crianças, soltou nelas novas forças, autonomizou-as na sua expressão.

Quem não vê as possibilidades que este trabalho abre enquanto contributo decisivo para os projectos educativos escolares? Um aspecto que não evocámos e que me parece extremamente importante: as crianças que viveram, que interrogaram, escreveram, agiram nas Oficinas eram *felizes*. Será possível conceber um dia, com trabalhos como este da Fábrica das Artes, uma escola feliz?

JOSÉ GIL
FILÓSOFO, ENSAÍSTA E PROFESSOR

O que é a arte?

**"O MEU TERRITÓRIO
É O MEU PENSAMENTO"**

MADALENA WALLENSTEIN

PROGRAMADORA E COORDENADORA
CCB [FÁBRICA DAS ARTES — SERVIÇO EDUCATIVO]

A TODAS AS INFÂNCIAS;
AO SAMUEL GUIMARÃES, PELO DESAFIO;
À ZIZA, À TÂNIA E AO MANUEL, PELA COMPANHIA.

**SE NÃO HAVIA NADA,
COMO É QUE SURTIU
ALGUMA COISA?**

(NUNO, 8 ANOS)

[...] a infância é devir; sem pacto, sem falta, sem fim, sem captura; ela é desequilíbrio; busca; novos territórios; nomadismo; encontro; multiplicidade em processo; diferença; experiência. Diferença não-numérica; diferença em si mesma; diferença livre de pressupostos. Vida experimentada; expressão de vida; vida em movimento; vida em experiência.

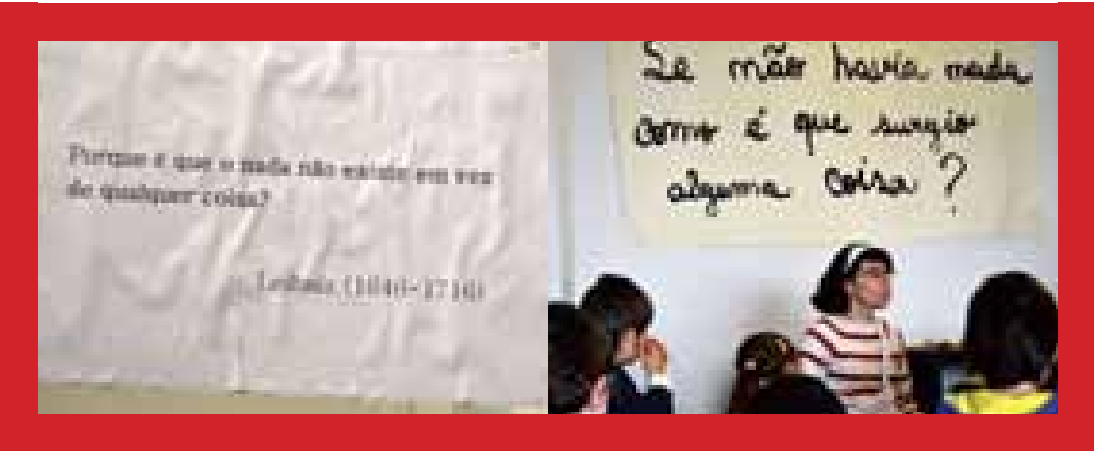
WALTER OMAR KOHAN, 2003

INTRODUÇÃO

Este *Caderno* de trabalho surge do desejo de ultrapassar a efemeridade dos processos artísticos e educativos desenvolvidos no âmbito das instituições culturais e de abraçar um desafio lançado quanto à urgência de registar, de escrever, de deixar ideias e estímulos, de descrever práticas e experiências realizadas, de lançar reflexão, de deixar em aberto novas possibilidades, como forma de resistir à oclusão do conhecimento e da arte e de contribuir, desta forma, para uma maior partilha e uma maior riqueza no que diz respeito ao território mais vasto da arte e da educação.

Propomo-nos registar o processo de trabalho que teve lugar no âmbito do laboratório de pesquisa **“Pensamento, Filosofia e Contemplação Artística”** que resultou do encontro entre programadora, equipa, artistas, filósofos e públicos, que se desenvolveu entre Junho de 2012, com o lançamento da primeira sessão de trabalho e reflexão, e Novembro de 2013, momento da produção escrita e gráfica deste *Caderno*, e cuja programação habitou a Fábrica das Artes do CCB no trimestre de Janeiro a Março de 2013 ¹.

¹ Pode consultar, nos anexos no final deste *Caderno*, o suporte de divulgação desta programação. Aí, encontrará sinopses, fichas artísticas e os públicos a que esta programação foi dirigida.



1

2



3 ESPAÇO BRANCO

4 ESPAÇO PRETO



5 MOMENTO DA GAVETA “NA MEDIDA DO POSSÍVEL”
BIBLIOTECA MÍNIMA / ANA SILVESTRE

Gostaríamos de salvaguardar que não se trata de oferecer uma metodologia ou de descrever de forma sistemática um projecto e as suas etapas, mas antes de registar um testemunho dos pressupostos, da reflexão, da experiência realizada e da procura de um espaço comum de trabalho, de questionamento, inquietação, discussão, experimentação, entusiasmo e descoberta de novos processos de criação e materialização de conceitos e ideias. Trata-se da concepção desta oferta artística, sabendo nós que poderemos correr o risco, ao transpormos tudo isto para a escrita, de tornar redutoras tanto a complexidade real deste processo, como a riqueza humana da experiência.

Ao longo do texto surgem, dentro de caixas, testemunhos da equipa que realizou este programa – uma outra voz, espontânea, vinda de dentro. Estes testemunhos são o resultado de um exercício proposto por mim à equipa, já na fase de preparação deste *Caderno* de trabalho:

“O que me contaminou? O que contaminei?”

GÉNESE

A criação deste Laboratório de Pesquisa surge da análise de dois projectos distintos propostos à Fábrica das Artes: O primeiro, do Teatro do Silêncio, é a criação de uma instalação/oficina concebida por uma equipa transdisciplinar (Maria Gil, encenadora e actriz / Pedro Silva, cenógrafo / Gil Dionísio, músico) que, partindo da premissa autobiográfica em que a companhia fundamenta o seu trabalho, se propunha explorar temas transversais à condição humana e conduzir crianças, jovens e adultos num percurso que leva ao reconhecimento da importância do questionamento. Este percurso começa num espaço branco no qual “se acorda o espanto e se aguça a curiosidade pelo mundo e pelas coisas”, o sítio onde o pensamento se inicia e a pergunta se fabrica e que leva a um outro espaço, preto, preenchido de objectos significantes, pertença desta instalação, a materialização de enigmas filosóficos com os quais os participantes se confrontam e exploram. [FIGS. 3 E 4]

O segundo projecto é a reposição da **Biblioteca Mínima** de Ana Silvestre, uma estrutura de madeira com diversos compartimentos, um objecto que guarda “preciosidades da vida e a imensidão do desconhecido” e que, na sua exploração performativa e interactiva, recorre a uma linguagem e a um olhar poéticos, a coisas pequenas e invisíveis, apelando a uma “microescuta”, a uma dimensão sensível e delicada, à vivência estética, a uma leitura do mundo. [FIG. 5]

Estas duas propostas, com identidades artísticas distintas que pressunham a sua eventual programação autónoma, empurradas por uma aparição simultânea e aparentemente casual, ganham, do ponto de vista da programação, novas possibilidades, se pensarmos sobre o que têm em comum. A materialização que a lógica artística oferece propõe, nestes casos, recorrer ao impulso, ao espanto, à pergunta, à poesia para transportar os participantes para um outro território, no qual se podem revelar múltiplas dimensões: do exterior/interior, do concreto/abstracto, da localização do nascimento da ideia, de imaginar “antes e depois”. É facilitado o impulso humano para a emergência de utopias como a dimensão essencial da existência e, particularmente, explorada a dimensão do pensamento, da filosofia, no plano metafísico e, sobretudo, ontológico do ser, do “eu”, do outro, das coisas e do mundo.

Simultaneamente, a natureza destas duas propostas artísticas transporta em si uma intencionalidade educativa para a formação do indivíduo, na qual está implícito um discurso que, do ponto de vista ideológico, não é de todo neutro, sobre a concepção da infância, da educação e sobre o papel da arte na sociedade. Evidenciam um posicionamento relacional aberto às possibilidades, disponível, despojado, generoso e responsável com o indivíduo, com a vida, com o mundo; a relação com a tensão *essencial do ser* a que o filósofo José Gil chamou de “um vazio a outro vazio”², que autoriza o nascimento da questão, que projecta para a procura, para o impulso lúdico, para a criação. [FIG. 6]

Aqui, a Arte, através dessa intencionalidade educativa, pode oferecer uma dimensão que não reduz, na qual não existe a previsibilidade do pensamento único, nunca certo nem errado. Pode oferecer percursos não-lineares, sustentados pelo pensamento divergente em que a criatividade assenta e que leva à significação, à multiplicidade de sentidos, à produção de identidade, ao pensamento crítico e à consolidação das noções de ética e de estética. A criatividade não é exclusiva da arte. É pertença da vida, de toda a actividade humana, da sua realização, da construção da narrativa biográfica de cada um, da sua projecção no futuro, para imaginar projectos possíveis.

A certeza de que estamos perante um campo que liga os domínios da arte, da filosofia e da infância leva-me a propor aos artistas Maria Gil, Pedro Silva, Gil Dionísio e Ana Silvestre a participação neste Laboratório de Pesquisa e a convidar a filósofa Rita Pedro, que desenvolve o seu trabalho na área da Filosofia Com Crianças, a juntar-se a este grupo de trabalho.



6 RITA PEDRO E MARIA GIL VIVEM A SITUAÇÃO “DE UM VAZIO A OUTRO VAZIO”

² Expressão de José Gil quando realizou uma visita ao CCB [Fábrica das Artes – Projecto Educativo] durante esta programação.

A ARTE, A FILOSOFIA E A INFÂNCIA

*Já viram como as crianças brincam?
Quando aparece uma coisa nova, as crianças olham, vêem, ouvem, sentem, cheiram, abrem, desmancham, atiram ao ar, mostram, partilham, exploram, investigam, guardam, reservam, riem, choram enquanto a descobrem; e a condição para a largar sem hesitação é que apareça outra coisa nova e tudo, outra vez, para inventar.
Brincar... as crianças ensinam muito mais do que aprendem.*

Escrevi isto em 2003, a propósito de uma formação dirigida a professores sobre mediação educativa.

Esta capacidade manifesta na infância, a capacidade de recomeço, de descoberta, de invenção, de liberdade não é exclusiva da criança. Mas, para isso, é necessário resgatar a infância dum tempo isolado, no qual ela é habitualmente perspectivada do ponto de vista cronológico, como sendo um ser indefinido, que está por vir, que ainda não é. Deleuze concebeu a ideia “devir-criança”:

“O devir é uma antimemória... A partir deste ponto de vista, é um bloco de infância, ou um devir-criança, que se opõe à recordação de infância: ‘uma’ criança molecular é produzida... ‘uma’ criança coexiste connosco, numa zona de vizinhança ou num bloco de devir, sobre uma linha de desterritorialização que nos carrega a ambos – ao contrário da criança que fomos, da qual nos lembramos ou fantasiamos, a criança molar cujo futuro está no adulto.”³

A relação natural entre a infância, a arte e a filosofia, o que há de infância nos filósofos e nos artistas, a sua curiosidade, o seu modo de olhar as coisas, de ver a dimensão do sensível, do posicionamento perante elas, da *brincadeira* com elementos da vida e do mundo, do jogo das variáveis, enfim, a aproximação entre a experiência da infância e a experiência dos artistas e dos filósofos pode ser agregada através da ideia do “devir-criança”.

Esta ideia de infância poderá ajudar a ouvir e compreender melhor as crianças e as suas capacidades, a resgatá-las da sua solidão em relação ao tempo e ao mundo do adulto e, por outro lado, a conceber a existência de múltiplas infâncias, se (re)pensarmos a representação do tempo, da cronologia, da maioridade. Isso implica uma permutação de papéis e de

³ Gilles Deleuze, *Mille Plateaux*, Paris, Les Éditions de Minuit, 1980.

lugares: o que é ser criança, o que é ser adulto, o que é ensinar, o que é aprender, qual o valor dado à experiência.

É neste território que a programação da Fábrica das Artes do CCB é pensada *Para Todas as Infâncias*. Está subjacente a ideia de que a infância é transversal ao tempo de vida e que um espectáculo ou uma oficina podem ser concebidos a partir do pressuposto de que existem muitas camadas possíveis de leitura, de fruição, de interpretação pelos diversos públicos. “Um artista, todos os públicos”, um dos nossos espaços de programação, consiste em convidar um artista a apresentar um projecto forte e abrangente, a partir do qual podemos desdobrá-lo em propostas para todos os nossos públicos (crianças, adolescentes, graúdos – adultos e idosos – e profissionais que habitam o espaço de formação “Entre a Arte e a Educação”), ajustando tempos, linguagem, intenções e percursos.

À programadora de um projecto educativo como a Fábrica das Artes importa criar circunstâncias multidimensionais que se desdobrem tanto para a pesquisa dos criadores, como para a diversidade dos públicos, circunstâncias que potenciem a procura de novos modos de experimentação artística e novos processos de trabalho na qual a própria programação é parte integrante e interessada, na medida em que busca aí a afirmação da sua identidade e encontra pistas para continuar um caminho renovado, próspero e criativo. Entendendo a construção da programação como um “voo” sobre um território no qual se estabelecem relações entre a Arte, as Instituições Culturais, a Sociedade e as suas urgências, podemos encontrar nos espaços vazios um potencial único de zonas a ocupar: O que é que **falta**?

“INCOMPETÊNCIAS DA ESPECIALIDADE”

Neste contexto, em vez de programar isoladamente as propostas do Teatro do Silêncio, levando à reprodução das suas próprias metodologias de trabalho, e da *Biblioteca Mínima*, repondo o que já tinha sido encontrado, propusemos criar um campo comum de pesquisa e experimentação, reflexão e contaminação que, convocando estas identidades e experiências prévias, pudesse permitir uma transversalidade lançada a partir de *corpora* de conhecimentos específicos para poderem ser cruzados, que, pelo encontro e confronto entre a arte, a filosofia, a infância e a educação, se abrisse, talvez, a possibilidade de encontrar um outro campo desconhecido.

Pretendeu-se, a partir de semelhanças e dissemelhanças entre estes campos, clarificar e aprofundar conceitos implícitos, confrontar processos e metodologias usados e a natureza dos processos mentais e cria-

CONTAMINOU-ME...

1

A alegria do encontro com o que nos é diferente e o que nos identifica. De criar e pensar em conjunto com experiências diferentes, formas de pensar diferentes... e encontros semelhantes.

ANA SILVESTRE

As conversas – sessões de trabalho e reflexão – contaminaram-me. Ter um período para conversarmos. Tão simples e tão difícil de conseguir nos tempos que correm em que temos de estar sempre a ‘fazer’, a ‘dar’, a ‘responder’. Estas conversas ao longo do tempo foram coerentes, ou seja, não foram apenas para começar, mas foram acontecendo ao longo do processo, no fim e agora para a construção do Caderno de trabalho. Faz com que a experiência entranhe, dá tempo para pensar nas coisas e para nos inspirarmos pelos outros. Faz o todo.

MARIA GIL

A liberdade, leveza e humor atribuídos às figuras dos filósofos pelos artistas, através da clareira dos filósofos com os retratos deles, criada pela Tânia Guerreiro e pela performance da Maria e do Gil. É uma ruptura com a relação aprendida na universidade com estas figuras, ao longo do curso, cheias de peso, distância e um respeito austero, como se estivéssemos diante de pessoas muito distantes. Partilho este trabalho de desconstrução do carácter sério e elitista da filosofia para a elaboração de uma nova filosofia com crianças, com pessoas, uma filosofia na vida, com a vida.

RITA PEDRO

A expressão da Madalena para designar o que há de comum nas pessoas envolvidas neste trabalho: ‘Convidei-vos para trabalharem em conjunto porque acho que têm todos os mesmos pressupostos existenciais.’ Fui contaminada porque isso significava então que, para ela, a criação e a existência estão no mesmo plano!

RITA PEDRO

O espanto com a materialização das operações concretas do pensamento ou de exercícios filosóficos, tais como fazer perguntas através da Máquina que só Funciona a Perguntas na oficina ‘Linguas de Perguntador’ do Teatro do Silêncio. Senti curiosidade e estranheza nas primeiras sessões de trabalho em que os artistas, neste caso o cenógrafo, apresentaram a ideia de Máquina que só Funciona a Perguntas. O que será? Como será? Como se irá materializar e funcionar, perguntava-me.

RITA PEDRO

2

Ó Rita, esta ideia, este conceito, é o quê? Como é que se chama em filosofia?

MARIA GIL

Vamos definir enigma...? paradoxo...?

MARIA GIL

Rita, encontraste um corpo para a filosofia?

ANA SILVESTRE

tivos. A partir do testemunho deste percurso, que se desenrolou nos seis meses que antecederam a chegada do público e nos três meses de encontro com ele, pelo entusiasmo e alegria que produziu, a profundidade e riqueza que permitiu e a curiosidade que suscitou a entrada no campo do outro, a da arte na filosofia e da filosofia na arte, tornou-se fácil identificar as zonas que **faltava** ocupar e que podem acrescentar novas perspectivas àquilo que já está a ser feito no momento.

[CONTAMINAÇÃO 1]

A potencialidade de ultrapassar a especialização, o seu fechamento, de evitar a reprodução de processos que poderão remeter para a sua tecnificação e mecanização permite, no encontro com o “outro”, lançar desafios, desdobrar perspectivas, contaminar, procurar o novo e construir um campo fértil para futuras explorações.

Lembro-me de algumas situações que daqui surgiram e que podem ilustrar o que acabo de descrever. [CONTAMINAÇÃO 2]

TRAMPOLIM “O MEU TERRITÓRIO É O MEU PENSAMENTO”

Entre as várias dimensões que integram a mediação artística, isolámos as dimensões do impulso, da fruição e da reflexão para, particularmente, as explorar. Debruçámo-nos, assim, sobre a zona do impulso, a que gosto de chamar **“trampolim”**, a disponibilização para a experiência, que permite aos participantes o seu “voo” para o território proposto pelos artistas. Neste caso, este processo acontece com o recurso a uma instalação criada pelos artistas no primeiro espaço de encontro com o público, na qual estão reunidas imagens de filósofos, de Platão a Deleuze, de Heraclito a Agostinho da Silva, de Santo Agostinho a Hannah Arendt, de Descartes ao José Gil, de...

Esta reunião improvável traz consigo a dimensão intemporal do pensamento filosófico que é reforçada pela coabitação, lado a lado, entre placas suspensas com frases e questões destes filósofos e frases e questões levantadas por crianças. A natureza semelhante, encontrada na problematização dos filósofos e das crianças, leva a que, aqui, a filosofia deixe, assim, de ser exclusiva dos filósofos e dos adultos. É através da *performance* interactiva dos actores e músicos que apresentam este universo que é autorizada a entrada da infância no território da filosofia.

O impulso e a disponibilização abrem, aos participantes/público, a porta de entrada para a aventura intelectual e para aventura da experiência do sensível num espaço onde se reúnem a razão e a emoção. É através da



*A relação natural entre
a infância, a arte e a
filosofia, o que há de
infância nos filósofos
e nos artistas, a sua
curiosidade, o seu modo
de olhar as coisas, de ver a
dimensão do sensível, do
posicionamento perante
elas, da brincadeira*

Como é que o mar

mar?
eu!

*com elementos da vida e
do mundo, do jogo das
variáveis, enfim,
a aproximação entre a
experiência da infância e
a experiência dos artistas
e dos filósofos pode ser
agregada através da ideia
do “devir-criança”.*

experiência, do percurso, que surge o reconhecimento pessoal de que “**o meu território é o meu pensamento**”, do qual emerge a individualidade e que permite desencadear e alinhar pensamento crítico e pensamento criativo. É a partir do alcance deste envolvimento que experimentamos modelos de aperfeiçoamento expressivo e comunicativo.

A consciência de que é necessário contribuir para ultrapassar a dimensão redutora do “fazer”, a que uma determinada pedagogia tem remetido a educação estética e artística, leva-nos também a querer aprofundar contextos favoráveis à reflexão. É justamente neste âmbito que penso que a Filosofia Com Crianças pode oferecer, tanto à educação artística, como à educação em geral, uma potencialidade que se mostra ainda tímida e que **falta** explorar.

FILOSOFIA COM CRIANÇAS

A Filosofia Com Crianças (FCC) é um campo de encontro entre a Filosofia, a Pedagogia e a Infância, que conduz a um trabalho sobre a qualidade relacional. Estão implícitos mecanismos de mediação democrática do pensamento filosófico na infância. A prática do diálogo encoraja a dimensão do pensar juntos e propõe um campo livre de reflexão e debate de problemas filosóficos a partir de questões comuns a todos os seres humanos, que emergem de forma espontânea e natural das próprias crianças.

Os pressupostos que oferece são favoráveis à compreensão e análise dos comportamentos da criança e aceitam como válidas as perguntas feitas e as respostas dadas em qualquer fase do desenvolvimento em que se encontrem. Não procedem à confirmação ou negação das afirmações, reorientando o sentido da reflexão sempre que a dispersão no debate assim o exija, valorizando o pensamento e a satisfação com as respostas encontradas no seio do seu grupo de pares. É uma disciplina específica de gestão de pensamento e desenrola-se num contexto fechado, normalmente em contexto de sala de aula, ao longo do ano lectivo.

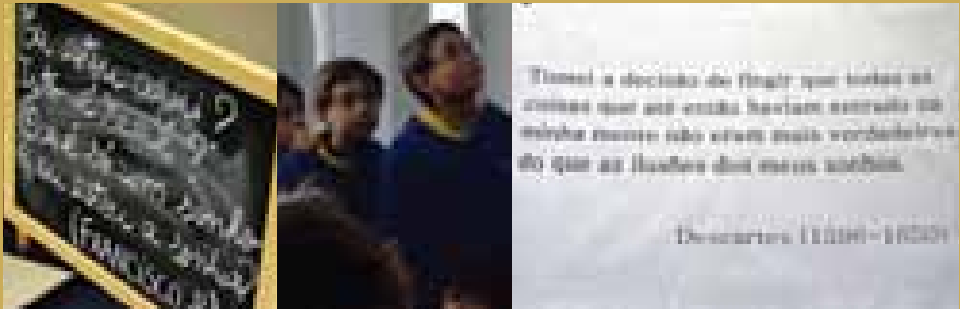
A Filosofia Com Crianças transporta em si uma concepção da criança que a emancipa de um contexto histórico instrumentalizador da educação para se realizar politicamente e revelador de um pensamento hegemónico sobre a infância. A pedagogia que podemos, ainda hoje, encontrar de forma generalizada nas nossas escolas é fortemente normativa e lê a criança como ser passivo, mero receptor de ideias, um potencial a moldar e, portanto, nega-lhe o valor da experiência desse tempo da infância. A FCC “desinfatila-a” porque a coloca em situação

*A contaminação fez-me descreiar
com o mesmo amor com que criei,
desmaterializar, ao mesmo tempo que a
materialização acontecia para a Rita.
A filosofia ganhava corpo, e a minha
biblioteca ganhava pensamento. Se lhe
tirássemos uma fotografia no final deste
trabalho, ela teria alma.*

ANA SILVESTRE

*A emoção da filósofa Rita Pedro ao
viver o efeito da projecção da luz que
transforma a sala num espaço cénico
e ao sentir, nesse espaço, o impacto da
performance, que está muito para lá
da técnica, da actriz Tânia Guerreiro
ao dizer os textos por si escolhidos. Por
exemplo, a emoção da Rita, que espelha
o fascínio pela descoberta do poder de
elementos artísticos no seu campo de
trabalho, quando é devolvida aos artistas,
provoca, por sua vez, uma nova energia e
entusiasmo, que se vai reproduzindo em
ricochete, nas várias direcções.*

MADALENA



de sujeito do pensamento, atribui-lhe o papel de actor social e ensina a participação no espaço público e o debate democrático das ideias.

Walter Kohan, a propósito dos ensinamentos que Deleuze trouxe para o seu campo de trabalho, o da FCC, afirma que “*aprendemos a dar importância às formas não-subjectivas, impessoais, que circulam – não sem dores e dificuldades – pelas instituições educacionais. Ou que, em todo o caso, podem nelas ser desenhadas, tais como devires, linhas de fuga, ritornelos. Ou seja, a deixar de pensar a educação como um dispositivo de formação de determinadas subjectividades para pensá-la como uma prática disparadora ou propiciadora de espaços que interrompem a dinâmica dominante na escola, aquela que disciplina, controla e conforma*”; aprendemos “*... a sair do mundo da prescrição e da normativa e a apreciar a imanência de vida*” ⁴.

Quando a escola escolhe sair do seu espaço e ir às instituições culturais para viver uma experiência artística, está já, à partida, a abrir o que poderá vir a ser o espaço que Kohan propõe.

Existe *educar*, mas também *deseducar*. O *deseducar* é fortemente alimentado pela comunicação ruidosa e parda dos média e do entretenimento que entra por todos os lados na casa, na escola, no espaço público. Educar, hoje, exige um esforço redobrado, um contrapeso, uma vigilância crítica, que obste à *deseducação*, e a arte e a filosofia podem concorrer nesse sentido.

Penso que as potencialidades da FCC poderiam ser extrapoladas para um território muito mais vasto, se considerarmos a importância das suas qualidades fundamentais para qualquer circunstância educativa. É com convicção que afirmo que a Arte e a Filosofia Com Crianças teriam um enorme potencial se fossem implementadas de forma generalizada e consistente na formação dos professores, educadores, mediadores e como disciplinas fundamentais durante todo o percurso formativo das crianças e jovens, dentro e fora da escola, desde o jardim-de-infância. Educar é abrir um leque de experiências, é facilitar o direito a desenvolver as potencialidades que permitem viver a experiência humana de forma plena. Hoje, o que o mundo pede são pessoas que se conhecem a si próprias, dotadas de pensamento crítico, que saibam analisar, diferenciar, relacionar e escolher, que demonstrem um pensamento transversal perante o conhecimento, uma atitude de entusiasmo e compromisso perante a vida e perante o mundo.

⁴ Walter Omar Kohan e Beatriz Fabiana Olarieta, *A Escola Pública Aposta no Pensamento*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

**O LABORATÓRIO:
ZONA DE CONTAMINAÇÃO**

Descrição empírica deste domínio: tempo, espaço, metodologia, aproximação, relação, dinâmica, estrutura, pressupostos, desafios.

[QUADRO 1]

APROXIMAÇÃO, RELAÇÃO, DINÂMICA

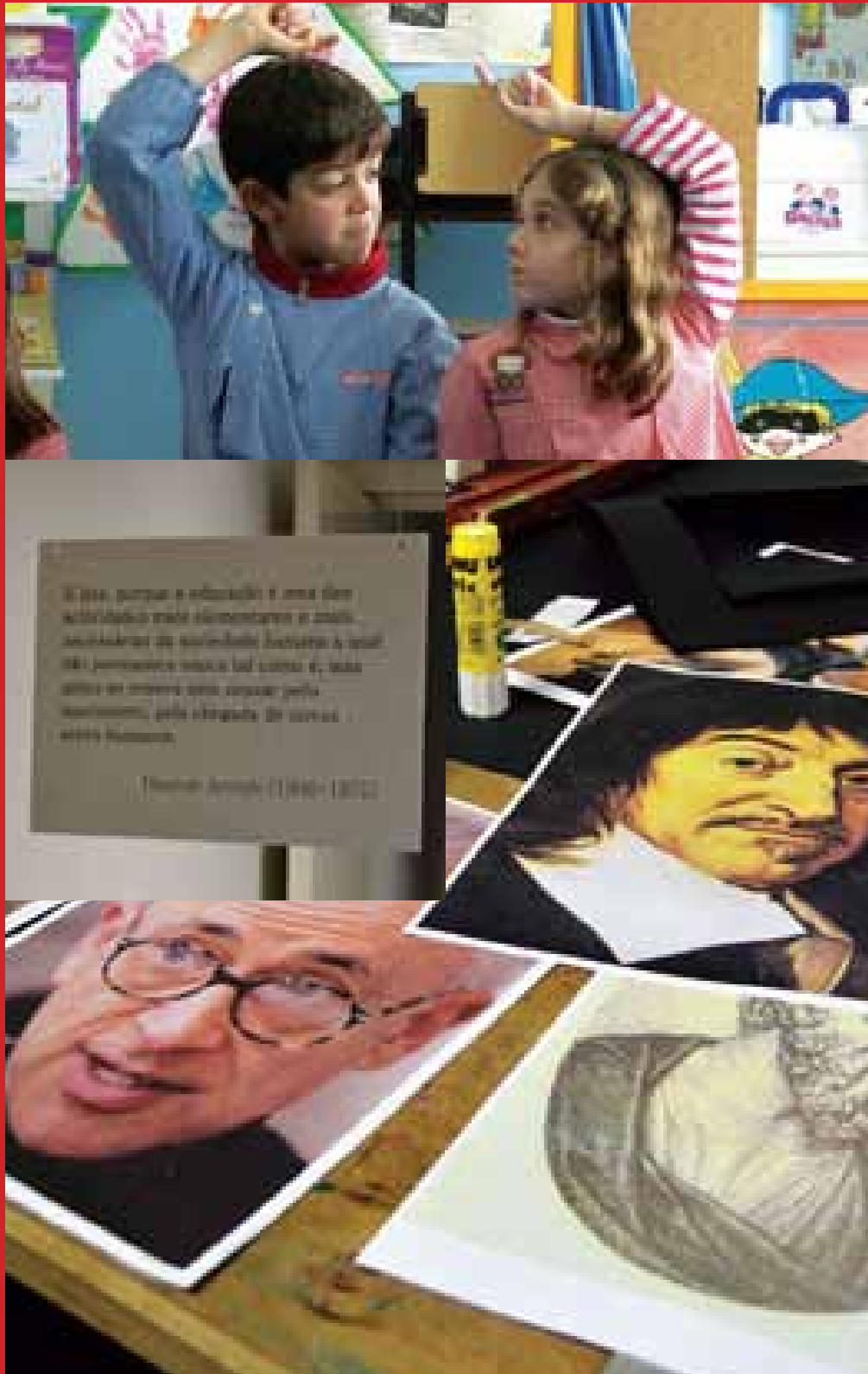
Nos seis meses que antecederam a chegada do público, no Laboratório fomos definindo o nosso campo e a nossa metodologia de trabalho, encontrando dinâmicas de relação e aproximação para os espaços de troca, e antevimos a estrutura do processo e as dimensões espaciais e temporais. Discutimos e clarificámos pressupostos, intencionalidades e pertinência. Problematisou-se e foram lançadas provocações e desafios. Surgiram conflitos criativos e encontraram-se soluções. Estabeleceu-se uma metodologia assente na acção/reflexão que convocou espaços de investigação e experimentação, de percepção, de eco e de encaixe.

Comecei por imprimir uma regularidade nas sessões de trabalho e quis garantir um espaço que estivesse preenchido por um tempo longo, por tranquilidade, segurança, efervescência e liberdade.

Logo na primeira sessão de trabalho, trocaram-se referências, textos, vídeos; choveram relatos, questionamentos e curiosidades entre os vários espaços pessoais de trabalho. A partir deste pano de fundo preenchido pelas identidades que se trocavam e relações que se estabeleciam, medimos a distância a que estavam os artistas da filosofia, e a filósofa da arte. Penso que foi absolutamente determinante que o processo artístico fosse, para a Rita Pedro, um campo pouco conhecido porque permitiu, da sua parte, um questionamento persistente e um espanto manifesto. Isso exigiu aos artistas voltar atrás, verbalizar consensos implícitos que, afinal, não estavam livres de reflexão e discussão. Para os artistas e para a filósofa, a aproximação levou a uma tradução de uma linguagem para outra. Neste espaço de convergência disciplinar, a tradução catalisou facilitadores de olhares e reforçou elementos mediadores.

[CONTAMINAÇÃO 3]

Nos períodos de ensaio, de montagem e de realização das propostas com o público, os artistas e a filósofa visitaram-se uns aos outros, colocaram-se em diferentes papéis (observadores, participantes, críticos), apropriaram-se e integraram lastros das propostas anteriores nas suas. Investiram tempo, disponibilidade, vontade, escuta, presença. Divertiram-se!



[QUADRO 1]

TEMPO

**ZONA DA PARTIDA
JUNHO A DEZEMBRO 2012**

Sessões de trabalho de reflexão e discussão regulares.
Residência de criação artística do **Teatro do Silêncio**.
Concepção da **Oficina** de Filosofia **“Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?”**, de Rita Pedro e Tânia Guerreiro, e do espaço de formação em continuidade **“Entre a Arte e Educação – Aprender a Desaprender”**, de Rita Pedro.
Concepção da **Oficina** proposta à **Ana Silvestre** a partir do espectáculo **“Biblioteca Mínima”**.

**ZONA DO PÚBLICO
JANEIRO A MARÇO 2013**

Estreia **“Biblioteca Mínima”** dirigida a todos os nossos públicos.
Começa **“Entre a Arte e Educação – Aprender a Desaprender”**, formação de Filosofia Com Crianças dirigida a professores, pais e artistas.
Estreia oficina de Filosofia Com Crianças **“Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?”**, dirigida a crianças, jovens, escolas e famílias.
O **Teatro do Silêncio** mantém-se em residência e, no princípio de Março, estreia as suas propostas.
Esta programação fecha no fim de Março com o **Encontro/Debate “No Território do Pensamento”**, mediado por Elisa Marques e com a participação de toda a equipa.

**ZONA INCUBADORA DA ESCRITA
ABRIL A NOVEMBRO 2013**

Elaboração deste caderno de trabalho e reflexão.

ESPAÇO CCB [FÁBRICA DAS ARTES – PROJECTO EDUCATIVO]

Sala de reuniões.
Recepção da Fábrica das Artes.
Estúdio grande (Sala D).
Estúdio pequeno (Sala C).

METODOLOGIA

Acção/reflexão.

CAMPO

Espaço de intercepção entre a Arte e a Filosofia.

PRESSUPOSTOS

O QUE É UMA OFICINA?

ESTRUTURA E LIBERDADE

Para além dos pressupostos artísticos, filosóficos e educativos que fundamentam este trabalho e que expus na primeira parte deste texto, foi também importante clarificar a concepção de “Oficina” a que a continuidade do trabalho da Fábricas das Artes do CCB, no âmbito das artes performativas, nos tem levado. Este exercício permite posicionamento, convoca intencionalidades, permite ainda ver mais fundo e longe, seja no âmbito do processo de criação e preparação, seja durante o percurso de realização da oficina. Fragmentámos conceitos como:

ESPAÇO

Simbólico

Poético

Interno

Individual e colectivo

Cénico

De impulso, aquecimento, experimentação, criação

De transformação do espectador em protagonista

De tempo

De luz

De performance

De eco (prolongamentos depois da experiência ou para além “dali”)

Uma oficina é um espaço e um tempo... com fronteiras definidas e rodeada por “trampolins”, para que quem a vai habitar deles salte e entre, já em voo, com os sentidos e a curiosidade a espreguiçarem-se!

É um espaço performativo que pressupõe um trabalho dramatúrgico, uma atitude performativa, espaço(s) cénico(s), passagens entre eles, uma luz desenhada. Esta concepção leva-nos a usar nomes como *Espectáculo/Oficina* (é o caso da “Biblioteca Mínima), *Instalação/Oficina* (é o caso da proposta do Teatro do Silêncio) ou, claro, simplesmente *Oficina*.

Uma oficina é um dispositivo estruturado que integra as dimensões de instalação, de *performance*, de percurso, de dinâmica de grupo e de espaço experimental, experiencial e criativo, uma experiência que traz inteligibilidade (“inteligibilidade” é, neste caso, trazer aos outros a razão, sem explicação). É um dispositivo estruturado através do qual os participantes se implicam e são chamados a intervir, a trazer as suas

3

*Os artistas pensam por imagens?
Ordenam as imagens?*

RITA PEDRO

*A mediação de uma conversa filosófica
com os miúdos, como é que se faz?
Fui contaminada com a experiência
na formação da Rita e pela presença
da Rita nos banquetes de gomas.
Aprendi ao vê-la fazer e praticar ao
lado do Gil.*

MARIA GIL

*A liberdade, leveza e humor em relação
aos ‘nomes’ atribuídos pelos artistas
a alguns exercícios filosóficos, como o
‘banquete de gomas’, na oficina ‘Línguas
de Perguntador’, em vez de ‘debate
democrático’, ‘discussão filosófica’ ou
‘banquete filosófico’. Isto cria aderência
das crianças, envolve-as, a partir de uma
linguagem situada no plano da infância.*

RITA PEDRO

*Fui contaminada pela Rita Pedro
com a questão de suspender os juízos,
zonas, becos sem saída numa conversa,
suspender para se poder avançar. Sem
medos, ‘não há problema, se ainda
ficaram coisas por resolver naquele
bocado’.*

MARIA GIL

*Não ter medo das coisas que não são
filosóficas porque podem também levar
à filosofia.*

GIL DIONÍSIO

*O que procuro na minha subjectividade
é a universalidade.*

TÂNIA GUERREIRO



DA ESQUERDA PARA A DIREITA: MARIA GIL,
ANA SILVESTRE, MADALENA WALLENSTEIN,
RITA PEDRO E TÂNIA GUERREIRO

capacidades, os seus conhecimentos e as suas motivações, e onde é oferecida a liberdade de ser, de procurar, de experimentar, de descobrir, de criar. É o campo onde se vincula a afectividade e opera a significação da experiência artística. É o espaço em que o espectador se transforma em protagonista. Na concretização do percurso, oferecem-se surpresa, cumplicidade e aventura. É também a provocação à vontade, sensibilidade, inteligência e imaginação criativa.

O instrumento precioso é a **condução** na descoberta do percurso, um percurso com muitos sentidos possíveis, no qual os habitantes tenham de escolher... O condutor deve munir-se de atenção, de “radares” capazes de olharem para os *olhos-janelas* e de verem para dentro e fora de nós, e para fora e dentro dos outros. O condutor é um jogador que recorre a uma intuição rápida, que lê o espaço individual e o espaço colectivo, que é flexível. Terá de, eventualmente, em função das particularidades dos habitantes daquela sessão, re-arrumar as peças do tabuleiro a qualquer momento. A empatia e a firmeza são o tempero que faz com que os participantes ouçam o seu próprio pensamento e ouçam o pensamento de todos; para que se imprimam equilíbrios, ritmos e se fechem processos.

O que importa é o que fica registado na memória. Pode ser tudo ou pouco. Pode ser um momento de gargalhada, um arrepio, uma imagem..., pode ter entrado pelos ouvidos, pela cabeça, pelo coração, pela pele ou pelo corpo todo. O que importa é que, na “caixa negra” de cada um, tenha ficado a marca de uma dedada. É difícil medir a marca. Medir é comparar grandezas e, neste caso, uma das grandezas ainda está no devir.

No dia seguinte, quando os próximos habitantes estiverem quase a chegar, o espaço e o tempo, lá estará...

Vazio...

No ponto de começo...

ESPAÇO DE FORMAÇÃO ENTRE A ARTE E A EDUCAÇÃO

No âmbito deste programa, foram realizadas três propostas de formação. A da Biblioteca Mínima e a do Teatro do Silêncio realizaram-se em sessões únicas, com cinco horas de duração. A proposta de formação de Filosofia Com Crianças, “Aprender a desaprender”, teve um carácter de continuidade e desenrolou-se durante cinco sessões de quatro horas.

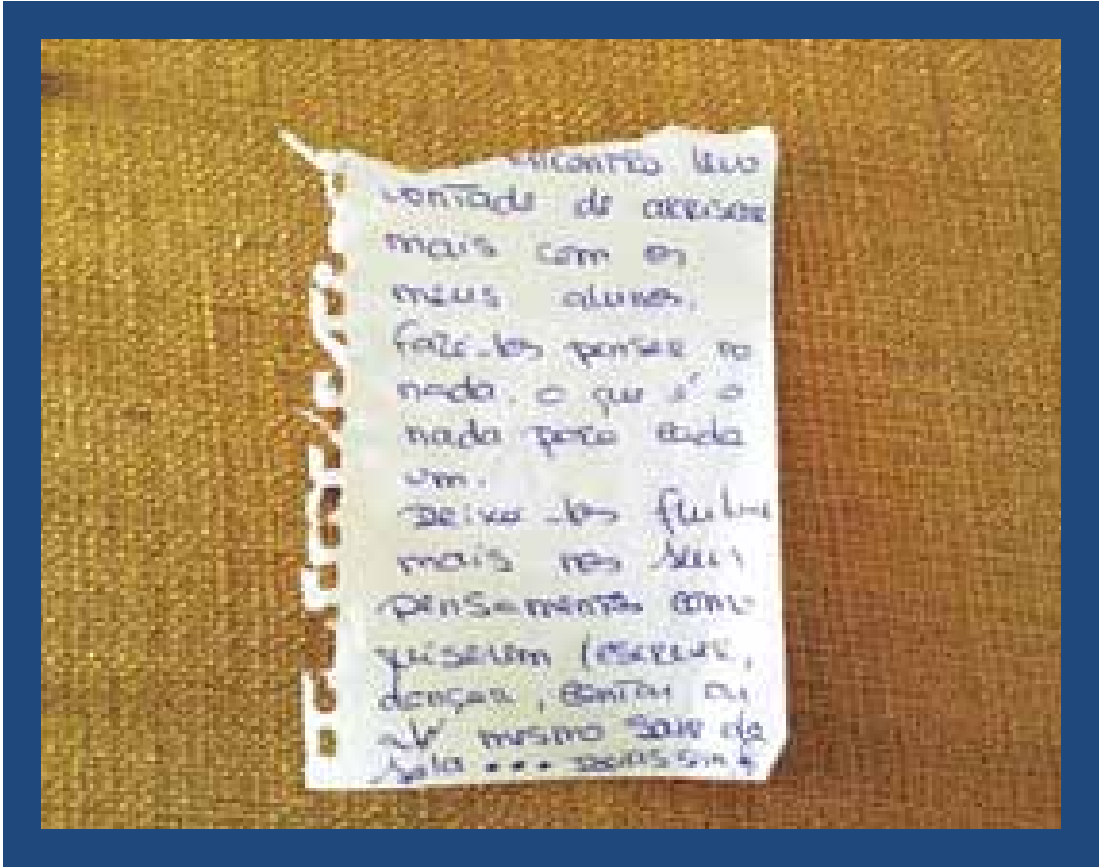
O espaço de formação **“Entre a Arte e a Educação”** parte de pressupostos semelhantes aos das oficinas. Esta programação acontece uma vez por mês e é dirigida a profissionais que habitam o espaço de cruzamento entre arte e educação (artistas, pais, professores, educadores, mediadores, animadores socioculturais, etc.). É a partir de um projecto artístico que habita a nossa programação – nas áreas do teatro, dança, música, promoção da leitura do mundo e do livro – que a formação é preparada e oferecida.

Interessa-nos colocar os participantes perto dos artistas, da atitude artística, perto dos seus processos criativos e da situação de experimentação. Interessa-nos colocar os participantes numa circunstância que permita aceder à experiência do “devir-criança”, de modo a que as potencialidades educativas da arte e da circunstância artística se entranhem, sejam por eles apropriadas.

Na maioria dos casos, a formação estrutura-se em três momentos, cuja ordem, para quem a prepara, é arbitrária:

1. A vivência artística da proposta, colocando os formandos no papel de espectador;
2. A experimentação e a criação, colocando os formandos no papel de participantes e protagonistas;
3. A desconstrução do processo criativo, momentos de questionamento, de reflexão e sistematização.

Esta circunstância formativa destaca-se da situação pedagógica transmissiva e da situação de sala de aula e, deste modo, apresenta alternativas. Remete os participantes para a apropriação de conteúdos e elementos que poderão ser por si trabalhados e, posteriormente, aplicados nos vários contextos educativos em que trabalham.



DESAFIOS LANÇADOS PELA PROGRAMADORA

DESAFIOS GERAIS

- Contaminar e ser contaminado;
- Sair da zona de conforto;
- Activar “turbinas”: estímulos, questões e discussões;
- Transparência — tornar visível o pensamento e a experiência; materializá-los; isolar o impulso, a reflexão, o diálogo e o debate; estimular a atitude filosófica, a contemplação e a interpretação.

DESAFIOS PARTICULARES

À **Rita Pedro**, o desafio lançado foi:

Se a filosofia não espera pela escola para nascer nas crianças, onde ir vê-la nascer então? Nos territórios dos seus pensamentos?

Trazer a Filosofia Com Crianças para o campo da criação artística alterando, radicalmente, a variável *tempo de duração da actividade*. Isto significa que o desafio que lancei à Rita pressupunha que ela deslocalizasse o seu trabalho do tempo longo do “ano lectivo”, uma vez por semana, em contexto de sala de aula, para o tempo de uma oficina, neste caso duas horas.

Convidei a actriz Tânia Guerreiro, que integra a equipa da Fábrica das Artes do CCB, para fazer parte, em conjunto comigo e com a Rita, do grupo de trabalho que iria conceber esta proposta e para realizar, com a Rita, esta oficina.

Interessava-me experimentar a hipótese de aceder, num tempo fulminante, ao pensamento filosófico, recorrendo a elementos artísticos para realizar este transporte. Interessava-me trazer para a FCC a exploração de um outro espaço físico (um espaço cénico e a performance), da comunicação não-verbal e do movimento, a partir de jogos de aproximação ou distanciamento, como forma de estabelecer nuances relacionais. Numa outra perspectiva, tinha quase a certeza de que o recurso aos elementos artísticos iria permitir testar estas hipóteses.

Espanto foi a Rita ter aceite este desafio de braços abertos, sabendo que esta proposta poderia abalar alguns princípios fundamentais do seu campo de trabalho. Não sem dúvidas e angústias, a Rita Pedro confiou e apropriou-se do pensamento criativo e das suas lógicas, das metodologias artísticas que testemunhou e rapidamente colocou-se, no processo,

numa atitude activa. Trouxe textos de filósofos e registos de perguntas e respostas de crianças que foi recolhendo ao longo de anos. Espantou-se com o facto de a Tânia querer imediatamente tornar visível as caras desses filósofos, de querer pesquisar elementos das suas biografias e de as colocar numa situação teatral.

[CONTAMINAÇÃO 4]

A Tânia realizou um trabalho determinante, ao fazer convergir para a oficina a sua experiência de criadora e actriz e o conhecimento, o testemunho e a experiência adquiridos no âmbito do trabalho que temos desenvolvido ao longo dos últimos cinco anos na Fábrica das Artes do CCB.

Através da sua escuta, sensibilidade e percepção dos vários campos que convergiam para a concepção da oficina, operou a união de todos estes universos. Considerou a concepção da oficina que propus (concepção que conhece bem a fundo) e o universo da Filosofia Com Crianças da Rita Pedro e contribuiu com a sua *performance* teatral, interpretando os textos de crianças e os textos retirados da obra do filósofo José Gil, *ao meio dia, os pássaros*, apresentando-se na personagem Mariana. A força da sua *performance* foi um dos elementos desencadeadores de disponibilização do público e abriu o acesso ao pensamento filosófico. Durante a oficina, a sua *performance* foi a variável utilizada para alterar ritmos e direcções no percurso e abrir novas temáticas. A sua interpretação levou, imediatamente, as crianças e os jovens a aceder aos universos propostos pelos textos (como se estes estivessem a chegar a si de uma forma quase cinematográfica) e levou-os a apropriarem-se das problemáticas filosóficas implícitas, a identificarem-se com elas, como se essas questões fossem, desde sempre, suas.

[CONTAMINAÇÃO 5]

À Ana Silvestre,

A Ana olha a sua **“Biblioteca Mínima”** como objecto inacabado, sempre em transformação. Imprime essa dinâmica transformadora numa espécie de movimento circular, abrindo espaços para surgimento de novas propostas para as suas gavetas, desistindo de outras que deixam de lhe fazer sentido. Pareceu-me particularmente interessante, no seu trabalho, a ideia de dar todo o protagonismo à *Biblioteca* e de esvaziar a sua *performance* de qualquer concepção de personagem. A Ana Silvestre coloca o foco, a energia da sua acção performativa, na mediação entre a Biblioteca e o público e joga a construção deste conceito nas fronteiras e limites do actor, personagem, mediador, condutor.

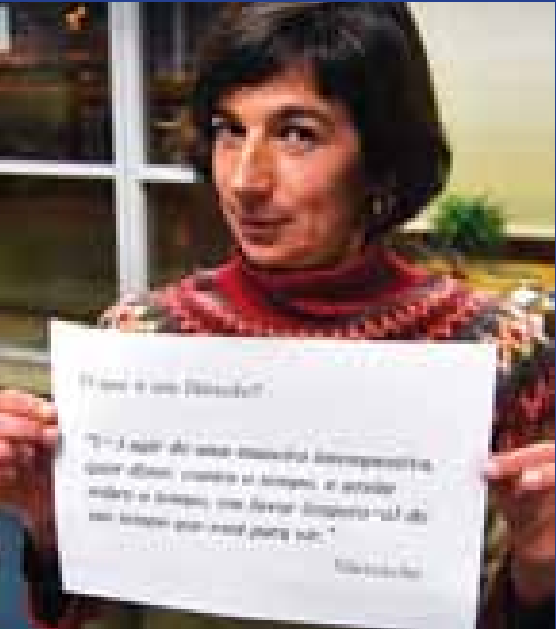
Embora a **“Biblioteca Mínima”** tenha surgido, inicialmente, como uma reposição, a Ana Silvestre colocou-se nesta equipa de forma aberta,

FUI CONTAMINADA

4

Ao perceber que os artistas pensam por ‘Imagens’ e não apenas por ideias e criam a partir delas. A Tânia ‘viu’ os filósofos a conferenciarem uns com os outros e só depois fez a instalação dos retratos dos filósofos dispostos em círculo. A Madalena vislumbrou a sala do pensamento como um espaço todo em branco e daí surgiu a ideia da materialização dessa Imagem, cobrir a sala com papel de cenário do chão até às paredes.

RITA PEDRO



CONTAMINEI

5

... os filósofos em debate na sala da entrada; imaginar um espaço acolhedor ao pensamento. Lembro-me de falarmos que teria de ser confortável e ‘cozy’ e de passar as noites a pensar em como seria possível transformar aquela sala quadrada, fria e sem janelas em alguma coisa mesmo, mesmo confortável... e depois havia a luz... como iluminá-la, e depois havia as ardósias que já não sei quem se lembrou delas... o contraste entre o preto das ardósias e os quadros brancos com as perguntas escritas a computador, diferentes da escrita manual das ardósias; o registo dos pensamentos, a Rita a registar na sala e o pensamento a ir ficando; eu / Mariana que registava, para as crianças levarem consigo as

suas perguntas, o seu pensamento; e a pergunta do Nuno (Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?) escrita com um pincel e tinta-da-china falsa (porque, na verdade, era Giotto).

TÂNIA GUERREIRO

6

A contaminação contagiante fez-me também perceber os limites da identidade da minha criação. Repensar opções. Não começar a deixar-me levar pela pergunta, mas deixar as perguntas implícitas no ar através da poesia. Este é um espaço propício ao encontro com espaço individual.

ANA SILVESTRE

participativa e disponível para se deixar levar por este encontro, por se deixar questionar e transformar. No entanto, identificou claramente os limites do questionamento e da identidade. A firmeza com que manifestou esses limites colocou *questionamento* e *convicção* em perspectiva. Considerei este facto muito importante.

À Ana Silvestre, o desafio lançado foi:

A concepção de uma oficina de criação de *bibliotecas mínimas* individuais que, na continuidade do espectáculo, explorasse a zona de eco interior, resultado da experiência artística acabada de vivenciar, e convocasse a interpretação dos seus elementos poéticos, da sua dimensão sensível, da sua leitura do mundo para, desta forma, transformar os espectadores em protagonistas.

[CONTAMINAÇÃO 7]

Ao Teatro do Silêncio,

O Teatro do Silêncio transportava já na sua proposta um desafio brutal e cuja concretização desafiava qualquer capacidade de antever percursos para chegar à criação. Como é que se materializam enigmas? Como se coloca no espaço, na instalação, o percurso do pensamento? Foi uma delícia assistir aos sucessivos conflitos criativos, à procura de soluções e, finalmente, à sua realização.

Ao Teatro do Silêncio, o desafio lançado foi:

- Ocupar o espaço de programação **“Um artista, todos os públicos”**;
- Convidar a Rita Pedro para observadora dos seus processos criativos, levando-a a compreender os seus pressupostos;
- Integrá-la na sua oficina de modo a que a Rita conduzisse os momentos de mediação do pensamento filosófico, abrindo-se a oportunidade de a equipa de artistas do Teatro do Silêncio se apropriar da sua metodologia de gestão do debate filosófico com crianças;
- Integrar na sua oficina elementos criados nas outras duas propostas (Biblioteca Mínima e FCC), cuja programação aconteceu anteriormente, e os rastros deixados pelos públicos que as habitaram.

E agora? E depois?

[CONTAMINAÇÃO 8]

Agora acontece na Oficina, e a Oficina é o sítio em que se trabalha. A Filosofia é um trabalho. Faz-se na sequência do jogo e do lúdico. Faz-se a partir do impulso dado pela *performance* dos artistas, pela instalação artística, pelo espaço cénico, por um transporte do público para o papel de protagonista. Este é um terreno fértil para emergência da criatividade. Está aqui assumido o esforço que exige a formulação da **pergun-**

ta e a procura da **resposta**. O esforço da clarificação, que surge na sua inevitável urgência logo que o sujeito se reconhece no deslumbramento perante ela. O esforço é esclarecedor e admiravelmente artístico.

Este projecto, ao mesmo tempo que assume o que há de misterioso na criação artística, abre a oportunidade de desencadear a reflexão filosófica. A dimensão artística e a dimensão filosófica vivem em ciclo e alimentam-se uma à outra. Isto não quer dizer que qualquer uma delas possa existir sem um esforço de procura, e quem diz um esforço diz um trabalho. Nem uma nem outra podem existir sem a oficina.

Como é que formulas uma pergunta? Este é já um passo muito avançado em filosofia. *Como é que a explicitas?* Perante uma boa formulação, agora há um novo problema que é o desenvolvimento dessa formulação. É o formular de novas perguntas que nos leva mais perto dessas respostas.

O grande objectivo não é preparar para que, na escola, a filosofia tenha maiores resultados. É tornar inerentes as actividades de filosofar e da criação artística. Seja no espanto, na pergunta, na resposta. Nesta cadeia – **espanto, pergunta e resposta** –, a acção acontece no espaço entre cada uma.

O **espanto** é o que na oficina faz passar à filosofia, ao passo que a admiração pode tornar-se numa coisa hipnótica, numa percepção mágica do mundo. A **pergunta**, parecendo que é jogo, é já um trabalho, o trabalho de alcançar a clareza e a exactidão no pensamento. O primeiro trabalho é a explicitação da pergunta, o que implica também uma enorme responsabilidade cívica, já que se dirige ao entendimento dela por todos. A **resposta** é criação artística exposta e proposta ao mundo. Assim, resulta a revelação do quanto foi necessário pôr uma coisa admirável no mundo.

Aqui, é o sítio onde artistas, filósofos e infâncias encontram o que há de semelhante nas suas identidades, onde a Arte confirmou o seu poder para transportar e transcender. A Filosofia Com Crianças contribuiu para aprofundar processos de reflexão e discussão. E, sem dúvida, que a Filosofia Com Crianças, neste encontro com a Arte e os seus processos, conquistou um novo espaço para o seu campo de trabalho.

As pessoas envolvidas neste projecto levarão consigo estas experiências. O que a filosofia *insufiou* neste campo de trabalho abriu possibilidades de criar muitas outras hipóteses. Depois, será que mais alguém quererá continuar?

A programadora realiza-se quando os artistas se realizam e quando o público se realiza. Quando alguém se realiza, isso é educação. O testemunho dos artistas e dos filósofos, neste *Caderno*, demonstra esse

Esta contaminação vinda por parte de todos fez-me questionar o meu trabalho; pensei melhor sobre cada edifício que tinha criado, revisei-os, alterei alguns textos, pus em causa. Entrei numa área de desconforto, insegurança potenciadora de transformação e desenvolvimento, um campo onde, por vezes, é difícil estar, mas que procuro. Um espaço ambíguo de prazer e desconforto, mas criativo.

ANA SILVESTRE

O reencontro com o trabalho do Pedro Silva, uma coincidência e, ao mesmo tempo, um olhar com pontos comuns numa escala macro na oficina do Teatro do Silêncio e uma escala mínima na minha Biblioteca. Como se houvesse uma mente comum que, mais uma vez, fazia uma ligação invisível (é interessante porque o pensamento, cientificamente, é isso, ligações, sinapses invisíveis a olho nu, e o pensamento divergente tem essa particularidade de fazer ligações entre conceitos, ideias... improváveis e não-espectáveis).*

ANA SILVESTRE

* O Pedro Silva, cenógrafo do Teatro do Silêncio, foi também o criador da estrutura da Biblioteca Mínima.



7
A criação da oficina a partir do desafio da Madalena foi formulada com base nas conversas. Dei atenção aos interstícios, às suas passagens, aos ambientes, aos materiais...

ANA SILVESTRE

8
A filosofia entrou na arte como ar, como uma nuvem, silenciosamente; um nevoeiro que insufila zonas, que valoriza interstícios, que suspende acção e conquista espaço para reflectir e dialogar.

ANA SILVESTRE

Contaminei os artistas de forma a poderem reconhecer a existência dum território filosófico intrínseco ao pensamento das crianças e identificar a pertinência de algumas questões e teorias por parte das crianças.

RITA PEDRO

facto. A evidência da realização do público chega-nos pelos comentários que fomos ouvindo. Destaco aqui o da Mariana (12 anos) que, no fim da oficina, pergunta:

Posso voltar?
Posso ter isto mais vezes,
em mais dias da minha vida,
a pensar, a discutir, a filosofar?

MARIANA (12 ANOS)

Pela(s) Mariana(s), a programação de Filosofia Com Crianças segue para a programação da Fábrica das Artes do CCB, em 2014. Abre-se também a perspectiva de encontrar outras transversalidades que permitam acordar mais curiosidades e explorações.



O grande objectivo não é preparar para que, na escola, a filosofia tenha maiores resultados. É tornar inerentes as actividades de filosofar e da criação artística, seja no **espanto**, na **pergunta**, na **resposta**. Nesta cadeia – **espanto**, **pergunta** e **resposta** –, a acção acontece no espaço entre cada uma.



CONCEPÇÃO
MADALENA WALLENSTEIN
RITA PEDRO
TÂNIA GUERREIRO
COM
RITA PEDRO
TÂNIA GUERREIRO

**E ELA DIZ QUE,
COMO NÃO O VEMOS,
O VENTO NÃO É NADA.**

NUNO, EM *HÁ FLORES QUE NASCEM DO NADA*
(ANTONIN MOLINO, 2011, FRANÇA/PORTUGAL)

RITA PEDRO

FILÓSOFA

Et elle dit que comme on ne le voit pas, le vent n'est rien.

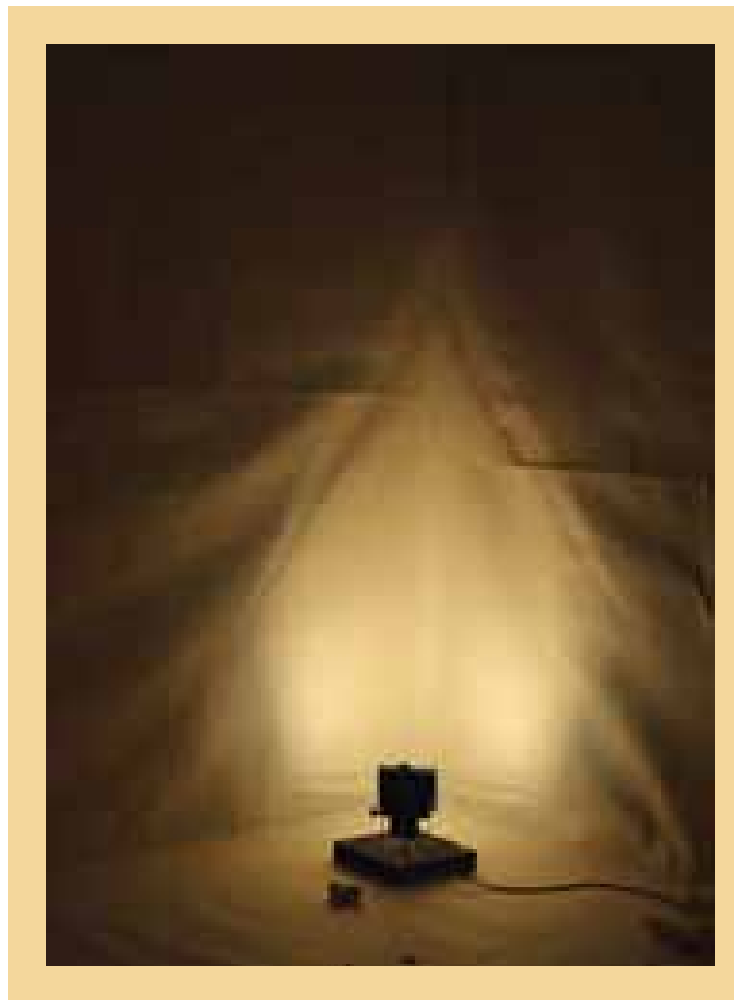
SE NÃO HAVIA NADA, COMO É QUE SURTIU ALGUMA COISA?

(NUNO, 8 ANOS)

Antes, não tinha pensado na luz, nem na voz ou na dramaturgia de uma atriz, para animar uma sessão de Filosofia. Não tinha imaginado nenhuma dramaturgia despoletadora de uma disposição para pensar. A prática de Filosofia Com Crianças ocorre habitualmente em contexto de sala de aula, com cadeiras dispostas em círculo, onde as crianças se sentam para questionar e reflectir, em conjunto, num âmbito filosófico as suas próprias interrogações. Desta vez, junto dos artistas, na Fábrica das Artes, operou-se uma série de transformações, incluindo o processo de pensar o espaço da oficina. No momento em que esta se iniciava, a sala disponível para a sua realização encontrava-se inteiramente revestida, chão e paredes, por papel de cenário e iluminada por vários candeeiros dispostos de forma a que uma luz amarela, quente e apaziguadora, nos envolvesse, dando a sensação, ao entrar nela, de se estar a penetrar numa espécie de âmago, num espaço de dentro, inteiramente branco, despido.

A *Sala do Pensamento*, como estava escrito a giz na pequena ardósia pendurada na porta de entrada, era – agora – o nome desse lugar esvaziado de objectos e de cor, a indicar a possibilidade de um novo recomeço a partir do nada, sugerindo também o vazio. Um lugar destinado à criação de novas ideias e interrogações, à sua inscrição, à experiência do pensar e onde foram sendo registadas algumas das ideias dos participantes, crianças, jovens, pais, professores e curiosos. Exclamações, dúvidas, “perguntas anónimas”, perplexidades, figuras desenhadas e muitos pontos de interrogação foram assim preenchendo o lugar, transformando-o numa instalação, à semelhança das que os artistas fazem. Foi assim que, contaminada por um pensar diferente e contaminando, me encontrei a trabalhar com os artistas com os quais compus a oficina **“Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?”**.

“Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?” De onde surgiu a questão que deu o nome à oficina? Corresponde à pergunta feita por uma criança de 8 anos, no decorrer de uma sessão de Filosofia Com



Partindo da crítica de um ensino mais tradicional, Lipman propõe uma metodologia assente numa prática efectiva do diálogo, da cidadania reflexiva e da democracia, através da qual a criança vai adquirindo e desenvolvendo competências.

Crianças (FCC), ao mesmo tempo que nos remete para o princípio da razão suficiente tão bem conhecido do filósofo Leibniz: “*Porque é que existe o ente em vez do nada?*” Esta ligação entre a ideia de um filósofo e de uma criança será uma mera coincidência, ou ela aponta para um território ainda pouco explorado da Infância? Análises filosóficas que levei a cabo neste âmbito fizeram-me concluir que, embora não seja filósofa, a criança encontra-se à partida onde o filósofo quer chegar, ou seja, o plano de constituição de sentido, o plano ontológico. É a partir do Ser que ela quer Conhecer. Assim, as grandes questões do ser humano, as da metafísica, como a interrogação do Nuno, mas também as da ontologia, da ética e da estética, são constitutivas da Infância.

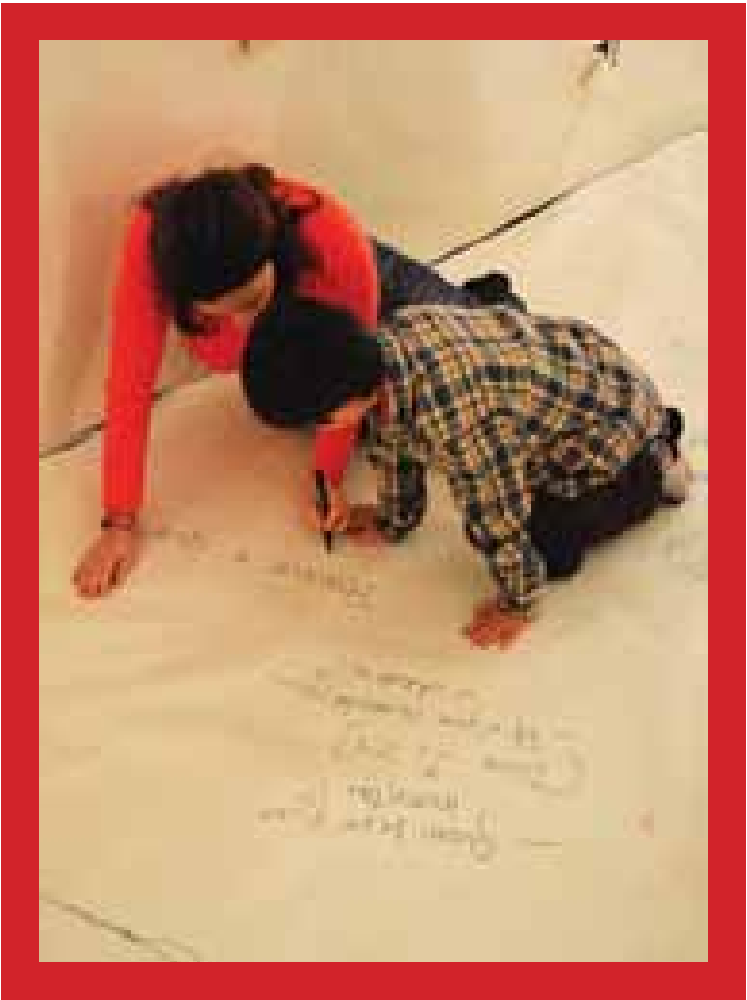
Devido à pertinência filosófica das interrogações das crianças, o interesse pelo encontro entre a Filosofia, a Pedagogia e a Infância não parou de crescer ao longo das últimas quatro décadas. Foi Matthew Lipman, nos anos setenta, que teve a ideia de levar a Filosofia até às escolas. Enquanto professor de Lógica numa Universidade dos Estados Unidos, constatou a falta de competências para a crítica, a argumentação e a investigação por parte dos seus alunos. Na procura de uma solução para este problema, pensou na introdução da Filosofia desde os primeiros até aos últimos anos dos currículos escolares, isto é, desde o pré-escolar, elaborando manuais específicos para uso dos alunos e também dos professores a partir de novelas filosóficas. Para ele, a disciplina da Filosofia não deveria estar confinada aos últimos anos do liceu ou da universidade, mas fazer parte da aprendizagem das crianças e, por outro lado, não deveria estar reduzida a uma mera transmissão de ideias dos filósofos, mas ensinar a pensar. Partindo da crítica de um ensino mais tradicional, Lipman propõe uma metodologia assente numa prática efectiva do diálogo, da cidadania reflexiva e da democracia, através da qual a criança vai adquirindo e desenvolvendo competências. É na Universidade de Montclair, em New Jersey, que a sua proposta de Filosofia para Crianças continua a ser divulgada e transmitida através de vários tipos de formação. A adesão de outros países ao seu programa é considerável. Por exemplo, na Noruega, o programa faz parte do currículo obrigatório nacional; na Argentina, vem recomendado nos planos oficiais, e os seus livros foram distribuídos gratuitamente em todas as escolas públicas do país; em vários países do ex-Bloco Soviético, ele é reconhecido oficialmente pelos respectivos ministérios da Educação.

Paralelamente a este trabalho do pioneiro, foram desenvolvidas novas e diferentes abordagens. No caso de França, por exemplo, é o mesmo movimento que leva à proliferação dos cafés filosóficos e aos congressos não-universitários sobre Filosofia e que faz surgir o interesse pela prática filosófica com crianças. Para Oscar Brenifier, autor dos livros ⁵ *O que é a*

liberdade?, O que é a vida?, O que é viver em sociedade?, entre outros, assim como para Gilles Geneviève, professor na Universidade Popular em Caen, trata-se de descobrir novos territórios e novos públicos para a Filosofia e de abandonar uma certa imagem elitista desta enquanto disciplina. Anualmente, na sede da UNESCO em Paris, realiza-se uma conferência sobre as novas práticas filosóficas, incluindo a prática com crianças e os cafés filosóficos. Estudos que decorrem desses encontros mostram como a Filosofia alarga o conhecimento, estabelece pontes novas entre domínios científicos diferentes e como a prática filosófica com crianças, em particular, abre extraordinariamente as competências dos alunos na aprendizagem de outras disciplinas. Os mesmos estudos referem-se ainda às virtudes terapêuticas desta aplicação, mostrando como a angústia sentida por uma criança perante uma questão existencial tende a diminuir ao ser transformada em objecto de pensamento através de uma forma mais abstracta de abarcar as questões. Vejamos a seguinte questão – “*O que é que acontece quando morremos?*” – levantada por uma criança de 5 ou 6 anos. Face a esta pergunta acerca do que acontece depois da morte, embora ela faça parte da Infância, é raro um adulto não se sentir desconfortável ou, então, saber exactamente como responder. Ao constatar que, afinal, os adultos nem sempre sabem tudo, podendo até desconhecer a resposta a uma das perguntas mais importantes sobre a vida, a criança pode sentir-se bastante só. Mas, se tiver a oportunidade de descobrir outras crianças que partilham da mesma dúvida e também de entrar numa dinâmica de troca e de discussão com elas, isso poderá não só facilitar o achamento de respostas à sua medida, como ainda pôr fim às suas inquietações. Assim, o facto de lhe ser outorgado um espaço onde ela pode partilhar e discutir, livre e abertamente, as suas ideias e questões pode permitir-lhe sair de uma certa solidão existencial inerente à Infância.

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, o *Núcleo de Estudos Filosóficos da Infância do Programa de Pós-Graduação em Educação*, conhecido por NEFI e dirigido por Walter Kohan, trabalha desde 2007 no projecto “*Em Caxias, a Filosofia en-caixa?*”, através do qual existe um compromisso entre a Universidade pública e a escola pública e em que pesquisa e ensino não são dissociados. Walter Kohan distingue a **Filosofia Com Crianças** da **Filosofia Para Crianças** por várias razões. Prefere os termos “composição” e “experiência”, quando se trata de referir a metodologia filosófica em causa. Neste sentido, a sua proposta pretende aproximar-se do trabalho dos artistas: “*Os materiais, as técnicas estão ao serviço do músico ou do pintor, mas o resultado do que eles*

Os materiais, as técnicas estão ao serviço do músico ou do pintor, mas o resultado do que eles fazem ultrapassa a técnica, os materiais ou os instrumentos. Sugerimos esses materiais, não como uma receita, mas como uma matéria plástica para sobre ela começar a compor a nossa obra.



fazem ultrapassa a técnica, os materiais ou os instrumentos. Sugerimos esses materiais, não como uma receita, mas como uma matéria plástica para sobre ela começar a compor a nossa obra”⁶. Além disso, ao pensar a Infância segundo *Aíon*, conceito filosófico referido por Heraclito significando um tempo intensivo, e não *Cronos*, o tempo cronológico, Kohan faz uma crítica à acepção mais tradicional da Infância que ainda vigora em alguns modelos pedagógicos vigentes e que a entende como sendo apenas uma etapa da vida, a primeira, e também critica a definição de criança enquanto ser inacabado, incompleto e indefinido.

PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA OFICINA... DÚVIDAS E RESISTÊNCIAS...

“*Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?*” Voltamos à Fábrica das Artes do CCB, à *Sala do Pensamento*, a sala do vazio, à interrogação metafísica do Nuno e ao processo de construção desta oficina. O desafio lançado pela Madalena Wallenstein colocou-me numa posição diferente das experiências anteriores devido à oportunidade de trabalhar juntamente com os artistas e as suas linguagens, mas também porque me obrigou a sair da minha zona de conforto e a confrontar-me com uma série de questões. Projectar um trabalho de Filosofia Com Crianças no modo de oficina implicava integrar algumas componentes novas para mim, tal como a sua duração, duas horas, e o facto de se dar numa única vez, sem continuidade, como era habitual acontecer na minha prática em contexto de sala de aula. Começámos, então, por reunir, eu, a Madalena Wallenstein e a Tânia Guerreiro, a actriz que concebeu e participou na oficina, de maneira a podermos construí-la em conjunto, partilhando, discutindo e compondo ideias. Essas sessões de trabalho tiveram lugar alguns meses antes da sua concretização. Desde o princípio, a questão da duração da oficina foi sendo abordada, assim como outras questões relativas à sua estrutura, forma e conteúdo. Comecei por me sentir desconfortável pelo facto de ter de projectar um encontro de apenas duas horas. Perguntava-me como é que, em tão pouco tempo, iria aceder às inquietações das crianças para colocar em marcha um trabalho de reflexão num âmbito filosófico, partindo das suas experiências, como era habitual proceder.

[CONTAMINAÇÃO 9]

⁵ Coleção *Filosofia para Crianças* de Oscar Brenifier, Editora Dinalivro.

⁶ Walter Omar Kohan e Beatriz Fabiana Olarieta (orgs.), *A Escola Pública Aposta no Pensamento*, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012.

PASSOS METODOLÓGICOS DA PRÁTICA FILOSÓFICA COM AS CRIANÇAS...

Este problema de tempo, aparentemente superficial, confrontava-me com questões essenciais relacionadas com os pressupostos metodológicos da minha prática. Por um lado, porque considero que as inquietações dos mais pequenos, expressas através das suas interrogações metafísicas, éticas, estéticas e ontológicas, não são fórmulas intelectualizadas, nem ideias copiadas ou memorizadas, mas antes formas de pensar inteiramente novas, pensadas pela primeira vez e vivenciadas. São aquilo que se pode designar por “*perguntas intensivas*”, podendo ser acompanhadas por angústias prolongadas ou outras emoções, ainda que nenhum acontecimento exterior ou visível tenha ocorrido. Na maioria das vezes, o seu questionamento tende a ser autêntico, espontâneo e genuíno. Por isso, na minha prática, procuro sempre que sejam as próprias crianças a colocarem as suas questões, sem preocupação de quando é que isso irá acontecer. A este propósito, cito uma passagem de Deleuze referindo a existência de um preconceito “infantil” nas instituições escolares: “*É o professor que oferece os problemas, sendo a tarefa do aluno descobrir a solução. Desta forma, ficamos presos a uma espécie de escravatura. A verdadeira liberdade está num poder de decisão, de constituição dos próprios problemas: esse poder semidivino implica tanto o desaparecimento dos falsos problemas como o surgimento criador dos verdadeiros. A verdade é que em Filosofia, e mesmo fora dela, trata-se de encontrar o problema e, por consequência, de o colocar, mais do que o resolver.*”⁷

Se traduzirmos esta ideia do filósofo para o campo da Filosofia Com Crianças, significa que o fabrico das questões pelas próprias crianças permite-lhes emancipar-se de um sistema de pergunta-resposta no qual o que está certo e errado pensar já se encontra definido à partida, autorizando-a, assim, a pensar aquilo que nunca foi pensado antes. Consequentemente, perguntar às crianças pelas grandes questões da Filosofia como pretexto para iniciar uma discussão filosófica, ainda que sejam extremamente pertinentes, é, segundo este ponto de vista, privá-las de uma das operações mais essenciais da actividade filosófica, ou seja, a do fabrico das perguntas. Concluindo, não sendo possível antecipar nem programar o momento em que as crianças constroem os seus problemas, a duração de duas horas implícita à estrutura da oficina parecia conduzir-me a uma espécie de desvirtuamento destes pressupostos. A solução parecia ser então a sugestão de uma ou de várias questões para iniciar o diálogo.

⁷ Gilles Deleuze, *Le Bergsonisme*, Paris, PUF, 2004.

FUI CONTAMINADA

9
Pelo impacto causado nos primeiros encontros com a Madalena e os artistas nas sessões de trabalho; curiosidade e estranheza, liberdade e isolamento, confusão e criação!

RITA PEDRO

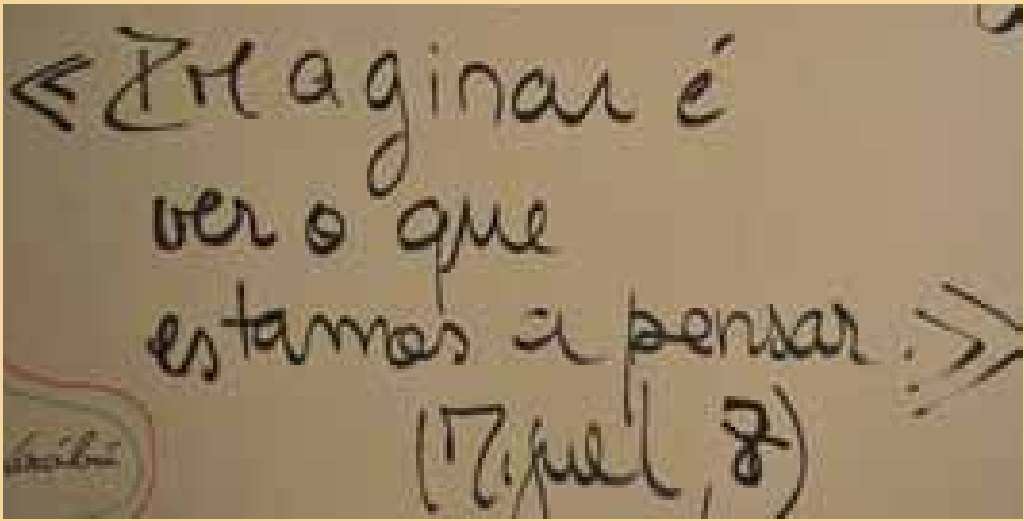
“A verdade é que em Filosofia, e mesmo fora dela, trata-se de encontrar o problema e, por consequência, de o colocar, mais do que o resolver.”

10
Pela forma como a Madalena soube acolher sem restrições as minhas dúvidas e hesitações, no início do processo de criação da oficina, identificando-as como fazendo parte do ‘processo criativo’. Facilitou o meu envolvimento no processo, tornando o meu trabalho numa busca e numa procura, potenciou a minha entrada num espaço de contaminação.

Pelo facto de os artistas, nas reuniões de trabalho, fazerem alusão de forma muito clara às suas próprias vidas, recorrendo às suas próprias experiências, inquietações e interrogações para aí encontrarem material para a criação. Por exemplo, ‘Qual é a tua pergunta, hoje?’, esta questão é usada pelo Teatro do Silêncio durante o seu processo criativo, o que pressupõe uma pesquisa a partir de narrativas autobiográficas. A mesma questão é usada durante a oficina ‘Línguas de Perguntador’ para desencadear as perguntas das crianças.

Pela liberdade da linguagem artística e a criatividade das ferramentas e técnicas usadas pelos artistas.

RITA PEDRO



Porém, ao longo de todo o processo, através da confiança sentida pelo acompanhamento dado pela Madalena, da construção e desconstrução de ideias durante as sessões de trabalho, o que aconteceu foi a entrada, para mim, num novo campo de experimentação artística. Contaminada por novas linguagens artísticas, desde a criação de personagens, sentidos dramaturgicos e diferentes espaços cénicos, fui-me apercebendo de que não se tratava de compor uma oficina unicamente a partir do campo da Filosofia Com Crianças e que, afinal, duas horas não eram só duas horas! A condensação de múltiplas forças presentes num gesto, numa palavra, num movimento, ou seja, a expressão do artista, ao invadir esta oficina de Filosofia, conduziu a uma intensificação de cada momento, fazendo nascer nesta intersecção entre os dois campos, o da Arte e o da Filosofia, um novo tempo, diferente do tempo cronológico.

[CONTAMINAÇÃO 10]

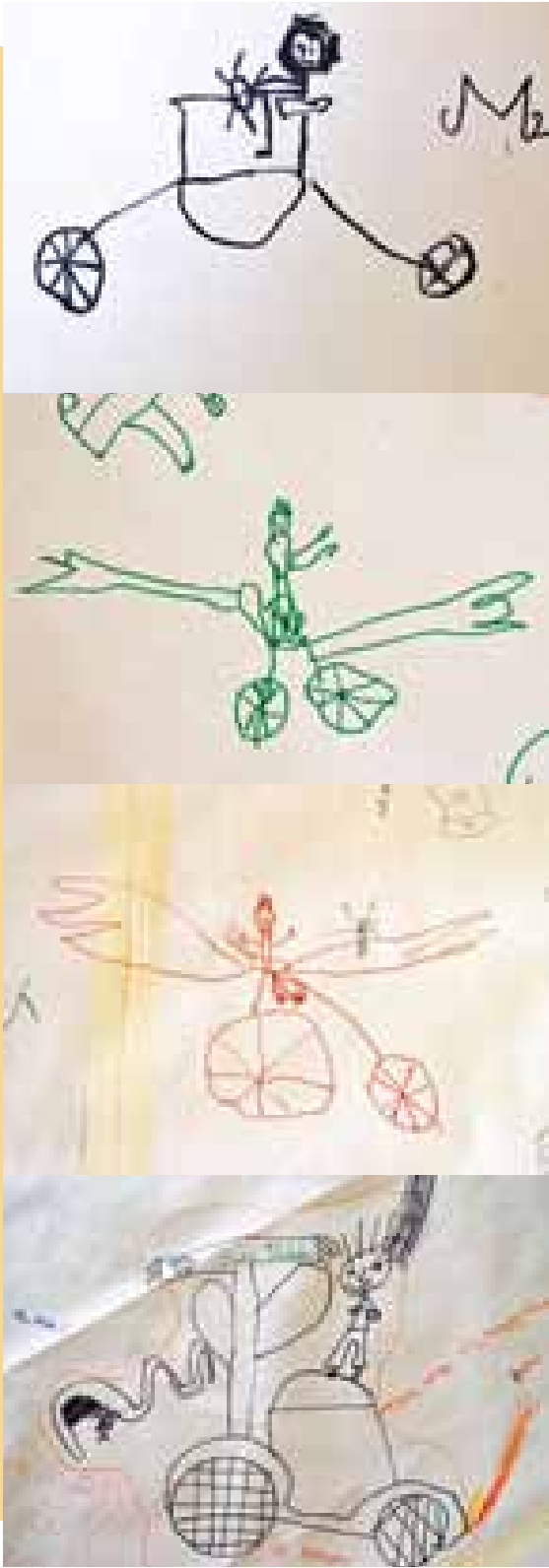
Ainda a propósito dos passos metodológicos da minha prática, além de o foco estar no processo de fabrico de perguntas pelas próprias crianças, procuro evidenciar a qualidade relacional, posicionando a criança e o adulto de um modo diferente daquele que é habitual. Como? Criando um patamar de igualdade de inteligências a partir do qual tanto o adulto como as crianças são levados a reflectir sobre as mesmas questões e valorizando as experiências e as vivências das crianças como pontos de partida, como linhas, traços possíveis para se desencadear a experiência filosófica. Poder-se-ão escutar as inquietações das crianças sem se ser afectado pelo seu carácter imprevisível, novo e enigmático? Em vez de julgar, avaliar ou comparar a criança e as suas ideias, trata-se, para o adulto, de suspender quaisquer juízos de valor e de a ouvir, deixando vir à superfície a voz da infância com tudo o que ela contém de belo, poético, metafísico e profundo. Ao arriscar pôr entre parêntesis as suas verdades, as suas convicções, o adulto encontra-se perante a oportunidade de entrar num processo de *devir-criança*, diferente de uma imitação ou de uma recordação de quando se era criança, e que possibilita o acesso à experiência da Infância. Simultaneamente, as crianças, elas próprias, libertas de um pensamento mais generalizado, uniformizado e instituído, descobrem a possibilidade, também elas, de *devir-criança*, numa zona em que aquilo que é ser adulto e o que é ser criança se tornou indiscernível.

Ao escutarmos as crianças, lembramo-nos destas interrogações por Kohan: “*Quem ousa antecipar o que pode pensar uma criança? Quem ousa prever a força que pode ter o pensamento duma criança? Quem ousa dizer que, tendo em conta a idade, a criança pensará isto ou aquilo?*”

**CONTINUAÇÃO DO RELATO SOBRE O
PROCESSO DE CONCEPÇÃO DA OFICINA...**

Lembrei-me, então, de trazer para as nossas sessões de trabalho o romance do filósofo José Gil, *ao meio-dia, os pássaros*, porque precisamente nele coabitam o olhar e a voz da Infância, sendo através destes que os acontecimentos nos chegam. Não existe nenhum narrador nem nenhum ponto de vista adulto a explicar ou descrever os acontecimentos vividos pelas crianças, os personagens principais. São as palavras e o discurso das próprias crianças que, com a sua força, fazem acontecer e acompanhar tudo aquilo que acontece. São monólogos e diálogos sem vírgulas nem pontos, são lugares comuns como o recreio ou a sala de aula, mas apresentados segundo a perspectiva da criança. São todas as inquietações metafísicas que a Infância pode conter, sobre a vida e a morte, sentidas na pele de uma, de várias crianças. O livro aponta também para o *devir-criança* do filósofo através da sua escrita. Assim que a actriz Tânia Guerreiro começou a ler algumas passagens do romance, senti que ela estava a tentar ir ao encontro das vozes das crianças, experimentando diferentes intensidades, ritmos e intenções. Na parte em que o Elia está a aprender a andar de bicicleta e subitamente começa a acelerar, sentindo-se a voar como um pássaro, as imagens desses acontecimentos começaram a desfilar na minha imaginação, surgindo da sua voz. De repente, eu já não estava simplesmente a ouvir a leitura de um texto relatando uma criança a aprender a andar de bicicleta, mas encontrava-me totalmente imbuída no acontecimento “Bicicleta” do Elia. Para a actriz, o entusiasmo da descoberta do texto ia aumentando à medida que o ia lendo. Este momento do nosso encontro com o romance do filósofo José Gil veio clarificar o papel da arte e dos artistas na intersecção com o meu trabalho. Representa também um momento cheio de alegria, de intensidade, de risos, no qual pudemos trocar muitas palavras sem uma única explicação. [TEXTO 1]

Para além deste texto, seleccionámos outros para serem lidos pela Tânia no decorrer da oficina, consoante as questões que eram discutidas pelos participantes e visando potenciar a entrada das crianças num *devir-criança* através do seu encontro com outras vozes que apresentam inquietações semelhantes às suas. Por outro lado, estas leituras pressupunham criar dinâmicas diferentes durante a oficina, intercalando momentos de discussão filosófica com momentos de leitura e, ainda, momentos para actividades lançadas a partir dos textos. No caso da oficina para pais e filhos, os textos foram sendo apresentados segundo uma sequência lógica, com o propósito de se fazer emergir o diálogo entre pais e filhos.



[TEXTO 1]

*“agora é que vou mesmo pegar na bicicleta que não está presa com o cadeado alguém a deixou vou ver se ando pelo menos uns cinco metros por dentro das arcadas ninguém me vê volto a pôr a bicicleta no seu lugar e até a fecho com o cadeado para ninguém pensar que eu andei nela Ó pintas!
Descobriu-me
Ó pintas! Vais andar de bicicleta?
Não
Vais vais e olha que é proibido
Estava só a ver
Está ali no escuro vamos andar primeiro eu e tu vigias depois tu e eu vigio se vem alguém
Eu não quero andar estava só a ver
Anda daí palerma é so uma volta
Eu não sei andar
Aprendes! Eu ensino-te vamos ninguém nos vê Vamos lá então mas eu queria era andar sozinho não queria o José sempre a chatear agora vai ele primeiro segura no selim No quê?
No selim não sabes o que é o selim? O selim é dos cavalos E da bicicleta segura eu segurei e o José montou mas caiu logo não sabia andar caiu e disse já ando melhor que o meu irmão agora sou eu disse eu levantei a bicicleta e disse-lhe agarra no selim! Ele agarrou eu subi equilibrei-me um pouco estava quase a cair eu sentia a bicicleta a querer andar já a fugir mas eu tinha os pés no chão e resistia o José quis empurrar mas eu disse-lhe espera! E preparei-me comecei a puxar pelas rodas devagar fazendo força com os pés apoiados no chão depois mais depressa*

*a preparar-me para pedalar ia já a deslizar era suave bem melhor do que com as duas rodinhas na roda de trás eu estava quase a descolar dizia o meu pai estás quase autónomo estou na fase do descolamento ainda caio mas cada vez menos larga o selim seu careca! Gritei sem olhar para trás o José gritou lá de longe careca és tu! Já tinha largado o selim há muito tempo que eu andava sem ajuda já estava a pedalar era mesmo bom a andar em equilíbrio estava a voar estava a voar bastava pedalar e mesmo os pedais não era precisa muita força os pedais giravam bastava um toque com os pés e eles continuavam todo o equilíbrio passava da bicicleta para mim estás a ouvir ó bicicleta equilibra-te bem e eu equilíbrio-me tu estás a andar com duas rodas e eu com dois pés
Pegados aos pedais e o rabo colado ao selim e os braços presos ao guiador aqui vamos nós em equilíbrio voador como uma prancha de surf estou a perceber agora como fazem os ratos que saltam para cima dos gansos e andam quilómetros lá em cima estão em equilíbrio na água e a água em equilíbrio no ar como eu na bicicleta mas como é que eu antes não conseguia andar e agora já andei pelo menos duzentos e cinquenta e cinco metros pelo menos aqui debaixo das arcadas como é que é possível eu nem acredito olha agora vou dar a volta muito apertada cuidado cui-da-do cui-da-di-nho para a esquerda para a direita um bocadinho para a esquerda mais para a esquerda equilíbrio difícil endireita já está! Boa! Eu sou o campeão do equilíbrio tenho o equilíbrio no cérebro porque estou concentrado vou passar ao lado do José que*

O seguinte excerto, lido antes do final de cada oficina, remete para uma teoria de uma criança, o Elia, sobre o medo: [TEXTO 2 / PÁGINA 48]

Era sugerido ao público que levasse consigo um cartão preto, como as ardósias colocadas à entrada da Fábrica das Artes, no qual estavam inscritas duas questões, uma de cada lado, para serem discutidas depois da oficina, entre familiares, colegas ou amigos: “Há botões no nosso cérebro que fazem parar e andar as ideias?”, “Será que o medo é uma ideia?” Ao levarem esses cartões consigo, as crianças estariam, simbolicamente, a transportar a experiência da Filosofia para as suas vidas.

Noutra sessão de trabalho, veio-me à memória um texto antigo. Trata-se da transcrição do monólogo de uma criança, a Mariana, de apenas 8 anos, que nunca esqueci: [TEXTO 3 / PÁGINA 48]

O nome não me chega, o nome não é a pessoa,
o ser da pessoa é que eu quero saber.
Não sei o que é, não sei quem sou eu. (...)

As palavras da Mariana apontam para uma série de questionamentos filosóficos, incluindo a noção de corpo. Sublinho a forma inédita como uma criança desta idade pôde fazer convergir tantas perguntas num só momento de profunda reflexão e como o fez até ao seu limite máximo de indagação, conseguindo assim romper com uma série de camadas e pressupostos do nosso pensamento. A partir deste belíssimo texto, a atriz Tânia Guerreiro criou uma dramaturgia, construiu um personagem que apresenta as dúvidas da Mariana, vivendo-as na primeira pessoa. Vestida com um vestido às riscas vermelhas, umas galochas brancas, um cachecol, óculos e uma fita no cabelo, era assim que a Mariana iniciava a oficina na sala da entrada da Fábrica das Artes e, com um pincel e tinta-da-china na mão, acolhia as crianças que participavam, partilhando com elas as suas perguntas. À medida que a atriz se ia apropriando dos textos que lhe ia sugerindo, dando-lhes um corpo e uma personagem, ia-se tornando mais clara para mim a forma como a linguagem artística pode estabelecer uma conexão com a experiência filosófica das crianças e potenciar nelas o questionamento.

O espaço que a oficina ocupou foi projectado pela Madalena e pela Tânia, de forma a tornar-se num espaço cénico. No espaço da entrada, a Mariana iria receber as crianças, partilhar com elas as suas dúvidas para, em seguida, as convidar a entrarem na *Sala do Pensamento* onde uma filósofa, eu própria, aguardava para pensar em conjunto com elas. A *Sala do Pensamento* foi imaginada como sendo um espaço vazio, em branco,



está à espera da sua vez mas eu não lhe passo a bicicleta ele nem sabe andar cai logo! Passo-lhe ao lado assim com toda esta velocidade incrível pára! Pára! Ele agarrou no guiador e atirou-me ao chão

Raios!

É a minha vez!

Não percebes nada não viste que eu ainda não tinha voado tudo? Estavas a voar mas eu cá vou até ao espaço estás a ouvir? Segura no selim! Com mais força! E tu agarra o equilíbrio! E tracatrapás! O José caiu outra vez que nem uma girafa coxa como aquela que estava a coxear no jardim zoológico e tropeçou na pedra e caiu e foram precisos três homens com uma escada para a pôr de pé ó José queres uma escada para te levatares ou dás-me já a bicicleta? Para eu dar outra volta? Anda diz lá! Subi logo para a bicicleta mesmo antes de o José se levantar e depois olhei para ele de cima da minha bicicleta estava mesmo a coxear tinha batido com o joelho no cimento quero lá saber do José já estava a milhas põe-te a milhas José! Que eu te digo o que é voar já estou na segunda volta às arcadas isso faz três mil e seiscentos quilómetros e ainda vou mais longe! Mas como é que anda uma bicicleta puxa-se pela corrente e ela puxa pela roda de trás e como é que a roda de trás tem força para puxar toda a bicicleta e mais a mim que peso vinte e três quilos e mais os tubos o guiador a campainha os travões e o peso da correia em ferro! Não compreendo nada não devia andar esta bicicleta devia ficar parada e só com um motor de mota brrum brrum é que disparava por aí adiante mesmo com vinte mil

quilos de peso o motor é mais forte brrum brrum brrum! Quando é que vou ter uma mota para andar a uma velocidade mais poderosa que os carros! Aos dezoito anos disse o meu pai mas quando é que é os dezoito não compreendo nada disto dos anos não compreendo nada da vida nada nada olha esta bicicleta já nem anda bem está estragada ó José! José! Toma lá a bicicleta não a quero nem mais um segundo José! Onde estás? José toma a bicicleta! Olha para ele sentado no canto no escuro nem se vê Toma a bicicleta!

não quero

eu também não! vai arrumá-la

Vai tu que a tiraste de lá

É que eu não posso não compreendo nada disto não compreendo nada da vida

Eu também não

Porque é que as bicicletas andam mas porque é que elas andam?

Estou desanimado

O meu pai anima-me

O meu também só que ele gosta muito de mistérios e está sempre a dizer que é um mistério e desanima-me

Sabes por que é que os pássaros voam?

O meu pai diz que é um mistério

E o que é um mistério?

Sabes o que ele me disse?

Não

Que é um mistério”

JOSÉ GIL

AO MEIO-DIA, OS PÁSSAROS

LISBOA, RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES, MAIO 2008

[TEXTO 2]

“ouviu-se o corpo do Elia cair na terra como uma massa leve desmaiou!
 Outra vez! Já estou farta!
 Só sabe desmaiar
 É da tensão como a minha avó que desmaia a toda a hora
 Tenho vontade de fazer cocó!
 O Elia tem medo de tudo
 Tem medo do José porque o José julga-se o mais forte mas não é sabem porque é que o Elia tem medo do José? É porque não consegue fazer sair do cérebro sabem ele não tem medo do José ele tem a ideia no cérebro a ideia que não tem medo mas não consegue carregar no botão no primeiro botão para parar e depois no segundo botão para fazer andar a ideia e a ideia fica lá dentro e o Elia julga que tem medo e o José julga que lhe mete medo mas não é verdade estás a perceber ele tem medo porque não carrega no botão não faz andar a ideia que ele não tem medo fica lá dentro do cérebro e ele fica cheio de medo é assim o Elia eu sei
 Pois é disse a Isabel
 Não é nada disso ele tem medo porque não encontra as chaves da porta do cérebro onde estão as suas defesas perdeu as chaves e ninguém ajuda a encontrá-las o Elia é um fracassado é o que é!”

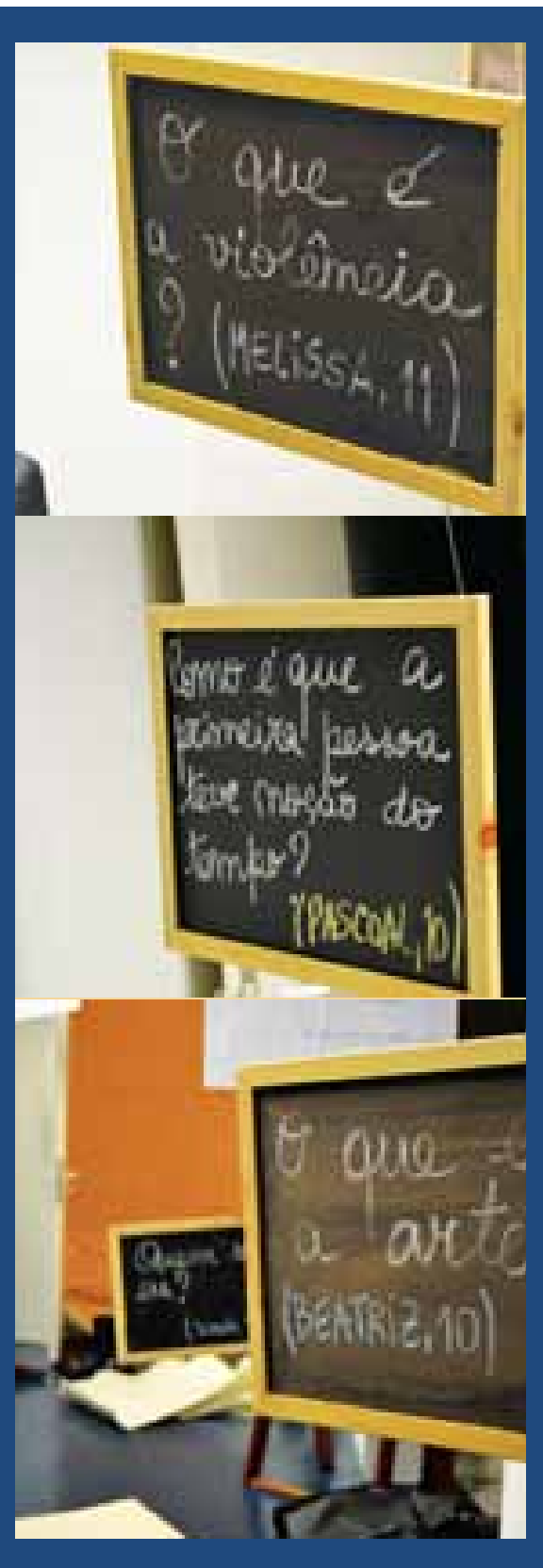
JOSÉ GIL
AO MEIO-DIA, OS PÁSSAROS
 LISBOA, RELÓGIO D'ÁGUA EDITORES, MAIO 2008

[TEXTO 3]

“Temos nomes, mas se calhar não são verdadeiros. Quem sou eu?
 É uma coisa esquisita, tu não sabes quem és tu, eu não sei quem sou eu. Se soubesse, dizia! O nome não me chega, o nome não é a pessoa, o ser da pessoa é que eu quero saber.
 Não sei o que é, não sei quem sou eu.
 Às vezes, olhamos para a nossa pele, mas não sabemos o que é isto. Se calhar, não é só carne, se calhar chama-se carne, mas, se calhar, nós é que demos esse nome e, afinal, é outra coisa. Gostava de saber a opinião das outras salas, se calhar só com a opinião dos da nossa sala não fico satisfeita.
 Os olhos, se calhar, não são olhos, todas as partes do corpo, se calhar, são outra coisa e nós não sabemos.
 Eu não sei o que estou a dizer porque, se calhar, as palavras são outra coisa.

Se pensamos uma coisa e é outra?
 Eu percebo por que é que nós achamos que é essa coisa, mas não sabemos.
 Não sei o que é isto, sei que é uma borracha, mas, se calhar, não é uma borracha, tem esse nome, mas, se calhar, não é isso. Não sei isso sobre o corpo, o que nós somos.
 Eles devem pensar que é uma pessoa.
 Não quero um nome, quero saber esta pele, o que é, se calhar esta pele não sou eu mesma.
 Nós temos nome, não sei quem sou, se calhar nada tem nome.
 É bom perceber quem tu és. Gostava de saber quem era. É bom perceber quem somos de verdade.”

MARIANA CAIADO, 8 ANOS
 COOPERATIVA A TORRE, 1999/2000



aberto à experiência do pensamento, e a sala da entrada como o lugar da chegada dos participantes e do encontro entre as ideias das crianças e as dos filósofos. Nela desfilavam perguntas de crianças inscritas a giz em ardósias, frases de filósofos em painéis brancos e, ainda, retratos de filósofos! Quem entrasse era imediatamente surpreendido por estas e outras perguntas feitas por crianças: “Se antes éramos macacos, como é que os macacos do jardim zoológico ainda não se transformaram em homens?”; “Porque é que os pais não engravidam?”; “Como é que a primeira pessoa teve noção do tempo?”; “O que é a arte?”; “Será que os coelhos de chocolate podem entrar num museu?”

O facto de as ardósias estarem dispostas ao lado dos painéis com os pensamentos dos filósofos evidencia a proximidade entre as ideias de uns e de outros. Além destas inscrições, pendurados no tecto estavam os retratos de vários filósofos, todos emoldurados e dispostos em círculo. Pela primeira vez, eu podia ver o rosto de alguns pensadores cujos escritos tinham ocupado o meu espírito durante os anos da Universidade. As artistas tinham tornado visível o rosto de Descartes, de Kierkegaard, de Aristóteles e – agora – podia-se reparar em pormenores subtis das suas faces, como o olhar penetrante do Schopenhauer ou as grandes sobrancelhas do Nietzsche! Contou-me a Tânia que, um dia, após uma das nossas sessões de trabalho, tinha tido a imagem da disposição desses retratos, “a conferenciarem uns com os outros, olhando uns para os outros”. Foi com base nessa sua imagem que os retratos foram dispostos no centro da sala, em círculo, dando assim a ideia, a quem os observasse, de um tempo imemorial, intemporal, onde todos os filósofos se pudessem encontrar para discutir sobre as grandes questões do ser humano. A narrativa presente na imagem da actriz possibilitava algo impossível de acontecer na realidade, transcender o tempo cronológico para espelhar o que há de comum a todos os grandes filósofos. Mais tarde, perguntei-me por que é que, na academia, ao sermos iniciados no estudo da filosofia, não nos são mostrados esses rostos. Como é que nunca me tinha ocorrido essa ideia? Por que é que, habitualmente, estamos tão distantes destas imagens quando, para os artistas, as imagens são fundamentais, algo que quiseram tornar visível imediatamente? [CONTAMINAÇÃO 11]



FUI CONTAMINADA:

11
A leveza, o humor e a brincadeira com que o Gil e a Maria apresentam os filósofos às crianças durante uma performance que parte não apenas dos pensamentos daqueles, como de características físicas e psicológicas suas, da sua aparência e de dados da sua biografia, com o intuito de os retirar do lugar inacessível onde habitualmente estão confinados e de os trazer para o mundo habitado das pessoas comuns, o mundo do quotidiano onde é permitido falar-se do bigode farfalhudo, dos olhos estrábicos, do gosto excêntrico pela tristeza, do andar-se descalço pela rua, do guardar postais de lugares para onde afinal nunca se foi, de uns e de outros.

RITA PEDRO

O que é a filosofia?

RODRIGO (8 ANOS)

Quem foi a mãe de todas as mães?

NEUZA (6 ANOS)

Os extraterrestres existem?

MANEL (9 ANOS)



**ALGUMAS PERGUNTAS QUE AS CRIANÇAS FIZERAM,
ESPONTANEAMENTE, AO VEREM OS RETRATOS DOS
FILÓSOFOS:**

- O Santo Agostinho era casado?
- O Kierkegaard teve filhos?
- O que é que o Platão fazia?
- O Heraclito gostava de homens ou de mulheres?
- Morreram felizes ou infelizes?
- Qual foi o sentimento que tiveram quando morreram?

- Quando eu olho para o Kierkegaard, parece-me um pintor!
Por isso eu acho que ele morreu feliz, porque viveu com as artes.
- Eu acho que morreram felizes porque foram quem quiseram ser!
- Morreram felizes porque ajudaram a humanidade a descobrir
mais segredos!

Durante todo este processo, as ideias dos artistas foram-me cativando e aparecendo como *ideias-força, ideias-inspiração, ideias-criação*, ideias capazes de captar forças, de transformar e criar novos sentidos. Não surgiam segundo uma lógica de causa-efeito, mas antes como se fossem intuições ou imaginações que, ao serem materializadas, podiam, então, ser desdobradas e interpretadas segundo uma coerência e intenções artísticas. Através de uma série de procedimentos artísticos, e partindo de elementos da FCC, encontravam-se assim reunidas todas as condições para a emergência de uma experiência filosófica na infância. Assim, ao chegarem à oficina, as crianças, ainda que num curto espaço de tempo, mas a uma velocidade infinita, a partir de um impulso que a Madalena nomeou “*trampolim*”, poderiam entrar num modo de pensar filosófico.

A minha participação enquanto filósofa de crianças na oficina do Teatro do Silêncio e enquanto espectadora da oficina da Biblioteca Mínima permitiram-me ainda aceder e apreender algumas formas de os artistas se aproximarem do universo das crianças através do corpo e das suas linguagens. Com o olhar, o silêncio, a voz, a poesia ou o movimento, criam pontes para se aproximarem da Infância. Por exemplo, durante o *Banquete de gomas*, a Maria deita-se no chão e coloca-se numa posição confortável, de forma a poder chegar mais perto de uma criança que era tímida e falava baixinho; a Ana, enquanto guia da biblioteca, faz acompanhar todos os seus gestos de um sentido enigmático para que cada criança que venha abrir uma das gavetas da biblioteca o faça, sabendo de antemão que está a abrir algo muito preciso, valioso e delicado; a expressão de perplexidade da Tânia no momento em que se encontra com as crianças na sala de entrada insinua já uma certa angústia existencial, antes mesmo de ter começado a falar; a face pálida e triste do Gil em perfeita sintonia com o som melancólico do violino, no momento em que se aproxima do retrato do filósofo Schopenhauer, o mais pessimista de todos os filósofos presentes na sala. Fui contaminada por estas e outras linguagens artísticas que, ao invadirem o meu campo de trabalho, o transformaram, ampliando as suas possibilidades e potencialidades.

[CONTAMINAÇÃO 12]

FUI CONTAMINADA

12

Pela brincadeira com as palavras na oficina da Maria, do Gil e do Pedro. Por exemplo, “Banquete de gomas” em vez de “Banquete Filosófico”, como surge nos Diálogos de Platão, ou em vez de “Debate democrático de ideias”, como se diz nas aulas de Educação Cívica; “Pesar palavras”, “Sentir como uma pedra sente”, “Tirar a fotografia à alma.” A forma criativa como a linguagem foi usada permitiu às crianças aceder a uma mensagem complexa, como é a dos enigmas filosóficos.

Pela forma como os artistas materializam as suas ideias, como, por exemplo, a Máquina que só Funciona a Perguntas ou a Biblioteca Mínima e ainda os Enigmas Filosóficos, concentrados em objectos susceptíveis de levar as crianças a inventar problemas filosóficos com base na sua experimentação e, ainda, a instalação resultante das ideias das crianças inscritas nas paredes e no chão forrados a papel de cenário e que permaneceram durante todo o tempo das oficinas.

Por ver os artistas criarem a partir das ideias uns dos outros, transformando essas ideias como fazem as crianças,

por exemplo, atribuindo novos sentidos aos mesmos objectos, contaminando-se mutuamente e intensificando assim as criações uns dos outros. Fulminante! Por exemplo, a Maria, o Gil e o Pedro partem de uma série de instalações preexistentes para projectarem a sua oficina, nomeadamente o espaço da entrada com os retratos dos filósofos em círculo, a partir dos quais criam uma performance particularmente divertida, e a Sala do Pensamento onde é colocada a Máquina que só Funciona a Perguntas!

Pela linguagem poética que decorre da oficina da Ana, que me mostrou em toda a sua evidência como existe uma semelhança entre algumas teorias filosóficas das crianças e a expressão poética. Esta comparação pode ajudar os professores a aceitar as ideias dos seus alunos, sem as julgar. A ideia de usar materiais, tais como algodão e esferovite, durante a concepção das minibibliotecas pelas crianças, e como estes potenciam associações com memórias afectivas, ainda faz eco em mim de uma forma que ainda não sei descrever.

RITA PEDRO



Alguns registos do que as crianças disseram e escreveram na Sala do Pensamento...

À medida que o público foi habitando a *Sala do Pensamento*, este espaço, inicialmente todo branco, foi-se transformando através das inscrições das suas ideias e perguntas, tornando visível o pensamento. Seguem-se registos de frases ditas por algumas crianças que participaram nas oficinas com escolas:

- Será que no tempo dos homens das cavernas havia escolas?
- Não, nessa altura ensinavam-se uns aos outros.
- Nasciam ensinados!
- Ninguém nasce ensinado!
- Claro que não, nessa altura não havia escolas porque ninguém sabia mais do que ninguém.
- Porque é que as coisas acontecem como acontecem e não de forma diferente?
- As coisas acontecem como nós quisermos.
- Sim, queremos que uma coisa aconteça, e ela vai acontecer como nós queremos.

— **Todos concordam? — perguntei.**
— Sim!

- **Então, não há nada que vos aconteça que vocês não queiram? — questionei.**
- Sim! Eu queria voar e não consigo!
- Eu queria imitar os homens e não consigo.
- Eu queria sair da escola e não consigo.
- Eu gostava que o Passos Coelho não estivesse no Governo e está.
- Queria que não houvesse crise e há.
- O destino já está traçado. As coisas acontecem de acordo com o destino.
- Eu concordo, mesmo que tu queiras que aconteçam outras coisas, era o destino!
- Deves esforçar-te, não podes desistir! É preciso perseverar.
- As coisas acontecem como acontecem, porque a vida é assim.
- Se uma metade mudasse, o que é que acontecia à outra metade?
- Não percebi nada! Qual é a tua pergunta?
- **Podes dar um exemplo? Uma metade de quê? — perguntei.**
- Se metade da escola mudasse, será que a outra metade

ficava igual?

— A escola toda tinha de mudar!

— Uma turma pode mudar e a outra ficar igual, um professor pode mudar e os outros não.

— Se as crianças passassem a mandar na escola, era tudo diferente! Eu gostava!

— Eu também gostava de mudar, de ser diferente!

— **Deleuze, o filósofo, pensou muito na ideia da diferença. Por exemplo, ele quis ser diferente do Platão e inverteu a ordem das ideias do Platão! — acrescentei.**

— Foi radical!

— Isso é ser radical!

— Em vez dos pés, eram as mãos!

— O filósofo trocou os pés pelas mãos!

— Em vez da pergunta “O que é que acontece quando morremos”, a pergunta “O que é que acontece quando vivemos?”

— **E, vocês, o que é que vocês gostavam de mudar, o que é que vocês gostariam que fosse diferente? — perguntei.**

— Eu gostava que fossem as crianças a mandar no mundo, não havia adultos, só crianças!

— Os adultos não sabem tudo, mas sabem coisas. Não acho boa ideia serem as crianças a mandar no mundo.

— Gostava que toda a gente fosse rica.

— Gostava de mudar a minha vida toda!

No final de uma discussão, perguntei a uma menina, a Sara, se estava de acordo com as respostas que os colegas tinham dado à sua questão, ao que ela reagiu logo, exclamando: “*Aqui, somos nós os professores!*” A satisfação com que o disse revela que esta criança pôde conquistar, durante a oficina, a autonomia do seu pensamento, podendo sentir-se ao mesmo nível de um professor. A lista das interrogações que se seguem remete para as perguntas que foram feitas pelas crianças ao entrarem na *Sala do Pensamento*, a seguir ao momento teatral. Como é possível constatar, estas perguntas não ficaram coladas às perguntas feitas pela Mariana, ou seja, nem ao texto, nem ao personagem da Mariana, o que pressupõe o sucesso do nosso trabalho em relação às dúvidas metodológicas acima apresentadas. Tal como tinha sido pensado por nós durante a concepção da oficina, esta zona de “*trampolim artístico*” serviu para as crianças acederem muito rapidamente a um terreno filosófico da Infância. A *performance* da actriz remeteu as crianças para



as suas próprias interrogações, o que implica, desde já, o exercício de fabrico das mesmas. Para completar este processo inicial da oficina, optámos ainda, já durante a sua execução, por colocar a questão usada pelo Teatro do Silêncio: “*Qual é a tua pergunta?*”

— O destino já está traçado, ou somos nós que o fazemos através dos nossos pensamentos?

— Tudo está sempre em movimento, ou as coisas estão paradas?

— Porque é que tenho duas mãos?

— Nada é sempre o mesmo, pois não?

As coisas estão sempre a mudar!

— Como é que pressentimos a amizade?

— Como é que as pessoas identificam o “bem” do “mal”?

— Porque existe a escola?

— Quando as pessoas morrem, podem ser animais?

— Eu queria saber quem inventou o mundo!

— O medo é a escuridão.

— Nós é que pensamos as ideias do cérebro.

— Como será a vida noutras galáxias?

— De onde nasceram as cores?

— A fada dos dentes existe?

Os textos do livro *ao meio-dia, os pássaros*, além de serem utilizados para alterar ritmos e direcções no percurso da oficina, pela sua natureza literária e através da sua interpretação, conduziu efectivamente as crianças a acederem aos universos filosóficos dos personagens. Ou seja, mais uma vez, não aconteceu que as crianças os recebessem de forma literal, mas antes como “trampolins” para o seu território da metafísica! O texto da Madalena acrescenta ainda a maneira cinematográfica como estes textos do José Gil chegaram às crianças. De facto, aconteceu, por diversas vezes, meninos e meninas reagirem com todo o seu corpo ao ouvirem a parte em que o Elia anda na bicicleta, vibrando como se fossem eles a andar e a voar nela, como num filme! [TEXTO 4 / PÁGINA 60]

Na sequência desta leitura, houve uma criança que exclamou: “Ah!

Seja que o
que eu vivo é um sonho
e que o que eu chamo
de "sonho" é que é
a vida real? (Mariana, 12)

Porque é que
quando pensamos
em certas coisas,
framos des confort-
áveis e tristes? (Mariana, 12)

Será que a poesia,
a escrita, a música, a pintura,
e as coisas mais mágicas deste
gênero ~~nos~~ ajudam os
outros a viver e a ser melhores
pessoas, como a mim?
(Mariana, 12)

Como é que as
pessoas dizem, os
significadores os palavras.
(Ana Margarida, 9)



amigos
imaginários

É possível parar o tempo?

Já sei a resposta à pergunta da Mariana! Já sei quem somos! Somos amostras dos nossos antepassados, mas melhoradas! Já sei quem eu sou!” No caso desta menina, as inquietações da Mariana a respeito da sua identidade permaneceram mesmo depois da entrada na *Sala do Pensamento*. Ninguém esperava esta sua reacção! Surpreendente foi perceber, também, como o texto do filósofo, junto com a sua interpretação pela actriz, desencadearam nesta criança a formulação de uma resposta para uma pergunta que trazia consigo. Isto mostra a força que o texto do filósofo tem para produzir pensamento nas crianças. Sem dúvida, estes acontecimentos inesperados só puderam acontecer porque nos encontrávamos já no campo da contaminação!

A OFICINA
PARA PAIS E FILHOS...

[TEXTO 5]

A oficina para pais e filhos foi desenhada de maneira a permitir uma maior aproximação dos pais às experiências, inquietações e angústias existenciais dos filhos, de forma a ultrapassar este impasse do pai do Elia que vem caracterizado no texto e abrindo um leque maior de possibilidades para se relacionarem com as perguntas dos mais novos, isto é, indo para lá da repetição da palavra *mistério*!

Depois de assistirem, juntos, à *performance* da Mariana, pais e filhos são convidados a entrar na *Sala do Pensamento*. Uma vez sentados, dirijo-me apenas às crianças, enquanto os pais ficam a assistir à colocação das perguntas mais difíceis e essenciais do ser humano por parte dos seus filhos, provocando neles uma emoção de admiração e estranheza. As crianças tornam-se o foco principal da atenção da oficina. Pretende-se, com este momento, criar uma disponibilidade de escuta diferente daquela que existe, de um modo geral, no dia-a-dia das famílias. A proposta que está implícita no facto de colocar os pais numa posição de silêncio é poderem tomar consciência de algumas tendências e preocupações suas, tais como querer ter sempre resposta, procurar dar a resposta verdadeira ou, simplesmente, não saber o que dizer e adiar a conversa. Ao assistirem às perguntas dos seus filhos, desdobradas em complexidade filosófica a partir da mediação de uma filósofa, pretende-se que abandonem esses hábitos e descubram novas maneiras de se relacionar com as ideias dos seus filhos, através do diálogo, da investigação e da partilha de opiniões diferentes. Enquanto os pais assistem à discussão de carácter filosófico levada a cabo pelos seus

[TEXTO 4]

“O Elia deitado de costas olhava para o azul por cima de si e pensou no céu e nos espíritos no azul no agora sem nuvens azul azul luminoso entrou no azul e pensou o céu é um labirinto o mistério é um labirinto onde moram os antepassados e os espíritos mas aonde aonde nos planetas nos planetas todos? Já sei as palavras começaram quando os espíritos dos antepassados começaram a falar o Saturno é um mistério com os anéis a minha mãe fará skate nos anéis a deslizar? Agora o meu pai tem dois anéis no dedo o dele e o dela eu também queria ter o dela iria a Saturno vê-la quem me dera viajar no espaço encontrar os extraterrestres a minha mãe já os conhece anda com eles brinca com eles quem me dera ser um extraterrestre para ir até ao infinito levava a minha mãe fazíamos um piquenique no infinito com ketchup e tudo a minha nave seria mais rápida que o vento que o pégaso ninguém me apanhava nem o meu pai nem o Zé Proença que ganha

[TEXTO 5]

todas as corridas detesto o Zé Proença a minha nave escapa aos tiros da nave do Zé Proença que anda sempre à volta do sol apanhado pela força da galáxia e eu já estou na última galáxia depois de Júpiter e Plutão perto do infinito que não acaba perto de ir mais longe sempre sempre sempre com a minha mãe no céu a minha mãe azul!” *

“Pai! Como é que aparecem as palavras? O quê? Como apareceram as palavras! Isso, sabes ninguém sabe Só a natureza? É um mistério sim Os humanos não sabem? Ainda não sabem pois O que é a Natureza? A natureza a natureza olha é a terra E o espaço? E o espaço também a terra e o espaço e os homens Paíí! Como é que os homens não sabem donde vêm as palavras se pertencem

à natureza? Ahh bem olha é verdade isso mas a verdade é que é um mistério Paíí! O que é um mistério? É uma coisa que não sabemos o que é Então tu não sabes o que é um mistério? Olha Elia já chega de perguntas Mas o que é um mistério! Elia! Paíí o que é um mistério?”

JOSÉ GIL AO MEIO-DIA, OS PÁSSAROS
LISBOA, RELÓGIO D’ÁGUA EDITORES, MAIO 2008

OS PÁSSAROS NÃO ASSUMEM DE CÉLULAS CADA PALAVRA
É QUE SE PREENHE?

PORQUE FAZ PAIR, COMO SE INVENTAS CÉLULAS
NÃO PÊS...

QUANDO TÁM LIVRE, MUITO MUITA VONTADE
DE PAIR, NÃO RESISTIMOS E ENVIAMOS BOM
DE TUDO O RESTO

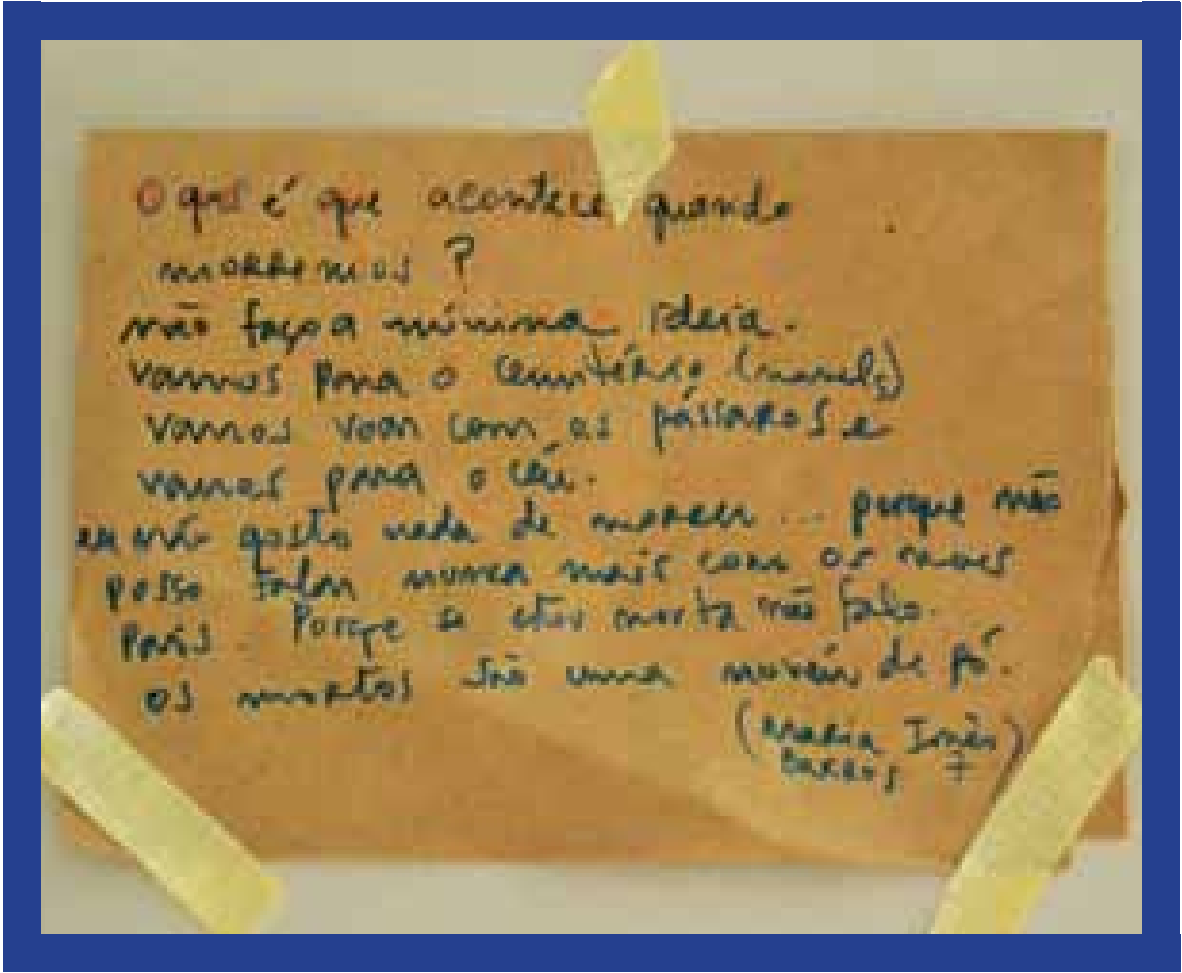
A PAIR TEM VONTADE DE PAIR,
MAS O CÉREBRO NÃO :)

ANA E MANUEL M:FEU
(5)

filhos e pela filósofa, procura-se evidenciar o valor das interrogações das crianças, provocando neles a vontade de entrar também na mesma dinâmica de troca e discussão. Em seguida, a actriz lê o texto acima citado, no qual o Elia faz uma pergunta bastante difícil ao pai, que lhe responde com a palavra *mistério*.

Numa destas oficinas, o Vasco, um menino que vinha acompanhado do pai e da irmã, disse: *“Ah! Já me aconteceu a mesma coisa que ao Elia! Uma vez estava a fazer uma pergunta ao meu pai e ele não me soube responder. A minha pergunta é muito difícil porque leva sempre a outra e a outra e a outra, e o pai, a certa altura, já não sabe o que fazer.”* O pai do Vasco reconheceu a situação, referindo-se à pergunta do filho, a que era muito complicado responder. Pedi ao Vasco para partilhar a questão em causa: *“O infinito existe ou não existe? Para haver infinito, tens de saber onde é que fica exactamente para poderes dizer onde é que ele está. Está aqui, aqui e ali. Mas, se podemos indicar um lugar para o infinito, então deixa de ser infinito e passa a ser finito. É um problema!”* Depois deste relato, outras crianças começaram a falar do seu caso, e algumas delas contaram que não existia nenhum adulto que lhes pudesse responder, pelo que iam procurar respostas no canal Odisseia, nos filmes, nos livros e nas enciclopédias. Houve uma criança que disse que ia ver à *Internet*, mas essa forma de pesquisar foi logo posta em causa de duas maneiras por duas crianças, que disseram: *“Se colocássemos todas as nossas perguntas no Google, ele explodia!”* e, ainda, *“Na net só vêm textos dos outros, e as nossas perguntas têm a ver com cada um de nós”*.

O facto de outros pais estarem presentes na oficina é também uma oportunidade de poderem partilhar uns com os outros as suas dificuldades, os seus receios. Por essa razão, a oficina dedica um tempo para os pais ficarem a conversar uns com os outros. Depois de a Tânia ler o texto da bicicleta, as crianças permanecem comigo na sala discutindo outras perguntas, enquanto os pais se deslocam para outro espaço para discutirem o conceito de autonomia em relação à educação dos seus filhos e, em particular, a autonomia do seu pensamento. A palavra autonomia aparece no texto da seguinte forma: *“(…) dizia o meu pai estás quase autónomo (…)* Aos dezoito anos disse o meu pai mas quando é que é os dezoito não compreendo nada disto dos anos não compreendo nada da vida nada nada olha esta bicicleta já nem anda bem está estragada (…)”. Na mesma oficina em que o Vasco estava presente, o grupo de crianças que ficou comigo, enquanto os pais debatiam, quis discutir a questão de saber por que é que o céu não acaba:



“Ah! Já me aconteceu a mesma coisa que ao Elia! Uma vez estava a fazer uma pergunta ao meu pai e ele não me soube responder. A minha pergunta é muito difícil porque leva sempre a outra e a outra e a outra, e o pai, a certa altura, já não sabe o que fazer.”

- Porque é que o céu não acaba?
- Porque é infinito.
- O que é o infinito?
- Nunca acaba.
- É onde chega o nada.
- Para haver infinito, tens de saber onde é que fica exactamente para poderes dizer onde é que ele está. Está aqui, aqui e ali. Mas, se podemos indicar um lugar para o infinito, então deixa de ser infinito e passa a ser finito. É um problema!
- Depois do céu, há o espaço e, depois, o universo!
- Quando chegares ao fim, há ainda algo mais para a frente e, quando chegas a esse novo fim, ainda há mais, e é sempre assim.
- O Universo, as galáxias e as estrelas!
- E o além! O além é que é infinito.
- No além estão todos os países.
- Os países estão no planeta Terra! E um dia, se calhar, vamos poder ir para Marte!
- No além pode haver extraterrestres!
- A probabilidade de existirem extraterrestres é grande, já que o céu é infinito.
- Os extraterrestres! Se calhar, a primeira mãe de todas foi feita a partir de restos de extraterrestres que sobraram para nós!

Após este tempo dedicado aos pais e aos filhos de forma isolada, estes reencontram-se na *Sala do Pensamento* para, desta vez em conjunto e sem qualquer mediação, escolherem uma questão filosófica entre as que se encontram inscritas nas ardósias, ou outra à sua escolha, e discutirem sobre ela, anotando num papel algumas das suas ideias. Na sequência deste exercício conjunto, cada família era então convidada a fazer uma exposição oral das ideias principais, enquanto a Tânia ia afixando na parede a folha onde vinham inscritas essas ideias, criando-se uma pequena exposição. No final da oficina, a Tânia lê o texto sobre os *botões do cérebro*, e cada família leva um cartão.

É possível parar o tempo?

*Passei a dar mais atenção
à criação de espaços
propícios à experiência
do pensamento, a usar
objectos enigmáticos para
provocar discussões e a citar
pensamentos de filósofos
com base nas imagens dos
seus rostos. Por exemplo,
passei a dar mais atenção
à luz e à criação de espaços
propícios à experiência do
pensamento.*

CONCLUSÃO...

Ultrapassado o desafio cronológico, veio um desafio ainda maior, o de desbravar um território novo, comum à Arte e à Filosofia Com Crianças, através da minha contaminação com as linguagens da arte e da contaminação dos artistas com as propostas da Filosofia Com Crianças. Sem dúvida que, após os meses de preparação da oficina, a chegada do público permitiu que esta se tornasse num campo experimental através do qual uma máquina nova, uma máquina de fazer perguntas e respostas filosóficas a partir de *trampolins* artísticos, se pôs em marcha. No desencadear deste processo, fomos surpreendidos por acontecimentos e reacções inesperados das crianças que, subitamente, já se moviam dentro deste novo campo de contaminação, que até então era desconhecido para nós. Foram elas, sem dúvida, que, ao viverem connosco esta experiência, começaram a dar visibilidade a algo que ainda estava encoberto para nós e a definir os contornos do novo campo onde a Arte, a Filosofia e a Infância confluem num só espaço. Este diálogo entre as nossas ideias, enquanto artistas e filósofos, relacionadas com a concepção das oficinas e as ideias das crianças durante a realização das mesmas, transformou o meu campo de trabalho e despertou em mim a vontade de continuar a explorar este novo território. Esta experiência afectou também a minha prática nas escolas. Passei a dar mais atenção à criação de espaços propícios à experiência do pensamento, a usar objectos enigmáticos para provocar discussões e a citar pensamentos de filósofos com base nas imagens dos seus rostos. Por exemplo, passei a dar mais atenção à luz e à criação de espaços propícios à experiência do pensamento.

Eco foi uma nova palavra que aprendi com a Madalena. Quando vamos para a montanha e gritamos para ouvir a nossa voz, o eco que invade o espaço da imensidão à nossa volta é algo de mágico que se prolonga para lá de nós, do nosso próprio som e do nosso ser, ao mesmo tempo que continua a vibrar em nós. Da mesma maneira que um espectáculo, um filme, um concerto de música ou uma exposição de pintura, quando nos tocam, ressoam no profundo de nós, mesmo depois de termos abandonado a sala. E o eco da oficina naquela criança que perguntou “Quem é a mãe das mães?” ou naquela que respondeu que “A primeira mãe deveria ter nascido como uma flor?” A entrada da Filosofia Com Crianças no campo da Arte, ao intensificar a experiência da criança, fez nascer um novo eco: o eco das vozes das crianças nos outros, em mim, na Maria, na Madalena, na Tânia, no Gil, na Ana, no Pedro, o eco das nossas vozes nelas. O eco continua em mim. Será que também continua

FUI CONTAMINADA:

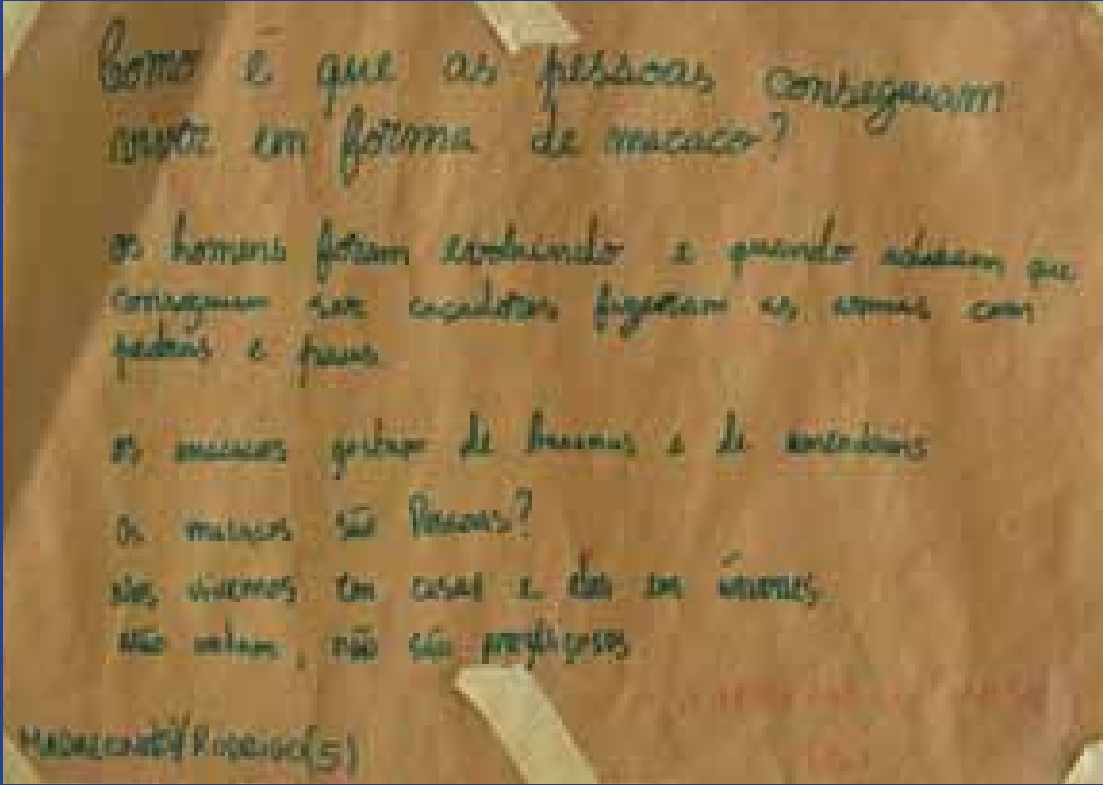
13

Pelas perguntas das crianças que acordaram as minhas perguntas; viajar entre as perguntas reais das crianças imaginadas pelo filósofo e as perguntas reais das crianças reais.

TÂNIA GUERREIRO

Contaminou-me ver a Tânia e a Rita na sua oficina, com as crianças a fazerem perguntas com o corpo, entusiasmadas em responder com gosto por serem escutadas.

ANA SILVESTRE



nelas? E que eco será esse? Seja qual for, o que mais importa é que ele teve a possibilidade de acontecer. *Porque é que todas as coisas que sobrevivem crescem?* Deixo os meus caros leitores com esta questão de uma criança... em forma de eco. [CONTAMINAÇÃO 13]

No desencadear deste processo, fomos surpreendidos por acontecimentos e reacções inesperados das crianças que, subitamente, já se moviam dentro deste novo campo de contaminação, que até então era desconhecido para nós. Foram elas, sem dúvida, que, ao viverem connosco esta experiência, começaram a dar visibilidade a algo que ainda estava encoberto para nós e a definir os contornos do novo campo onde a Arte, a Filosofia e a Infância confluem num só espaço.

AS PALAVRAS

TÂNIA GUERREIRO

CCB [FÁBRICA DAS ARTES — PROJECTO EDUCATIVO]

Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?

perguntou, um dia, o Nuno.

Pai! Como é que apareceram as palavras?

perguntou, um dia, o Elia.

Obrigada é uma das primeiras palavras que temos oportunidade de aprender e cujo significado vamos compreendendo cada vez melhor, à medida que o tempo passa e que a vamos genuinamente sentindo, oportunamente dizendo, aplicando, nos diversos contextos da nossa vida. Parece que o conceito do *obrigada* se vai ampliando e aprofundando sempre mais, sem que se possa adivinhar o seu limite. *Obrigada* nunca se esgota.

ObbRiiiigADA!

Obrigada à Mariana pela pergunta “*Quem sou eu?*”, que era (é!), afinal, a pergunta de tantas crianças que habitaram esta oficina que tive oportunidade de criar em conjunto com a Rita Pedro e a Madalena, que é a pergunta de tantos filósofos que a Rita estudou e que é também, afinal, a minha pergunta enquanto artista, enquanto ser humano. E este *obrigada* é mesmo à Mariana (Caiado), que hoje tem 22 anos e tivemos oportunidade de reencontrar, é a ela que estou muito agradecida e não ao nome dela, porque, aos oito anos, o nome já não lhe chegava, o nome não era a pessoa e era o ser da pessoa que a Mariana queria saber. Ela queria saber sobre o SER e queria também saber sobre o significado das palavras.

Obrigada ao filósofo José Gil por *ao meio-dia, os pássaros* e por me ter permitido, através daquelas palavras, abrir uma janela para aquilo que aprendi ser um devir-criança, o meu, através da janela aberta por ele, a janela que é quase directa para o infinito do azul... *a minha mãe azul [Azul... era azul que eu queria o meu mundo... um azul mais profundo que o próprio anil]*.

Obrigada à Rita pelo espanto com que olha o mundo, pela generosidade com que me recebeu no seu mundo da Filosofia Com Crianças, por me ter ensinado sobre a suspensão do juízo ou dos (pre)conceitos e, mais do que tudo, pelo despojamento

com que ouve e recebe todas as palavras ditas pelas crianças, pela forma como valoriza cada uma dessas palavras, cada uma dessas crianças. Afinal, as perguntas das crianças são idênticas às perguntas dos filósofos, as palavras das crianças são talvez menos elaboradas do que as palavras dos filósofos, porque elas ainda não conhecem essas palavras mais difíceis, mas a dúvida que leva ao questionamento nos filósofos já habita as crianças, e a Rita apreende essa dúvida e estimula o questionamento e a curiosidade delas, actuando como um guia atento e activo no diálogo. E, da mesma forma que as crianças descobrem as suas perguntas umas com as outras, também encontram as respostas nas palavras umas das outras, e a Rita, sempre atenta, sempre lá, reconhece a filosofia nas crianças e revela-as filósofas. Porque a Rita atribui valor ao pensamento que as crianças partilham umas com as outras, elas próprias sentem-se valorizadas e valorizam-se umas às outras e aos pensamentos umas das outras. “*Aqui, somos nós os professores*”, disse a Sara à Rita. Pensei muitas vezes na importância das palavras que elas diziam, na importância dos seus pensamentos porque, afinal, são elas que vão continuar a pensar o mundo e a construí-lo.

Obrigada, Madalena.

Se não houvesse sonho, como é que teria existido este tempo de encontro entre a arte, a filosofia e as crianças, este tempo para os artistas e os filósofos descobrirem um caminho juntos, este tempo para todos (crianças, pais, artistas, filósofos) descobrirem a importância da sua pergunta? Se não tivesse havido sonho, não teria havido nada!

A palavra *burilar*, ensinou-ma a Madalena (Wallenstein). Se a palavra *burilar* não existisse no léxico da Madalena, talvez eu não tivesse encontrado a Rita, a Mariana, o voo dos pássaros do José Gil, o meu devir-criança mas, acima de tudo, tenho a certeza de que, se a palavra *burilar* não existisse no léxico da Madalena, eu não teria tido oportunidade de ouvir as gargalhadas contagiantes das crianças enquanto seguiam a minha leitura dos textos do José Gil e voavam, também elas, comigo naquela bicicleta à volta das arcadas, à velocidade da luz, mais de trezentos e vinte e quatro metros, e eu, que nem sequer sei andar de bicicleta, nunca voei tão alto; se a palavra *burilar* não existisse no léxico da Madalena, eu não teria ouvido “*Eles [os filósofos] morreram felizes porque foram aquilo que quiseram ser*”, ou “*Eles [os filósofos] morreram felizes porque ajudaram a humanidade a descobrir mais segredos*”, não teria tido oportunidade de descobrir um pouco melhor o significado da palavra *obrigada*.

“*Para onde vão as palavras depois de as dizermos?*”, perguntou, um dia, Margaret (Atwood), ou terá sido a Mariana?, ou o Nuno?, ou a Sara?, o Miguel?, a Inês?, ou terá sido o Elia?

BIBLIOTECA MÍNIMA

IDEIA ORIGINAL E INTERPRETAÇÃO

ANA SILVESTRE

criação

ANA SILVESTRE

ANA LUÍSA DOMINGOS

IRINA RAIMUNDO

colaboração

PEDRO MEDEIROS

construção

CARLOS PEREIRA

PRÉ-COISA

ANA SILVESTRE

actriz e criadora



CICLO DE FILOSOFIA E CONTEMPLAÇÃO ARTÍSTICA

Obrigada à Ana Luísa Domingos pela generosa entrega no processo criativo e pelo perspicaz “olhar de fora”.
Obrigada à Irina Raimundo pela presença entusiasta e pela sensibilidade pedagógica.

PRÉ-COISA

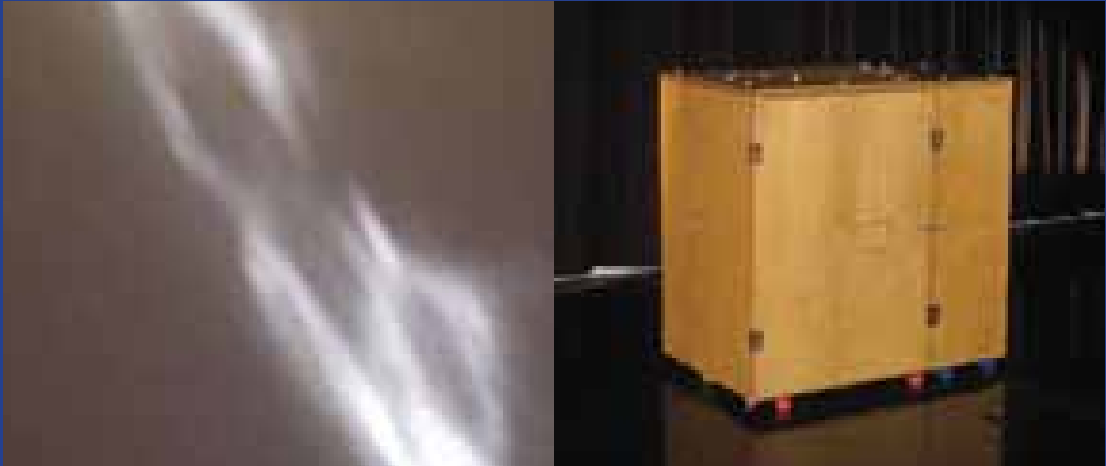
[FOTOGRAFIA “REFLEXO DE UMA GUITARRA NA PAREDE”]

Antes de ser objecto. Antes de ser uma dramaturgia. Antes de ser um espectáculo. Antes de ser oficina. Antes de ser *Biblioteca Mínima*. No tempo antecedente. Uma pré-coisa.
Da cabeça para o coração, do coração para a cabeça, da cabeça para as mãos, essa pré-coisa era ideia circundante e disforme em mim. A inspiração das ideias de João dos Santos sobre a importância de ler o mundo antes de se aprender, as referências poéticas de Jairo Aníbal Nino, Manoel de Barros, Gianni Rodari, entre outros, como impulsionadores de pormenores poéticos do mundo da infância, as memórias mundanas dos sentidos, as ideias improváveis e divergentes iam fazendo ligações e definindo uma concepção, ainda vaga, de uma Biblioteca incomum e muito viva do pré-ler.
Com a ideia de valorizar as mais pequenas belezas do mundo – como os interstícios, o invisível, a leitura do mundo, a poesia dos dias, o ouvir e sentir as coisas de diferentes formas, entre outras –, fui tecendo essa Biblioteca onde se poderia guardar a efemeridade da beleza do que é aparentemente mínimo.

Esta busca artística materializou-se no objecto que denominei *Biblioteca Mínima*, desenhado pelo Pedro Silva, cenógrafo do Teatro do Silêncio.

Este objecto é uma estrutura de madeira com rodas e uma configuração semelhante a um edifício contemporâneo, que se abre em quatro partes, a que chamei Edifícios:

- 1. EDIFÍCIO DAS IMENSIDÕES
- 2. EDIFÍCIO DAS PRECIOSIDADES DA VIDA
- 3. EDIFÍCIO DA LUZ
- 4. EDIFÍCIO DAS EMOÇÕES



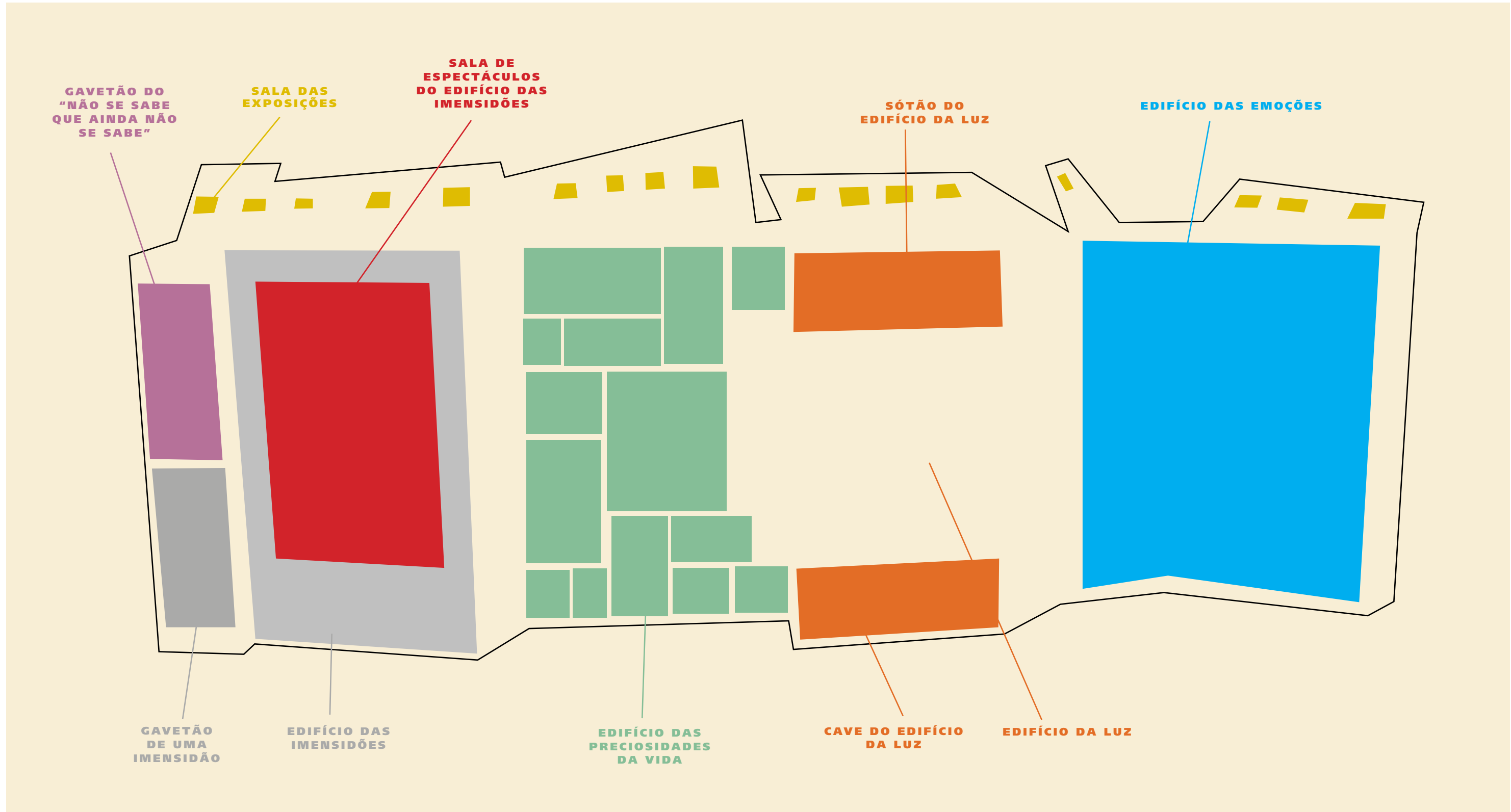
REFLEXO DE UMA GUITARRA NA PAREDE
(FOTO PERTENCENTE À “EXPOSIÇÃO DE BELEZAS MÍNIMAS” – SALA DE EXPOSIÇÕES DA BIBLIOTECA MÍNIMA)

1. EDIFÍCIO DAS IMENSIDÕES
Gavetão de uma imensidão
Gavetão “Não se sabe que ainda não se sabe”
Sala de espectáculos com um concerto mínimo para quatro belos ouvidos (podendo variar).

2. EDIFÍCIO DAS PRECIOSIDADES DA VIDA
Gaveta grávida
Gaveta do nada
Gaveta “Na medida do possível”
Gaveta das histórias por inventar
Gaveta que guarda a luz de um pirilampo
Gaveta que guarda um forte olhar
Gaveta da dúvida
Gaveta que guarda a coisa mais preciosa do mundo
Gaveta das ausências
Gaveta dos monstros
Gaveta dos livros mínimos
Gaveta dos poemas dançados
Gaveta que guarda diferentes maneiras de ouvir
Gaveta da paciência
Gaveta que guarda outra biblioteca
Gaveta que guarda o vento
Gaveta que guarda indicações
Gaveta que guarda linhas de pensamento
Gaveta do ver de outra forma
Gaveta da meteorologia interna
(algumas variam conforme os públicos e podem sempre ser criadas outras)

3. EDIFÍCIO DA LUZ
Sótão
Cave
Portas até à luz

4. EDIFÍCIO DAS EMOÇÕES
Caixa das emoções (parte escondida e parte em esponja)
Pano que aquece
Gosta de receber festinhas e ouvir histórias
Coisas por descobrir



SALA DE EXPOSIÇÕES

Neste momento, com uma exposição de belezas mínimas, fotos de coisas muito concretas que, por vezes, nos parecem abstractas (a exposição pode variar).

JARDIM

O ESPECTÁCULO

No espaço cénico, a *Biblioteca Mínima* e a actriz, eu própria, aguardamos a entrada do público. As luzes iluminam-nos. Mais nada naquele espaço. A Biblioteca está fechada. Ouve-se Schumann, até o público se sentar. Um pequeno silêncio.

— Bem-vindos à Biblioteca Mínima! *(afastando-se ligeiramente da Biblioteca, dando-lhe destaque).*

— Vou acompanhar-vos nesta visita a esta Biblioteca muito viva, com uma organização muito própria... desorganizada como a vida... imprevista e... *(roda a Biblioteca)* sempre em movimento. Ela precisa de vocês para respirar, e o coração dela está em quem a consegue ver.

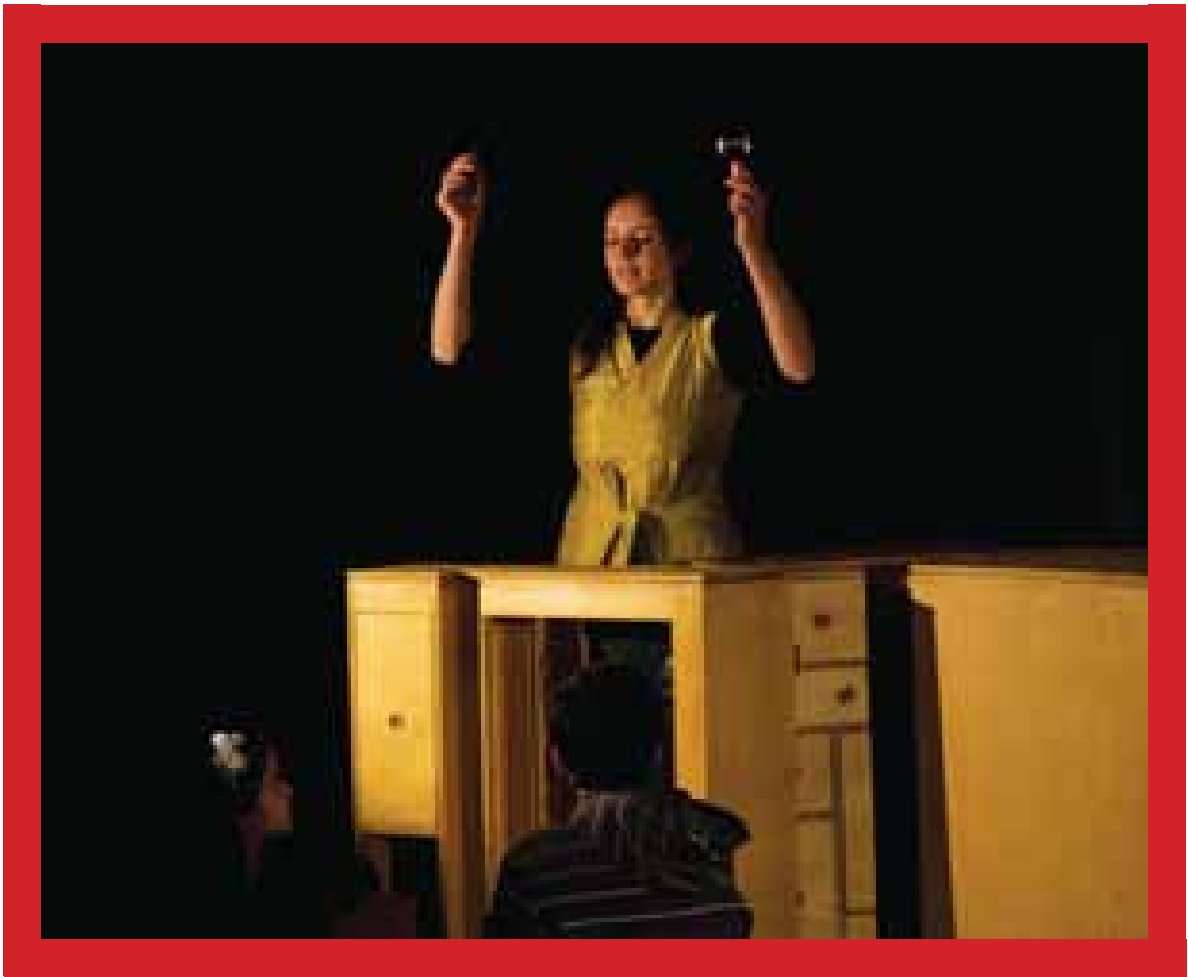
Ao longo de cerca de 50 minutos, o objecto *Biblioteca Mínima* vai sendo apresentado edifício a edifício, espaço a espaço, gaveta a gaveta, abrindo-se, revelando-se e ganhando vida.

Toda esta apresentação é feita por mim, actriz, que assumo o papel de guia da Biblioteca. Não crio nenhuma personagem, mas também não sou eu. A opção dramática foi assumir uma zona de mim, despojada e indefinida, que se transforma em diferentes papéis ao longo da apresentação dos recantos da Biblioteca. Faço a ligação entre o objeto e o público e despoleta a alma da Biblioteca. Vou dando vida aos objectos guardados nas gavetas, quer através da personificação de pequenas personagens que desaparecem ao fechar das gavetas, quer como contadora de histórias ou, apenas, guia do que se vê. Vou sendo maetrina do tempo e do ritmo do espectáculo. Uma actriz que está ali para dar vida e alma à Biblioteca.

Toda esta opção dramática do espectáculo teve a importante colaboração da Ana Luísa Domingos, criadora, animadora sociocultural e ceramista.

A guia começa por apresentar a Biblioteca por fora.

— Esta é a sua pele, as suas linhas, o seu corpo... *(vai tocando na Biblioteca como se fosse um ser vivo).* **A fachada principal, que dá acesso à sala de espectáculos. A sua parte de trás que, quando se**



Abre as trancas e move o primeiro edifício, mostrando-o ao público. Assim começa a viagem por dentro dos edifícios da Biblioteca Mínima, na descoberta das pequenas belezas do mundo.

vira *(rodando a Biblioteca), passa a ser a parte da frente (...)*

O público é convidado a ver a Biblioteca por dentro e a visitar os seus edifícios através da sua sensibilidade, sem sair do lugar.

— **A chave para entrarmos está nos ouvidos bem à escuta, no olhar muito atento, no olfacto bem apurado, no paladar no ponto e... muita imaginação! Vamos entrar?** *(silêncio)*

Abre as trancas e move o primeiro edifício, mostrando-o ao público.

Assim começa a viagem por dentro dos edifícios da *Biblioteca Mínima*, na descoberta das pequenas belezas do mundo. O primeiro edifício a ser apresentado é o das imensidões, com o seu gavetão “uma imensidão”, a sala de espectáculos e o gavetão “não se sabe que ainda não se sabe”.

— **Gavetão “não se sabe que ainda não se sabe”!** *(pequena pausa).* **Este gavetão guarda a imensidão do desconhecido, das coisas que ainda não se conhecem, que ainda não se sabem, que ainda não descobrimos. Das coisas que não sabemos que ainda não sabemos. Mas, quando começamos a desconfiar, nascem os porquês. Porque é que? Mas porquê?! Porquê?** *(diferentes entoações)*... **Começam a nascer porquês nos olhos, na cabeça, nas mãos, no pensamento, e dessa imensidão dos porquês nasce uma imensidão de saberes** *(mostrando o gavetão vazio).*

O espectáculo prossegue com a visita aos outros compartimentos do primeiro edifício. A seguir, a guia passa ao segundo edifício:

— **Vamos agora visitar o nosso segundo edifício. Este edifício guarda preciosidades da vida. A vida faz de nós melhores leitores, e esta Biblioteca guarda pedaços de vida. Para abrir as gavetas, vou precisar da vossa ajuda** *(pede que um espectador escolha uma gaveta).*

Quando alguém escolhe a gaveta “linhas de pensamento”, a guia diz:

— **Esta gaveta guarda linhas de pensamento!**

— *(Retira uma linha longa de dentro da gaveta)* **Pensamentos longos!**

— *(Retira uma linha elástica e mostra a sua elasticidade)* **Pensamentos flexíveis!**

— *(Retira uma fita negra)* **Pensamentos obscuros!**

— *(Retira uma fita ondulada)* **Pensamentos hesitantes!**

— *(Retira um aglomerado de linhas e fitas entrelaçadas)* **Pensamentos confusos!**

Um silêncio suspenso e arruma a gaveta. Um tempo onde nada é explicado. Cabe a quem vê fazer a sua própria ligação. A guia pede que alguém escolha uma outra gaveta do edifício das preciosidades da vida.

Na gaveta “Na medida do possível”, está uma fita métrica. A guia da Biblioteca retira-a e diz:

— **Na medida do possível, mede-se o que nos é possível! Quanto mede a tua mão? Deixa ver... (mede a mão de alguém) 15 cm de uma bela mão! E a tua mão? (mede outra mão). Na medida do possível, mede-se o que nos é possível. E a Biblioteca? Quanto mede a biblioteca? (mede a biblioteca) Tem 90 cm de possibilidade?! E o sabor do chocolate? Para ti, quanto mede o sabor do chocolate?... Ah... quatro vezes esta medida? Não?! Mais? Para ti não mede nada? Não gostas de chocolate? E o cheiro dos malmequeres? E a paixão? 2 cm? 20 cm? 2 km? 4 ha? Não tem medida? É infinito? Na medida do possível, mede-se o que é possível.**

De novo, o silêncio e o convite para que se escolha uma nova gaveta. Quando alguém escolhe a gaveta que guarda a coisa mais preciosa da vida, a guia diz:

— **Temos a grande honra de guardar nesta Biblioteca a coisa mais preciosa do mundo! Para que possam vê-la, terão de olhar, sozinhos, bem para dentro da gaveta. Pedimos silêncio.**

E assim vai passando a gaveta pelo público, um a um, para que todas as pessoas consigam ver o que está lá dentro (um espelho onde cada um se vê). Antes de guardar a gaveta, a guia repete: — **A coisa mais preciosa do mundo!**

Quando alguém escolhe a “gaveta grávida”, a guia abre a gaveta, embala-a levemente e retira dela uma maquete muito pequenina, igual à Biblioteca Mínima, e mostra-a com o cuidado de uma mãe. Depois de a arrumar, diz: — **Todas as nossas memórias são, também elas, Bibliotecas Mínimas!**

O espectáculo continua com a escolha, por parte do público, de mais algumas gavetas. Dramaturgicamente, optámos por não apresentar todas as gavetas (ao todo, são 16), ficam sempre duas ou três por revelar. Os conteúdos das gavetas e as suas histórias, por vezes, são modificados, previamente, consoante as características do público. Embora haja um guião do espectáculo bem definido, há um espaço de improviso resultante da interacção com o público, que vai sendo administrado por mim de forma a manterem-se a linha e o ritmo do espectáculo.

A guia conduz a visita para o próximo edifício.

— **Vamos até ao próximo edifício da Biblioteca. Aqui, a Biblioteca não nos dá nada, mas gosta de receber, é a sua caixa de emoções. Gosta de carinho... (tocando na parte de esponja) gosta que lhe cantem ao ouvido... gosta que lhe contem coisas bonitas, baixinho... e gosta**



Os conteúdos das gavetas e as suas histórias, por vezes, são modificados, previamente, consoante as características do público. Embora haja um guião do espectáculo bem definido, há um espaço de improviso resultante da interacção com o público.

que fiquemos só mais um bocadinho, só mais um bocadinho. Gosta também que lhe contem histórias (a guia conta algumas histórias).

No edifício seguinte, o da luz, a guia abre uma janela que dá para outra janela mais pequena e assim sucessivamente, como matrioscas, até se abrir a última janelinha que abre para a luz!

— **Tudo o que está escondido apenas precisa de um pouco mais de luz! (silêncio).**

Neste momento, o objecto Biblioteca está aberto na totalidade. Quando parece que mais nada se vai revelar, a guia convida o público a visitar a sala de exposições (abrindo as prateleiras superiores), onde está patente uma exposição de belezas mínimas. São pequenas fotografias de pormenores reais da vida quotidiana que, vistas de perto, parecem abstractas. As pessoas são convidadas a levantarem-se e a verem a exposição.

Enquanto as pessoas invadem o espaço cénico, eu afasto-me e coloco-me no lugar do público. O espaço convencional de espectáculo esbate-se. A Biblioteca e o público tornam-se o espectáculo principal. As luzes diminuem no espaço cénico. Acendem-se as luzes do público.

— **Agora, convido-os a observarem as belezas mínimas lá fora, em vocês e no mundo.**

Ouve-se de novo Schumann.

DESAFIO

Na Primavera de 2012, enviei o projecto *Biblioteca Mínima* para a Fábrica das Artes do CCB.

Quando a Madalena Wallenstein me contactou propondo que a *Biblioteca Mínima* integrasse este ciclo com a Rita Pedro e o Teatro do Silêncio, fiquei muito entusiasmada. Na realidade, nunca tinha pensado na filosofia como parte integrante deste projecto. Não antevia o espaço fértil de contaminações e transformações que se abria. Ao contrário, a Madalena estava a convocar a possibilidade de um novo campo, de forma sábia e pensada. Ela conduziu-nos, discreta e generosamente, a darmos o mais identitário de cada um, cruzando áreas e interesses de forma integradora e partilhada.

O desafio que a Madalena me colocou abria a possibilidade de alargar e repensar a Biblioteca de outra forma para lá do espetáculo. “Que tal criares uma oficina a partir desta *Biblioteca Mínima*, onde as pessoas façam parte dela, onde criem as suas próprias bibliotecas?”

A *Biblioteca Mínima*, pela mão da Madalena, estendia-se.

PREPARAÇÃO DA OFICINA

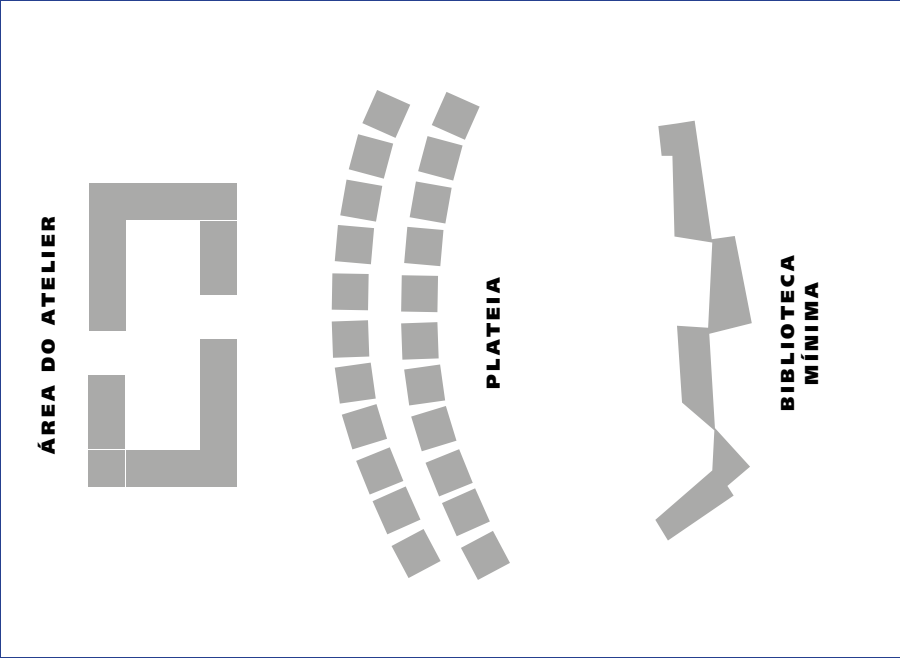
Convidei a Ana Luísa Domingos, que tinha feito comigo a dramaturgia da Biblioteca, e a Irina Raimundo, artista plástica com experiência pedagógica, para criarmos a oficina proposta pela Madalena. Era consensual que a oficina teria de ter uma narrativa interna que tivesse coerência para nós e um encadeamento de acções que transportasse de forma suave as pessoas do espectáculo que acabavam de ver para o papel de protagonistas. **Como?**

Na “gaveta grávida” do edifício das preciosidades, no espectáculo (ver pág. 78), a guia faz referência ao facto de as memórias serem Bibliotecas Mínimas. Pensámos que este poderia ser o ponto de partida da oficina. Da Biblioteca poderiam nascer outras bibliotecas e, para tal, precisaríamos das vivências, das memórias e do mundo interior das pessoas.

Decidimos construir embriões de Biblioteca, pequenas caixas assimétricas como a própria *Biblioteca Mínima*, que seriam a base a partir da qual o público faria a sua própria *Biblioteca Mínima*. **Qual o ambiente propício para que tal acontecesse?**

Dividimos a sala em espaço cénico, de público e de oficina (ver *esquema*). Através de mesas, poucos elementos distrativos e várias luzes direccionadas, criámos um ambiente de laboratório no espaço da oficina, atrás do público.

Durante o espectáculo, este espaço estava oculto e, no final do espectáculo, quando a guia passa para o lugar do público, as luzes do laboratório acendem lentamente, passando a ser visível esse outro “cenário”. Neste espaço, os embriões, guardados numa mala, eram oferecidos às pessoas e convidávamos cada uma delas a escolher um lugar confortável do laboratório para criarem a sua própria Biblioteca.



E QUE MATERIAIS UTILIZAR?

Ainda no decorrer da criação da oficina, escolhemos materiais que faziam alguma alusão, de acordo com a nossa lógica mais intuitiva, aos edifícios das imensidões, das preciosidades da vida, da luz e das emoções. Optámos por colocar os materiais escolhidos em bancas fora das mesas de trabalho.

EDIFÍCIO DAS PRECIOSIDADES DA VIDA

- Envelopes pequenos
- Papel kraft
- Pedaços de jornais
- Textos e palavras
- Recortes de imagens

EDIFÍCIO DAS IMENSIDÕES

- Linhas
- Fitas
- Papel milimétrico
- Papéis diversos cortados
- Mapas
- Tachas
- Clips e elásticos

EDIFÍCIO DAS EMOÇÕES

- Algodão e sumáuima
- Recortes de obras de arte
- Cartão canelado fininho

EDIFÍCIO DA LUZ

- Acetatos
- Plásticos, celofane
- Palhinhas cortadas
- Molduras de cartão
- Bocados de cartolina preta
- Papel de alumínio, transparências

MATERIAIS DE APOIO

- Colas, carvão e marcadores

A escolha dos materiais para os diferentes edifícios não foi explicada, não era importante. No entanto, na construção da nossa narrativa interna e no fio condutor da oficina, teve uma importância primordial. **Os materiais sugeriam o universo de cada edifício.** Materiais mais quentes e sensíveis ao tacto foram associados ao edifício das emoções, que é forrado a esponja e se apresenta como a caixa de

emoções da Biblioteca. Materiais transparentes, reflectores, com luminosidade ou que deixem ver “para lá de” foram identificados com o edifício da luz. Materiais como linhas, cordéis, papel milimétrico e outros com prolongamento, associámo-los ao edifício das imensidões. Palavras e imagens de obras de arte, envelopes velhos, selos e outros, potencialmente detentores de pequenas memórias são materiais que ligámos ao edifício das preciosidades da vida.

Estas opções transportam em si metáforas e simbologias que criam ligações fáceis entre o quotidiano e o abstracto, entre o sentir e o pensar. São motores que facilitam o acesso rápido das pessoas às suas memórias e à sua representação plástica baseada no sentir.

Optámos por dar a possibilidade de cada um escolher apenas cinco materiais para que essa escolha fosse criteriosa. É preciso tempo e espaço de pensamento entre a escolha do material e o fazer. É preciso bloqueio. Era, muitas vezes, neste espaço de escolha que surgiam as interrogações, as dúvidas, os silêncios preciosos, o invisível da ligação entre o que tinham visto, o que tinham dentro de si e como esse encontro se materializava em algo significativo da sua identidade. Um tempo onde cada um valoriza e dá significado às suas ligações internas. Esse tempo, diferente de pessoa para pessoa, é um tempo de gestação.

Na construção da oficina, preocupamo-nos essencialmente com os encadeamentos e as passagens entre cada momento, pois acreditamos que essa é uma das formas de levarmos as pessoas a outro espaço e tempo interno propício ao pensamento e à criação. A relação que o mediador, em pouco tempo, consegue estabelecer é preponderante para que a oficina ganhe a dinâmica e o ritmo adequados à descoberta individual no grupo de forma contentora.

O papel do mediador é da maior importância para sustentar a tendência consumista e imediata na construção dos objectos individuais, valorizando e apoiando as escolhas, apreciando e acolhendo a individualidade de cada um, dando outros pontos de vista com distanciamento, apreciando, permitindo a autoconfiança e reconhecendo a individualidade de cada um.



**NA CONSTRUÇÃO DA OFICINA,
TIVEMOS EM ESPECIAL ATENÇÃO**

1. Ter um ponto de partida simbólico que ligasse o espectáculo à oficina.
2. Ter uma narrativa interna, um fio condutor.
3. Criar um encadeamento de acções/propostas.
4. A progressão do encadeamento.
5. A definição de espaços simbólicos (cénico, laboratório, plateia, poético);
6. A definição de ritmos (explicação curta e simples, tempo para escolha de materiais, momento de criação, momento de apresentação ao grupo).
7. A utilização de luzes, silêncios, repetições como forma de passagem e ligação.
8. Atitudes de escuta activa, devolução de perguntas ou utilização de perguntas poderosas, acolher ideias, não interpretar mas devolver.

PEQUENINAS MEMÓRIAS

1. O espectáculo termina com a visita à Biblioteca (já de pé no espaço cénico).
2. O guia passa para o lugar do público.
3. O público fica no espaço cénico.
4. As luzes incidem sobre o público. É explicado pela mediadora que a Biblioteca está grávida e que temos embriões que precisam das pessoas para se transformarem em outras Bibliotecas Mínimas.
5. Acendem-se levemente as luzes do laboratório, abre-se a mala dos embriões.
6. Cada um escolhe um embrião da mala e um lugar para criar. Sentam-se. As luzes do espaço cénico apagam-se. Que memórias surgem do que viram? Que imagens ocorrem? De que edifício da *Biblioteca Mínima* nasceu a sua Biblioteca?
7. São apresentados os materiais à disposição e dá-se a indicação para escolherem cinco materiais. Uma escolha criteriosa.
8. São convidados a construírem a sua Biblioteca com esses materiais.
9. A mediadora facilita a criação com perguntas, silêncios, atenção, escuta...
10. Colocamos as Bibliotecas terminadas em cima da mala.
11. Voltamos ao espaço do público;
12. Quem quiser apresenta a sua Biblioteca aos outros.

Na construção das suas próprias Bibliotecas surgiram, através do valor atribuído aos materiais e das ligações internas de cada um, retalhos do que se tinha visto no espectáculo da *Biblioteca Mínima*, com bocados criados por cada um. Um *patchwork* de linguagens, de raciocínios e emoções colados por poesia. As Bibliotecas criadas são significativas de um pensamento interno e não de uma opção meramente decorativa. Este, para mim, é o grande potencial educativo da oficina.

No final da oficina, uma pessoa apresentou a sua Biblioteca: “A minha Biblioteca é um candeeiro pensante, tem muitos fios pendurados e um buraco transparente por onde passa a luz”, disse ela. Fazia lembrar a gaveta das linhas de pensamento e o edifício da luz, mas era uma outra Biblioteca única.

Uma criança criou uma Biblioteca com papel milimétrico e fez uma janela com papel celofane amarelo. Apresentou-a dizendo: “Esta é uma Biblioteca sem medida nem impossível e tem uma janela aberta para o amarelo.” Parecia uma transformação da gaveta “na medida do possível”.

Um menino esteve quase todo o tempo da oficina com o embrião na mão e dizia “*não sei o que fazer...*”, mexia-se muito, olhava os materiais, mexia-se de novo. Procurava a mediadora da oficina que lhe disse “*não faz mal, às vezes precisamos de tempo para descobrir*”, ele continuou. Pegou numa imagem um pouco abstracta e tentou colar, mas desistiu. Ainda rabiscou, olhou os outros, ficou várias vezes com o olhar perdido em qualquer pensamento... acabou por colar uns fios, voltou a abordar várias vezes a mediadora. Quase no final, ele veio a correr dizer “*já sei!!!!!! É o embrião do nada!*”

O menino sentenciou:

Se o nada desaparecer, a poesia acaba.

MANOEL DE BARROS, POEMINHA EM LÍNGUA DE BRINCAR

A poesia despoletou muitas vezes, nesta oficina, uma ligação fácil entre o quotidiano conhecido e um olhar desconcertante sobre o mesmo. Esta linguagem acessível, mas “não comum”, cria ligações entre ideias improváveis, facilitando o pensamento. O espectáculo prepara e envolve as pessoas nessa linguagem poética que é transportada para a oficina. Cada um materializa, de forma quase imediata, na sua própria Biblioteca, um conjunto de pensamentos, memórias e ligações através dos materiais. Há uma vivência com expressão estética dos processos



**COMENTÁRIOS DE CRIANÇAS
AO APRESENTAREM A SUA
BIBLIOTECA**

— É uma caixa-cinema, quem lá entra fica com imaginação.

— Fiz como pensei que tinha de ser feito... assim muito terna.

— É uma Biblioteca de recordações, como as pessoas que vão para o céu e levam as suas recordações.

— É a Biblioteca do mistério, não sei bem por que ficou assim.

— É uma biblioteca com um bosque.

— É uma Biblioteca de arrumar cores.

— É uma Biblioteca flor que dá luz.

— É uma Biblioteca japonesa que guarda monstros fofinhos.

— É uma Biblioteca que vive nas nuvens e por isso voa.

— É uma Biblioteca-castelo que protege as palavras.

internos do pensamento. Esta construção plástica com valor para si próprio facilita uma práxis filosófica.

A poesia pode ser leve, desconcertante, não imediata, estética e essencialmente livre. Essa liberdade de trocar os sentidos das coisas com uma outra lógica coloca-nos fora do quadrado e é impulsionadora do pensar. Cria dúvida, não nos dá respostas concretas, mas leva-nos para outra dimensão do pensar onde é possível comunicarmos com o que nos supera. Muitas vezes, a poesia é mínima pelo facto de reduzir palavras para dizer coisas. Como diz Manoel de Barros, “os poetas arejam a linguagem”. E é também maior porque, como qualquer arte, transcende.

No final, cada um apresentava a sua Biblioteca. Muitas crianças, jovens e adultos apresentaram com muito prazer. Poucas recusaram fazê-lo. São verdadeiros objectos expressivos do pensamento e do sentir de cada um.

Violeta mostra uma Biblioteca com uma entrada para um castelo de palavras.

Filipa apresenta uma Biblioteca azul com uma porta que diz estar perra e termina dizendo “*Tudo vem do nada*”.

Luís diz “*esta é uma Biblioteca de música, por isso tem estes elásticos esticados como cordas de guitarra*”, fica em silêncio e termina: “*eu gostava de ser músico*”.

O Rodrigo mostrou uma Biblioteca quase toda azul: “*Esta é uma Biblioteca que não se consegue calar*.” A mediadora perguntou: “*Ela fala sobre quê?*” Ele demorou algum tempo a responder; olhando-a, disse: “*Sobre o azul e coisas...*”

“O que mais me impressionou foi o facto de se abrir tantas janelitas até se encontrar a luz”, dizia uma senhora, “porque é mesmo assim... tem de se ir abrindo, abrindo, abrindo”.

Um senhor idoso disse “*É uma Biblioteca-cata-vento, para orientar lembranças que me levam para os tempos em que a minha mulher ainda cá andava, como o daquela gaveta que guardava um grande amor*.”

Este espaço poético permite que cada um ultrapasse os limites da comunicação comum nesse lugar onde as palavras não chegam e dá-se um encontro não-habitual que permite a transformação. O espectador que entra nunca é igual quando sai.

A CONTAMINAÇÃO

[CONTAMINAÇÃO 14]

Como qualquer contaminação, os processos não são logo perceptíveis. Quando comecei a integrar os encontros deste ciclo, eu trazia um projecto já materializado e juntava-me ao Teatro do Silêncio, que iria estar em residência para a criação de uma oficina, e à Rita Pedro, que também iria criar a sua oficina. Juntava-se a estas circunstâncias a coincidência de o Pedro Silva, que tinha desenhado a *Biblioteca Mínima*, também estar agora aqui para realizar a parte cénica da oficina do Teatro do Silêncio.

Estes encontros foram sempre muito ricos devido à possibilidade de partilha de ideias comuns com abordagens diferentes. O questionamento da Rita Pedro foi, para mim, uma das primeiras contaminações, porque nunca o tinha feito com consciência filosófica.

As perguntas que impulsionavam a construção das oficinas da Rita e do Teatro do Silêncio impulsionavam a desconstrução do trabalho materializado que eu trazia. Iniciou-se um processo de desmaterialização.

Da mesma forma que o pensamento artístico, o espaço, as luzes e a dramatização davam à Rita Pedro uma dimensão mais física e visível à filosofia, o meu trabalho artístico era ampliado pela dimensão filosófica.

Essa contaminação passou a estar presente, não na construção do espectáculo, mas na sua apresentação e na relação estabelecida com o público. Quando apresentava a gaveta do “Não sabe que ainda não se sabe”, no edifício das imensidões (ver página 77), o que me movia era o prazer de materializar, numa gaveta vazia, a descoberta simples de que não sabemos coisas que nem sabemos que não sabemos.

Este prazer é idêntico ao da criança que brinca e descobre as suas próprias respostas às suas perguntas, como na Filosofia Com Crianças desenvolvida pela Rita Pedro. Esta identificação deu uma visão filosófica à minha criação, que até então não tinha. [CONTAMINAÇÃO 15]

Uma das primeiras gavetas que criei na *Biblioteca Mínima* foi a “gaveta da maior preciosidade da vida”. Queria que esta Biblioteca guardasse a beleza do ser. Não de uma pessoa especial que se evidencia por algo que faz, cria ou pensa, mas a beleza de qualquer ser, que é sempre único. Sempre me intrigou a beleza de pequenas coisas da vida de cada ser que morrem com elas. Como iria conseguir guardar tudo isso numa só gaveta? No meu processo de criação, lembrei-me do Patrice César, um psicólogo canadiano que tive a oportunidade de conhecer, que trabalhava com pessoas que tinham tentado suicidar-se. Ele dizia que estas



FUI CONTAMINADA:

14

Fui contaminada por ideias como ‘não é preciso todos fazerem tudo’ e ‘não é preciso tudo’.

MARIA GIL

15

As perguntas das crianças acordam as minhas perguntas.

TÂNIA GUERREIRO



pessoas tinham de fazer um trabalho com o espelho. Tinham de se olhar, de aprender a gostar delas. Independentemente de qualquer teoria sobre este assunto, esta lembrança fez-me criar a gaveta que guarda a maior preciosidade da vida, colando um espelho no fundo da mesma. Não é o espelho do narcisismo, mas o de se descobrir a si próprio como algo importante. Foi assim que se criou esta gaveta, onde cabem todas as pessoas do mundo que olhem para ela.

“*Quem sou eu?*”, perguntava a Mariana do texto da oficina da Rita e da Tânia. Essa pergunta filosófica não me tinha ocorrido quando criei a gaveta da maior preciosidade da vida, pois o ponto de partida da criação era outro, mas no fundo estava implícito a partir do momento em que cada indivíduo olha para dentro da gaveta e se vê confrontado consigo próprio como a coisa mais preciosa da vida. A maior preciosidade da vida sou eu? Que remete para “*E quem sou eu?*”

A contaminação deste feliz encontro fez da Biblioteca uma provocadora de perguntas mais consciente.

A Madalena Wallenstein, com o seu desafio, abriu a possibilidade de a Biblioteca se contaminar, crescer, pensar, ter mais alma e estender-se para lá do espectáculo. Passou a não se encerrar, mas a prolongar-se em cada um dos elementos do público para lá do tempo confinado ao espectáculo. A *Biblioteca Mínima* passou a ser um impulso para o espaço de pensamento da esfera privada de cada um, com os seus universos e memórias projectados num objecto estético e significativo. O grande protagonista passou a ser o público.

A PÓS-COISA

A pós-coisa é a transformação, da materialização à desmaterialização, que ocorreu na Biblioteca ao passar por este ciclo. É a transformação que ocorreu em mim como artista que procura a arte nas pequenas coisas do mundo e que é banhada pela filosofia. Como criar agora ou o que quero “descriar”?



QUAL É A PERGUNTA QUE TE HABITA HOJE?

MARIA GIL

DIRECÇÃO DO TEATRO DO SILÊNCIO

CONCEPÇÃO
TEATRO DO SILÊNCIO

CENOGRAFIA
PEDRO SILVA

DIRECÇÃO
MARIA GIL

INTERPRETAÇÃO
GIL DIONÍSIO
MARIA GIL

Quando é que
ocorre?

QUAL É A PERGUNTA QUE TE HABITA HOJE?

No início era a pergunta, estávamos interessados em perguntas, em fazer perguntas, em partilhar as nossas perguntas com outras pessoas e em, também, ouvir as perguntas das outras pessoas. Tínhamos urgência em perguntar por que somos curiosos, por que nos espantamos com facilidade e por que o impacto que o exterior tem em nós é o ponto de partida para as nossas criações, sejam elas espectáculos, *performances*, instalações, formações ou oficinas. Havia ainda um interesse específico na pergunta pessoal, como se cada um de nós fosse habitado por uma ou mais perguntas que são estruturantes para a sua existência enquanto pessoa. *Qual é a pergunta que te habita hoje?* Fazer esta pergunta obriga-nos a trazer algo de pessoal, de autobiográfico para o processo criativo, e isso interessa-nos porque a partilha do pessoal torna-se numa espécie de gatilho que nos conecta, primeiro uns com os outros, os artistas envolvidos no projecto, depois com as outras pessoas, o público. Através da nossa pergunta pessoal, o outro, artista ou público, identifica-se, projecta-se, diferencia-se, convocando as suas próprias perguntas. Isto traz uma dimensão colectiva e universal ao pessoal, transformando uma inquietação pessoal em algo que interessa a todos. Ao mesmo tempo, esta pergunta coloca o foco no hoje, no agora e faz com que nos relacionemos com o momento presente em que estamos a formular a pergunta, despertando em nós uma atitude de alerta, focada e não solipsista. Assim, perguntar torna-se numa espécie de acelerador de empatias que vai permitir que o encontro com o outro aconteça. Depois, descobrimos uma colecção de livros que tinham perguntas como títulos: *Quem sou eu? O que é a Vida? O que é o Saber? O que são a Beleza e a Arte? O que é a Liberdade? O que é a Felicidade? O que é viver em Sociedade? O que são o Bem e o Mal? O que são os Sentimentos?*¹. Descobrimos que era uma colecção de livros de Filosofia para Crianças e decidimos fazer alguma coisa, não com a colecção de livros em particular, mas com o facto de aquelas perguntas que nos pareciam tão amplas, abertas, por parecerem não ter uma só resposta ou uma resposta definitiva, despoletarem em nós uma vontade de procura, como se fosse possível construir um caminho a partir de cada uma daquelas perguntas. Era esse caminho que nos interessava percorrer, imaginar, inventar, criar. E foi assim que decidimos propor à Madalena Wallenstein e à Fábrica das Artes do Centro Cultural de Belém a realização de uma série de oficinas que explorassem, por um lado, a pergunta enquanto atitude activa perante o mundo, uma



Qual é a pergunta que te habita hoje? Fazer esta pergunta obriga-nos a trazer algo de pessoal, de autobiográfico para o processo criativo, e isso interessa-nos porque a partilha do pessoal torna-se numa espécie de gatilho que nos conecta, primeiro uns com os outros, os artistas envolvidos no projecto, depois com as outras pessoas, o público.

atitude de questionamento que está associada a uma vontade urgente de conhecer e de nos relacionarmos com o que nos rodeia, não apenas de uma forma intelectual, mas de conhecer com as mãos, com o corpo, com a sensibilidade, numa atitude de espanto que é prática da criação artística contemporânea e da infância. Por outro lado, queríamos que estas oficinas se focassem em temas da filosofia – ser, liberdade, alma, real, belo/feio, eu/outro, tempo, nada, bem/mal, infinito, diferença e pensamento – que também interessam à arte e à infância. Foi assim que surgiram as oficinas para miúdos **Línguas de Perguntador Seguido de Laboratório de Respostas** e a versão para graúdos **Viver com Uma Pergunta Seguido de Experiências do Dia-a-Dia**, complementadas por uma acção de formação, que integraram o Ciclo Pensamento, Filosofia e Contemplação Artística realizado na Fábrica das Artes em 2013.

ESVAZIAMENTO

Uma das linhas orientadoras do trabalho do Teatro do Silêncio é “descobrir a fazer” e a “página em branco”, isto é, começar cada projecto do nada e ir descobrindo o que ele é à medida que o vamos construindo, à medida que o vamos fazendo. Isto implica um trabalho de esvaziamento de nós mesmos, das expectativas que trazemos connosco, de todas as grandes ideias que temos, para podermos criar uma disponibilidade para com o próprio projecto, para com as pessoas que colaboram connosco, para com o público para quem estamos a trabalhar e, sobretudo, para connosco próprios. Disponibilidade para escutar, escutar o que nos rodeia e escutar o que está dentro de nós. Este processo de esvaziamento pode traduzir-se na criação de uma disponibilidade para que o encontro com o outro aconteça. Neste projecto, essa disponibilidade começou a ser criada, numa primeira fase, em sessões de trabalho e de reflexão, propostas pela Madalena Wallenstein, em que participaram: a equipa do Teatro do Silêncio (Maria Gil, Gil Dionísio e Pedro Silva); a artista Ana Silvestre, responsável pelo projecto da *Biblioteca Mínima*; a filósofa Rita Pedro e a actriz Tânia Guerreiro, responsáveis pela criação da oficina “Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?”; e a própria equipa da Fábrica das Artes do CCB (Tânia Guerreiro, Manuel Moreira e Maria José Solla). Estas sessões, que aconteceram muito antes de as nossas oficinas estarem estruturadas ou definidas, foram espaços para que o encontro com o outro acontecesse, para descobrir zonas de contaminação entre os vários projectos artísticos, desequilibrando a fronteira de cada território, questionando ainda o que é território exclusivo de artistas, filósofos, crianças ou adultos. Espaços para pensarmos em conjunto. Espaços de encontro. Espaços de escuta. Espaços de contaminação.

¹ Colecção Filosofia para Crianças de Oscar Brenifier, Editora Dinalivro.

A segunda fase deste processo de esvaziamento, da criação de uma disponibilidade pessoal e colectiva para com o projecto, aconteceu quando realizámos três sessões informais para o 1.º Ciclo da Escola da Luz, da Freguesia de Carnide, em Lisboa², com o objectivo de ouvir e de conversar com as crianças. O objectivo destas sessões consistia em aproximarmo-nos do universo das crianças e percebermos se havia empatia e cumplicidade entre nós. No fundo, perceber se aquilo que nos propúnhamos fazer lhes interessava, se lhes dizia alguma coisa. Para iniciar essas sessões, planeámos a leitura de um excerto de um livro da colecção de Filosofia para Crianças, de Oscar Brenifier, com o objectivo de lançar um tema para discussão, que seria lido por mim, Maria Gil, e acompanhado ao violino pelo Gil Dionísio, mas não precisámos de fazer isso, uma vez que a nossa presença gerou imediatamente discussão e espanto. As crianças queriam saber quem nós éramos e por que é que estávamos ali, por que é que um de nós tocava violino, por que é que o Gil tinha o cabelo cortado à chinês, queriam saber o que era o Teatro do Silêncio, por que é que se chamava assim e o que é que nós fazíamos nele. Enquanto nós estávamos interessados na Filosofia para Crianças, em perceber se isso lhes dizia alguma coisa, as crianças estavam, antes de mais, interessadas em nós e no encontro em si. Estavam interessadas em pensar aquele presente e em discuti-lo também. Estas sessões foram encontros fundamentais para percebermos que as crianças rasgam e ultrapassam rapidamente qualquer artifício, que elas vão à essência, são genuínas no que lhes interessa e que o espanto e a curiosidade eram territórios que ambos partilhávamos. Surpreendeu-nos ainda a capacidade que as crianças têm para com o outro. Não queremos com isto dizer que as crianças gostam de todas as pessoas, nem pretendemos idealizar a Infância, mas houve uma hospitalidade naquelas sessões da Escola da Luz, em Carnide, pelo facto de nos terem acolhido de uma forma quase imediata, fazendo que deixássemos de nos sentirmos estranhos, logo desde o primeiro momento, revelando-nos ainda uma capacidade de estar ligado ao presente e ao encontro com o outro que era tudo aquilo que nos interessava valorizar neste projecto. Ainda durante estas sessões, quisemos ouvir as perguntas que as habitavam. Para isso, inventámos “A Máquina que só Funciona a Perguntas”, que começou por ser uma caixa com um buraco onde as crianças puderam deixar as suas perguntas. Eis algumas:

FUI CONTAMINADA:

16

Fui contaminada pela aparente não-urgência, calma, atitude de espera para sair do óbvio, para ver mais longe, que a Madalena Wallenstein trouxe às reuniões. A expressão de José Gil ‘encontro de um vazio com outro vazio’, referindo-se ao encontro do artista com a criança, e o esvaziamento como atitude artística contaminaram-me. A ideia de ‘mínimo’ trazida pela Ana Silvestre e a ideia de segredo contida no gesto de ‘abrir’, como se fosse uma ‘descoberta’, e que aplicámos mais tarde nos enigmas filosóficos que construímos para as nossas oficinas, que também se tinham de ‘descobrir’ como se fossem segredos. Contaminou-me a atitude de espanto da Rita Pedro.

MARIA GIL



Depois de escutarmos as perguntas que entravam na máquina, as crianças ficaram a olhar para nós, à espera: “Por onde é que saem as respostas?”, perguntou uma criança. Faltavam as respostas. Não tínhamos pensado nisso.

Porque é que o mar é infinito? O que era do mundo se nós não existíssemos? Como é que eu vou ser quando crescer? O cérebro é pequeno? Porque é que nós não somos todos iguais? Porque é que o relógio só conta as horas, os minutos e os segundos? Porque é que o abecedário só tem vinte e seis letras? Quanto é que custa um maço de tabaco? De que cor somos por dentro? Porque é que as flores são flores? O mar tem lixo? O Universo é grande? Porque é que o Jardim Zoológico não tem touros?

Depois de escutarmos as perguntas que entravam na máquina, as crianças ficaram a olhar para nós, à espera: “Por onde é que saem as respostas?”, perguntou uma criança. Faltavam as respostas. Não tínhamos pensado nisso. Tínhamos ficado tão absorvidos no questionamento e em formas de fazer com que a pergunta surgisse que não pensámos que a resposta era um momento tão ou mais importante. Que perguntamos porque queremos respostas, mesmo que não sejam definitivas, mesmo que mudem, ou que se alterem de um dia para o outro. Foi assim que tirámos uma pergunta da máquina e a lemos em voz alta para perguntarmos de seguida quem tinha uma resposta, e os braços levantaram-se no ar, a viagem tinha começado.

Foi a partir destes encontros, na Fábrica das Artes e na Escola da Luz, que começámos a compreender que espaço gostaríamos de criar nestas oficinas, um espaço onde não houvesse medo de fazer a pergunta errada ou de dar a resposta errada ou, ainda, de dizer alguma coisa que aparentemente não fizesse sentido, um espaço onde o sentido fosse sendo construído ao ritmo de cada participante, um espaço para fazer todas as perguntas e para poder procurar as respostas a essas perguntas, um espaço de materialização de perguntas e de ideias contidas nessas perguntas. Um espaço onde a procura de respostas fosse potenciada através de objectos/instalações artísticas, um espaço onde existisse lugar para se estar sozinho e em grupo. Um espaço de debate colectivo e colaborativo, onde se pudesse escutar e falar sobre as perguntas e as respostas que cada um descobriu. Um espaço onde as práticas artísticas servissem como gatilho para que o pensamento se tornasse visível e um acto vivo.

DRAMATURGIA DE MOMENTOS, O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA OFICINA

O processo de criação das oficinas envolveu a realização de uma residência artística de quinze dias na Fábrica das Artes do CCB. A equipa do Teatro do Silêncio era transdisciplinar e envolvia um cenógrafo, Pedro

² As sessões aconteceram durante a parte da tarde, no fim das actividades e depois do lanche, no espaço de tempo em que as crianças ficam à espera que os encarregados de educação as venham buscar e estão todas em grupo, independentemente do seu ano lectivo. Isto fez com que tivéssemos um grupo muito heterogéneo, entre os 6 e os 10 anos de idade.

Silva, um músico, *performer* e ex-estudante de Filosofia, Gil Dionísio, e uma encenadora e atriz, Maria Gil. Nesta residência, tocámos violino, inventámos experiências, pensámos em todas as formas de arrumar uma sala, desenhámos mapas pré-filosóficos, fizemos listas de várias maneiras de pensar, duelos de perguntas, criámos enigmas filosóficos, construímos uma máquina que só funcionava a perguntas, apagámos a luz para fazermos tudo o que queríamos fazer, acendemos a luz, sentimos com outra cabeça e fizemos banquetes com gomas que passavam numa bandeja de prata. Foi durante esta fase de trabalho, intensa e explosiva criativamente, que começou a emergir a dramaturgia das oficinas, estruturada em momentos que se iam definindo e cristalizando pouco a pouco.

MAPA PRÉ-FILOSÓFICO

Assim, surgiu a necessidade de termos um primeiro momento de recepção, uma antecâmara que servisse de separação entre o mundo lá de fora e a oficina, seguindo-se um momento de perguntar, de fazer todas as perguntas e de ouvir também as perguntas dos outros, num espaço que estimulasse o pensamento e que não o impusesse ou o limitasse. Por consequência, surge outro momento dramático em que se procuram as respostas às perguntas que fizemos e, por isso, imaginámos um espaço imerso de enigmas filosóficos, instalações de objectos do quotidiano, dispostos de forma a serem manuseados pelos participantes que procuram respostas e constroem activamente a sua experiência em toda a oficina. Aqui, há ainda espaço para cada pessoa estar sozinha, alternando momentos colectivos com momentos individuais. Por fim, surge um último momento, de fecho, onde nos podemos sentar e partilhar o que descobrimos, o que experimentámos, em que podemos dizer se encontrámos respostas às perguntas que trazíamos ou se, pelo contrário, ainda encontrámos mais perguntas. É o banquete filosófico, o momento final da nossa oficina, a lembrar os banquetes gregos e romanos, um espaço de diálogo para reflectirmos em conjunto e em colaboração. Durante a realização das oficinas, este espaço de debate foi enriquecido pela presença da filósofa Rita Pedro que participou em algumas sessões e que, em conjunto com os artistas-guias da oficina, Maria e Gil, moderou a discussão sustentada na metodologia da Filosofia Com Crianças que dá especial atenção à colocação de problemas de natureza filosófica implícitos nos diálogos das crianças.



17

Fui contaminada pela instalação à entrada da Fábrica das Artes, um círculo de filósofos, concebida pela Tânia Guerreiro e pela Rita Pedro. Contaminou-me literalmente, pois passámos a integrar esta instalação na nossa oficina. Aqueles retratos inspiraram-me a imaginar as suas biografias e a pensar nas ideias que tiveram...

MARIA GIL

A OFICINA
1. RECEPÇÃO DOS PEQUENOS FILÓSOFOS

Chegada do público. Gil toca violino, para começar. Cria atenção e silêncio. Maria apresenta uma biografia pessoal imaginada, dos filósofos que estão pendurados no tecto (o Olimpo do Pensamento), e alterna esta apresentação com o Gil, que também toca violino quando descreve os filósofos e as suas ideias. [CONTAMINAÇÃO 17]



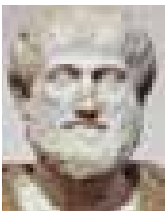
HERACLITO comia plantas e pensava que tudo estava sempre em movimento, passava muito tempo a observar os rios e a andar pelos bosques. Ele ficava a olhar para a água do rio e pensava: “Esta água que passa é sempre a mesma?”



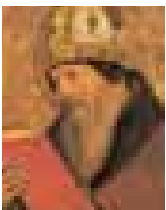
SÓCRATES andava descalço pelas ruas e, às vezes, ficava parado sobre a neve a pensar. E fazia tantas perguntas que até parecia que só sabia pensar a perguntar. Não gostava lá muito de tomar banho.



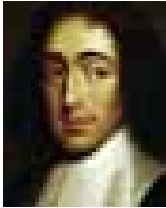
PLATÃO tinha os ombros largos e gostava muito, mas mesmo muito, de ideias e de dialogar sobre todas as ideias que tinha. Ele pensava que o nosso corpo tinha uma alma dentro, que viajava de corpo em corpo.



ARISTÓTELES era um investigador da vida, um investigador com os pés na terra. Andava. Andava e falava. Andava, falava e pensava.



SANTO AGOSTINHO viajou muito, viajou até à Turquia. Gil, toca uma música da Turquia no violino, para nós ouvirmos. Talvez seja por ter feito tantas viagens que ele gostava de escrever cartas e de enviar cartas.

RENÉ DESCARTES duvidava e nunca tinha a certeza de nada, só de uma coisa: de que, quando pensava, estava vivo. Julgava que havia um génio muito mau, que estava sempre a enganá-lo. Por isso, duvidava de tudo e não tinha a certeza de nada. Até que, um dia, percebeu que, se duvidava, é porque pensava. E, ao pensar, só podia estar vivo.	
BENTO ESPINOSA era baixinho. Não se vê, mas ele teve de subir a um escadote para tirar a fotografia. Ele tinha uma grande colecção de babetes, para este retrato usou o seu melhor babete, o babete branco! Ele pensava que todos os objectos tinham corpo e mente, até uma pedra.	
IMMANUEL KANT tinha oito irmãos com quem brincar e gostava de pensar e de sentir o mundo ao mesmo tempo. Todos os dias passava pelos mesmos sítios, às mesmas horas. Descobriu que a intuição do espaço e do tempo existe já na nossa cabeça.	
ARTHUR SCHOPENHAUER achava muito interessante estar melancólico e estar triste, porque isso o ajudava a pensar. Para ele, os factos eram coisas lógicas, claras, exactas. Para além disso, de nada mais se podia falar. Também tinha sido professor de crianças numa escola nas montanhas.	
SØREN KIERKEGAARD nasceu num palácio na cidade de Copenhaga. Para ele, escolher era a acção mais importante das nossas vidas.	
FRIEDRICH NIETZSCHE usava um bigode tão farfalhudo que quase parecia um animal, ah! E ele acreditava que, em cada um de nós, havia um super-homem, uma super-mulher.	

	LUDWIG WITTGENSTEIN tocava clarinete. “Gil, toca um bocadinho de clarinete no violino para nós ficarmos a saber como soa.” Gostava de factos e de coisas lógicas, claras, exactas.
	MARÍA ZAMBRANO adorava pensar sobre os sonhos e estava sempre a perguntar: “De que é que são feitas as coisas?”
	JEAN-PAUL SARTRE fumava cachimbo e existia, depois disso fazia muitas coisas e tinha uma namorada chamada Simone de Beauvoir que gostava de escrever romances e de pensar sobre homens e mulheres.
	HANNAH ARENDT lia muito e só gostava de livros grossos, livros-tijolo. Aos 14 anos, já tinha lido quase todos os livros que Kant escrevera. Pensou muito sobre o mal e naquilo que está escondido no bem...
	AGOSTINHO DA SILVA nasceu no Porto e era vegetariano. Gostava da palavra crer e da palavra coração.
	GILLES DELEUZE usava chapéu de detective, gostava de pensar em coisas possíveis e de fazer listas de possibilidades. Pensar possibilidades. Tinha um quarto cheio de pastas onde viajava sem sair do mesmo lugar. Adorava viajar, mas não precisava de sair do mesmo sítio. Adorava viajar com a imaginação. Pensar em linhas de fuga.

MICHEL FOUCAULT era contra as prisões e gostava de ouvir e de pensar sobre como falamos e dizemos palavras.



JACQUES DERRIDA gostava de procurar buracos dentro dos textos, espaços em branco, pequenos impasses e contradições. Bebia café de manhã e tinha muito cabelo.



JOSÉ GIL é o único destes filósofos que ainda está vivo e, por isso podemos falar com ele! É moçambicano e, por isso, deve gostar de um bom caril de amendoim. Ah! E ele também gosta de ver os bailarinos em movimento e de pensar sobre o peso dos corpos e gosta de pensar como é que os artistas fazem arte.

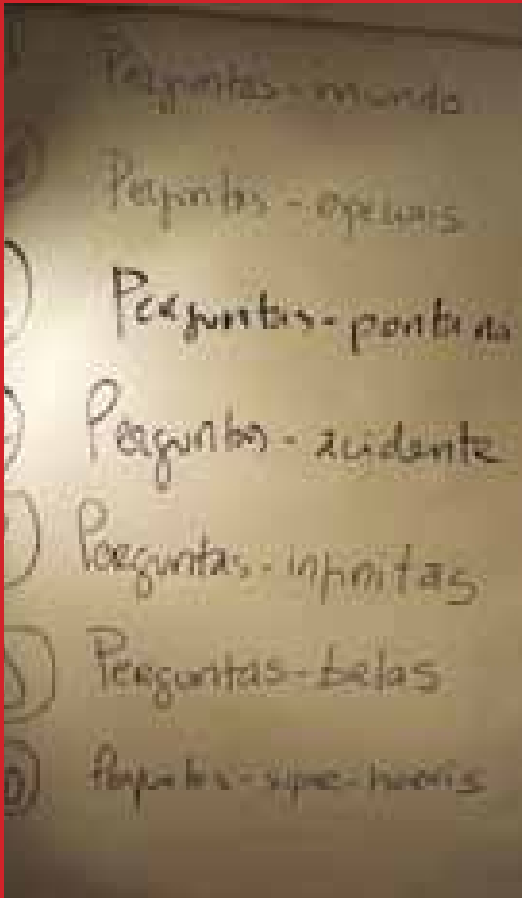


Depois desta introdução, explicamos que os filósofos são pessoas que são muito atentas às perguntas que andam no ar. Pedimos a todos que fechem os olhos para tentarmos escutar as perguntas que andam no ar. Gil dispara num mp3 com coluna, que tem escondido no bolso das calças, uma série de perguntas pré-gravadas feitas a crianças. Pedimos ao público que, nesta viagem, a oficina, sejam filósofos connosco e estejam atentos às perguntas que andam no ar. Transição para a *Sala Línguas de Perguntador*.

2. SALA LÍNGUAS DE PERGUNTADOR

Todos sentados em círculo em almofadas, no chão. Apresentação-retrato de todas as pessoas. Há uma moldura que circula entre o público para as pessoas se apresentarem, dizendo o seu nome e uma coisa de que gostam e outra de que não gostam. A seguir, Maria apresenta a “Máquina que só Funciona a Perguntas”, enquanto o Gil toca o som respectivo da parte da máquina que está a ser apresentada.

Pedimos a cada participante para pensar na pergunta que hoje o habita, para deixarem na máquina. Dependendo do grupo, se estiverem muito perros, bloqueados, sem vontade ou pouco inspirados, fazemos o aquecimento, “Duelo de Perguntas”, em que dois participantes se



colocam frente a frente, como num duelo, e disparam perguntas em voz alta, só podendo responder com perguntas.

As pessoas escrevem nas paredes ou no chão com um marcador. Podem deixar a pergunta de forma anónima ou assinar, colocando o seu nome e a idade. Depois disto, o público sai em fila indiana atrás do Gil, que os guia através do som do violino até ao Laboratório de Respostas.

3. SALA LABORATÓRIO DE RESPOSTAS

Entrada na sala de forma a passar por todos os enigmas, gerando uma pré-curiosidade. Chegados à clareira, zona central, sentamo-nos nas almofadas, e Maria e Gil dizem um texto pré-escrito apresentando os enigmas, sem os explicar literalmente. Tempo para que cada participante explore os enigmas individualmente. Som do despertador “nada irritante”, que é um som desafinado que o Gil toca no violino. Regressam todos à zona da clareira para terminarem a exploração dos enigmas filosóficos. O último enigma, a orquestra feia, é realizado em conjunto, serve como fecho da zona dos enigmas e como aquecimento para o *Banquete de gomas*.

4. FINAL: BANQUETE DE GOMAS

Maria e Gil falam sobre os banquetes dos gregos e dos romanos e colocam-se todos em posição de banquete: deitados de lado, prontos para filosofar em voz alta. Começamos o diálogo pedindo para dizerem o que experimentaram e para partilharem as respostas ou outras perguntas que tenham encontrado. Durante o banquete, passam gomas numa bandeja. Depois do diálogo/debate, terminamos, dizendo que, antes de saírem, podem deixar uma mensagem num livro que está à entrada.

Embora a estrutura da oficina pareça ter emergido de forma intuitiva, ela responde, por um lado, aos problemas que foram levantados durante a fase de esvaziamento e, por outro lado, obedece a uma ideia de ritual que lhe está subjacente. Isto é, a oficina foi pensada como um espectáculo em que há uma narrativa, que tem um princípio, qualquer coisa que acontece no meio e um fim, que complementa o início, que lhe dá um sentido. Esta ideia de ritual manifesta-se não apenas fisicamente, como começar debaixo de um círculo de filósofos e acabar sentados em círculo, mas também, simbolicamente, em que o “começar” e o “fechar” conferem todo um sentido à experiência que se vai viver ou que se viveu, e é nesse aspecto que a oficina se torna num ritual, um espaço onde cada um vai buscar sentido e onde dá sentido à experiência vivida também.

DENTRO DA CABEÇA DE UM CENÓGRAFO.

CONSTRUÇÃO DE UM ESPAÇO PARA A EXPERIMENTAÇÃO DO PENSAR

PEDRO SILVA

RESPONSÁVEL PELA CENOGRAFIA DAS OFICINAS

Depois de definidos os momentos dramatúrgicos da oficina, a principal intenção da cenografia foi criar dois espaços distintos entre si, com valências próprias para a experimentação do pensar, proporcionando a imagem geral de um género de território onde fosse exercido o pensamento filosófico. Esses espaços foram a Sala Línguas de Perguntador e a Sala Laboratório de Respostas. Houve ainda que encontrar uma solução para ligar estas duas zonas distintas e chegou-se à ideia de criar um itinerário pelo espaço físico que introduzisse o pensamento filosófico de uma forma gradual, enquanto se ia passando por um espaço e entrando noutro. Assim, houve a preocupação de se desimpedir a zona central do *hall* de entrada da Fábrica das Artes do CCB de qualquer obstáculo físico para que se pudesse instalar um primeiro momento de recepção ao público. O único elemento que permaneceu foi a instalação de retratos de filósofos, dispostos em círculo e suspensos no tecto, que tinha sido criada pela Tânia Guerreiro e pela Rita Pedro para a oficina “Se não havia nada, como é que surgiu alguma coisa?” que, cronologicamente, aconteceu antes da nossa, dando-nos a oportunidade para nos apropriarmos desses elementos, manifestando zonas de contaminações entre os diferentes projectos artísticos. Esta instalação funcionou como estímulo para a criação de um género de antecâmara das nossas oficinas. A iluminação deste espaço era a iluminação natural que vinha do exterior através das janelas existentes. Após esta apresentação, o público era conduzido para a Sala Línguas de Perguntador, sendo, antes, convidado a descalçar-se e a depositar os seus sapatos junto da porta de entrada, numa espécie de floresta sugerida por faixas de manga plástica translúcida suspensas no tecto. [FOTO 1]

O interior desta sala caracterizava-se por ter sido revestido com papel de cenário branco nas paredes e no chão, que já tinha sido aplicado para a oficina da Rita e da Tânia. Para a iluminação, manteve-se igualmente a proposta que vinha da oficina anterior, em que havia candeeiros e projectores de chão, localizados nos quatro cantos da sala, que conferiam uma escala pouco comum devido à incidência de uma luz geral sobre a textura branca do papel cenário. O facto de a sala ser branca, com almofadas em círculo, e de as pessoas entrarem descalças convidava a uma atitude informal que nos pareceu que poderia pôr as pessoas mais à vontade. [FOTO 2]



DE CIMA PARA BAIXO:

[FOTO 1]

[FOTO 2]

[FOTO 4]

No entanto, quando chegámos, a sala não se encontrava neutra, optámos por manter as perguntas que tinham sido deixadas no papel de cenário pelos participantes da oficina da Rita e da Tânia, conferindo memória ao próprio espaço, que não era apenas uma sala vazia onde se poderiam fazer perguntas, mas uma sala onde já outras pessoas tinham deixado outras perguntas, funcionando este facto quer como elemento inspirador, quer como concretização do próprio pensamento, que não era algo invisível, mas algo que poderia ser visível e manifesto. Tal tinha um efeito desinibidor nos participantes que, em determinado momento, também podiam transpor as suas perguntas por escrito para o papel de cenário.

Acrescentou-se ainda a esta sala um elemento cenográfico constituído por uma teia de fios de lã e roldanas presas ao chão e ao tecto, representando a “Máquina que só Funciona a Perguntas” e que seria manipulada pela Maria e pelo Gil aquando da oficina. [QUADRO 3 / PÁG. 103]

À saída desta sala, as pessoas atravessavam um corredor interior que ligava a Sala Línguas de Perguntador à Sala Laboratório de Respostas e que estava totalmente revestido por faixas de dracalon, um material leve e macio à base de algodão branco, que sugeria uma espécie de túnel onde existia um intervalo no tempo do exercício do pensamento e, simultaneamente, uma antecâmara à próxima sala. Este corredor era iluminado por dois pontos de luz circulares existentes no tecto cuja temperatura de luz foi alterada através de filtros de cor verde com a intenção de provocar uma efectiva mudança na habitabilidade entre a sala branca das Línguas de Perguntador e a próxima Sala Laboratório de Respostas.

[FOTO 4]

A Sala Laboratório de Respostas caracterizava-se principalmente por ser um espaço de grandes dimensões e com pouca luminosidade, em contraste com a primeira sala, onde se encontrava disseminado, em toda a área, um grande número de faixas de manga plástica translúcida suspensas do tecto com a intenção de evocar uma imagem estilizada de uma floresta. Esta imagem era reforçada pela iluminação criada por fontes de luz pontuais que se projectavam em diferentes ângulos, ora por diversos candeeiros dispostos no chão, ora por lanternas de mão suspensas do tecto, sobre as faixas de manga plástica. A utilização deste material permitia que surgissem variações nos reflexos de luz sobre as dezenas de faixas verticais devido à sua translucidez e que delineassem subtilmente, por sugestão, os múltiplos caminhos por onde as pessoas podiam seguir sem qualquer imposição. Nesta floresta, aparentemente labiríntica, existia uma clareira central, sem qualquer faixa de manga plástica, onde foram colocadas algumas almofadas pretas no chão com o intuito de as pessoas se sentarem e que formavam um círculo, uma reminiscência dos círculos existentes no *hall* de entrada, instalação dos filósofos, e na Sala Línguas de Perguntador. Em toda a área desta sala encontravam-se múltiplos dispositivos cenográficos, pequenas instalações artísticas, com características únicas que funcionavam dramaturgicamente como enigmas filosóficos, servindo como pontos de partida para o estímulo do pensar, de procura de respostas às perguntas que traziam do primeiro espaço. Cada um dos enigmas estava identificado por uma sinalética que se encontrava suspensa do tecto e iluminada pontualmente por uma lanterna de mão também suspensa do tecto. [QUADRO 4 / PÁG. 105]

A Esta parte da máquina só funciona a perguntas **CAMINHO**, que são todas aquelas perguntas que temos quando estamos a ir de um lado para o outro, por exemplo, as perguntas que temos quando saímos de casa a caminho da escola.

B Esta parte da máquina só funciona a perguntas **MEMÓRIA**, que são todas aquelas perguntas que nós temos sobre coisas que nos aconteceram, sobre coisas de que nos lembramos.

C Esta parte da máquina só funciona a perguntas **ACIDENTE**, que são todas aquelas perguntas que nos aconteceram por acaso, de que não estávamos à espera..

D Esta parte da máquina só funciona a perguntas **MUNDO**, que são todas aquelas perguntas que têm a ver com o universo.

E Esta parte da máquina só funciona a perguntas **SUPER-HERÓIS**, que são perguntas que têm super-poderes, conseguem ficar invisíveis, têm a força de mil homens.

F Esta parte da máquina só funciona a perguntas **ESPECIAIS**. E um espremedor de perguntas especiais, que são todas aquelas perguntas que guardamos connosco e cuja resposta queremos encontrar...

G Esta parte da máquina só funciona a perguntas **PONTA NA LÍNGUA**, que são todas aquelas perguntas que estão mesmo aqui, prontas para saltar cá para fora.

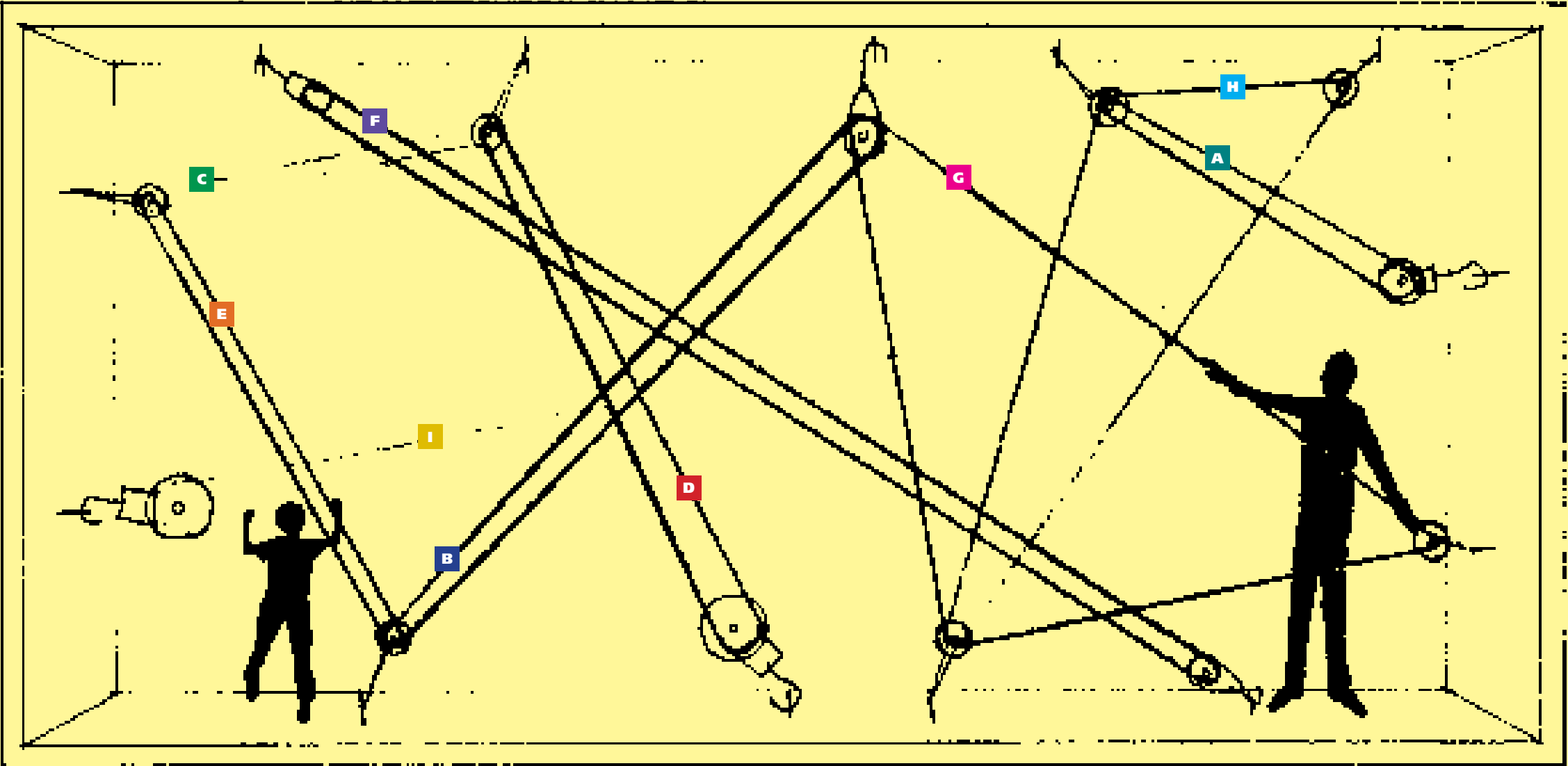
H Esta parte da máquina só funciona a perguntas **ESPELHO** que são todas aquelas perguntas que nós temos sobre nós próprios.

I Esta parte da máquina só funciona a perguntas **BELAS**, que são todas aquelas perguntas que nos fazem ficar apaixonados só de olhar para elas, como aquela ali...

[QUADRO 3]

**MÁQUINA QUE SÓ FUNCIONA
A PERGUNTAS** (VER PLANTA NA PÁGINA SEGUINTE)

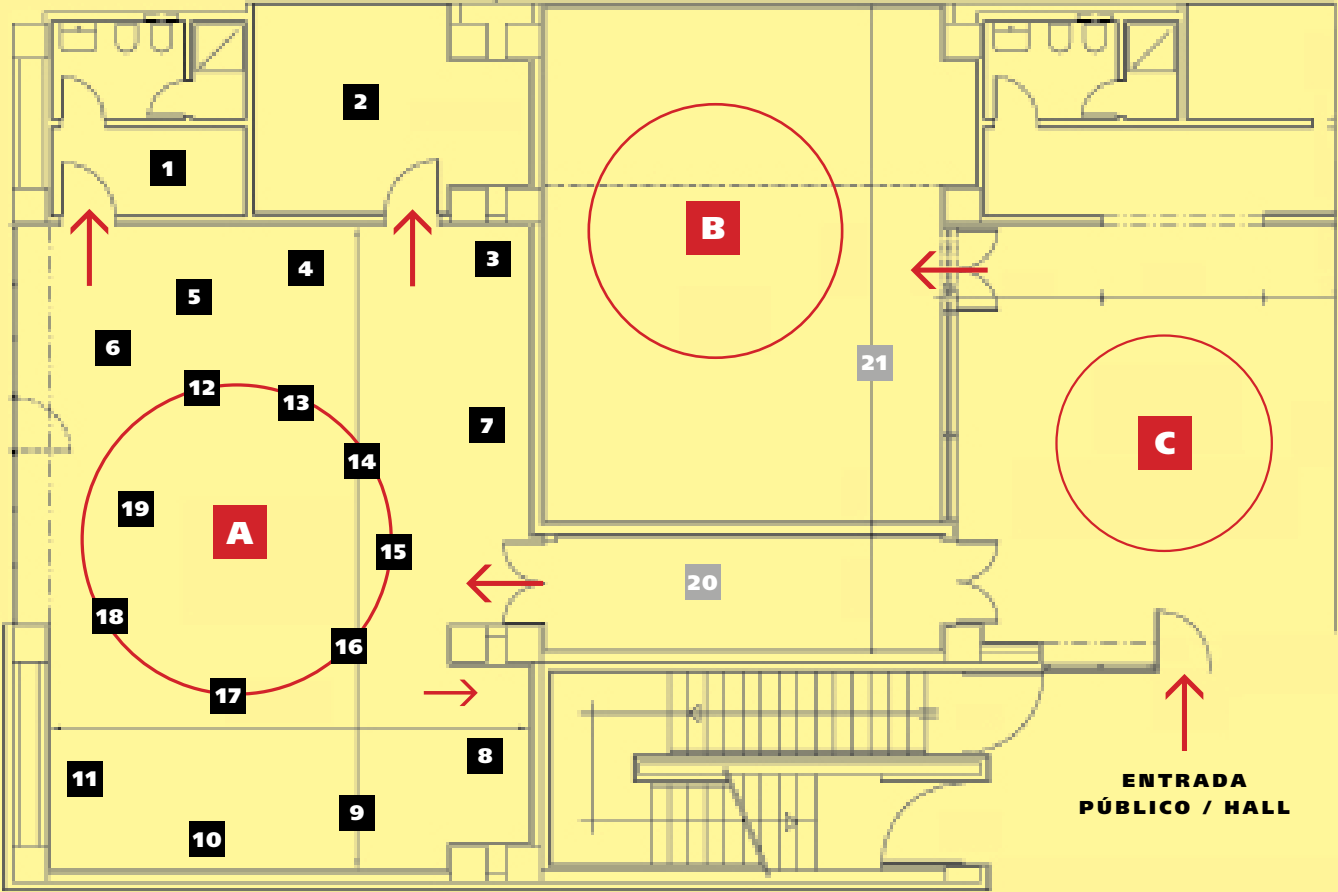
CAMINHO
MEMÓRIA
ACIDENTE
MUNDO
SUPER-HERÓIS
ESPECIAIS
PONTA NA LÍNGUA
ESPELHO
BELAS



ESPAÇO CCB / FÁBRICA DAS ARTES

[QUADRO 4]

PLANTA DO ESPAÇO
COM INSTALAÇÃO CENOGRÁFICA



A

SALA LABORATÓRIO DE RESPOSTAS

B

SALA LÍNGUAS DE PERGUNTADOR

C

RETRATOS DOS FILÓSOFOS

20

TÚNEL DO TEMPO

21

MÁQUINA QUE SÓ FUNCIONA A PERGUNTAS

1

SALA DO INFINITO

2

SALA PARA FAZERES TUDO O QUE QUISERES

3

CANTINHO DO ARTISTA

4

SENTIR COM OUTRA CABEÇA

5

TENDA DO NÃO FAZER NADA

6

CAIXAS DO SABER

7

TUBO DAS MENTIRAS / SEGREDOS

8

SALA DE CONTEMPLAÇÃO

9

BIOMBO ESPELHO / JANELA

10

RÉGUAS DE IDEIAS

11

FOTOGRAFIA DA ALMA

12

MALA DA VISÃO

13

PESAR PALAVRAS

14

VIAGEM AO FUTURO / PASSADO

15

CONVERSA PARA UMA OU MAIS VOZES

16

CASSETTE DAS LÍNGUAS

17

O QUE É QUE A PEDRA ESTÁ A SENTIR?

18

QUANDO TIVERES UMA IDEIA, ACENDE A LUZ

19

BONITO / FEIO

ENIGMAS FILOSÓFICOS

Chamámos *Enigmas Filosóficos* a uma série de instalações artísticas, dispositivos cenográficos, criados a partir de objectos do quotidiano que permitiam ser manipulados pelos participantes das oficinas, suscitando interrogação e, simultaneamente, reinventando a significação do próprio objecto utilizado para aquele contexto. O facto de cada enigma ter um tempo de experimentação não-limitado deixava que cada pessoa, ao manipular, definisse um espaço e um tempo próprios para a activação do pensamento relativo ao que o enigma lhe proporcionava e, com a capacidade de este o transportar para outro território, o do seu pensamento. Como se, ao activar cada enigma, se activasse o próprio pensamento que aqui se torna visível, manifesto, no momento em que o experimentamos. Durante a realização das oficinas, este momento conferia-se de uma peculiar simultaneidade de múltiplos espaços individuais num espaço habitado por um grupo de pessoas, numa verdadeira viagem pelas interrogações interiores suscitadas pelas questões filosóficas colocadas no seu caminho através dos enigmas filosóficos. Eis uma lista desses enigmas:

1.SALA DE CONTEMPLAÇÃO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Um espaço onde podes demorar o olhar numa janela que está aberta e onde vês uma reprodução de um quadro de Magritte que te mostra o céu.

2.BIOMBO ESPELHO/JANELA

ENIGMA PARA DUAS PESSOAS

Um biombo onde te podes ver e onde podes ver quem está do outro lado. É possível veres-te a ti e ao outro ao mesmo tempo?

3.RÉGUAS DE IDEIAS

ENIGMA PARA TRÊS PESSOAS

Três réguas com uma escala, que vai do 0 ao infinito, e um poço cheio de ideias. O que é que vale mais para ti, a ideia “tomar banho” ou a ideia “minha mãe”?

4.FOTOGRAFIA DA ALMA

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma caixa de cartão à semelhança daquelas que existem nas estações de metro onde podes entrar e tirar uma fotografia à tua alma. Passados uns segundos, sai uma garrafinha com a tua alma lá dentro. Consegues vê-la?



Chamámos Enigmas Filosóficos a uma série de instalações artísticas, dispositivos cenográficos, criados a partir de objectos do quotidiano que permitiam ser manipulados pelos participantes das oficinas.



5.CAIXAS DO SABER

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Um caixa que vai revelando outra caixa e outra caixa, causando um efeito matriosca, com o dicionário mais pequeno do mundo no final. Caberá ali todo o conhecimento do mundo?

6.TUBO DAS MENTIRAS/SEGREDOS

ENIGMA PARA DUAS PESSOAS

Um tubo onde só podes dizer mentiras e ouvir mentiras.

7.TENDA PARA NÃO FAZER NADA

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma tenda onde podes estar a fazer nada. Consegues?

8.SALA DO INFINITO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma sala para ficar a escutar.

9.PESAR PALAVRAS

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma balança de cozinha, um monte de pedras, uma ardósia e um giz estão em cima de uma pequena mesa. Há uma letra pintada em cada pedra, podes compor as tuas palavras e, depois, pesá-las. Quanto pesa a tua palavra? Há palavras mais pesadas do que outras? Anota na ardósia.

10.SENTIR COM OUTRA CABEÇA

ENIGMA PARA TRÊS PESSOAS

Uma caixa suspensa no tecto, de forma a poderes entrar com a tua cabeça dentro da caixa. Parece que mudaste de cabeça! Uma gravação com sons, ruídos, conversas... Qual é a sensação de estar dentro da cabeça de outra pessoa?

11.SALA PARA FAZERES TUDO

O QUE QUISERES

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Para entrares sozinho.

12. CANTINHO DO ARTISTA

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma mesa amplificada e transformada em instrumento musical está ligada a um par de auscultadores, quando os colocas, tudo o que te rodeia parece estar ampliado. Podes tocar na mesa e transformá-la rapidamente num instrumento musical, interagindo com os sons à tua volta.

13.BELO/FEIO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Duas listas para preencheres, uma para as coisas belas e outra para as coisas feias.

14.TÚNEL DO TEMPO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Quanto tempo gasto para percorrer este túnel?

15.MALA DA VISÃO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma mala com objectos que ampliam, distorcem, fragmentam, focam e mudam a realidade à tua volta.

16.CONVERSA PARA UMA OU MAIS VOZES

ENIGMA PARA DUAS PESSOAS

Um gravador com auscultadores onde duas pessoas conversam contigo.

**17.QUANDO TIVERES UMA IDEIA,
ACENDE A LUZ**

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Só para ideias luminosas.

18.O QUE É QUE A PEDRA ESTÁ A SENTIR?

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Uma pedra está ali para ser observada, sentida e pensada.

19.CASSETTE DAS LÍNGUAS

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Viajar pelo mundo ao som das suas línguas.

20.VIAGEM AO FUTURO/PASSADO

ENIGMA PARA UMA PESSOA

Duas caixas para serem abertas de olhos fechados e ficar a cheirar. Há uma ligação directa do nariz ao cérebro que passa pelo coração.

21.ORQUESTRA FEIA

ENIGMA PARA VÁRIAS PESSOAS

Podes tocar chinelo, colares, tubos pvc, latas e pato de borracha ou seres o maestro desta linda orquestra feia.



A criação destes enigmas surgiu, por um lado, da necessidade de querermos abordar de uma forma artística temas filosóficos como, por exemplo, a existência de uma alma e as suas implicações, a problematização de conceitos como “nada”, ou abordar o tema da liberdade através da criação de uma sala onde se pode ir para fazer tudo o que quisermos. Por outro lado, não queríamos que esta abordagem fosse algo imposto ou que os participantes das oficinas se limitassem a ser receptáculos destas propostas ou, ainda, que os enigmas tivessem, à partida, uma solução, uma resposta certa. Pelo contrário, ao criarmos uma série de enigmas que precisam de ser activados, isto é, que precisam de ser experienciados para existirem, permitimos também que cada participante o integrasse e que daí retirasse as suas respostas, num exercício de pensamento que é seu. Por exemplo, numa das oficinas um menino conclui, após realizar o enigma 9, *Pesar Palavras*, que Arroz era a palavra mais pesada do mundo porque começava em A e terminava em Z, logo continha em si todas as letras do alfabeto. Esta proposta de relação física com os enigmas filosóficos, em que uma pessoa tem de o experienciar, tem de usar o corpo para o activar, para o descobrir, remete para uma questão que também se revelou essencial, que diz respeito ao acto de pensar, não apenas como um acto invisível, abstracto, mental, mas, pelo contrário, como um acto que articula mente e corpo, quase como se pensar fosse um acto performativo. A relação do pensar com o corpo não se reflectiu apenas na relação física que tanto miúdos como graúdos que participavam nas oficinas tinham com os vários enigmas filosóficos, mas esteve presente ao longo de toda a oficina. À entrada, os participantes eram convidados a descalçarem-se para ficarem confortáveis, para se poderem sentar no chão ou em cadeiras, para poderem escrever nas paredes, para poderem circular de um espaço para outro, para experimentarem os enigmas e, ainda, para estarem deitados no Banquete de gomas.

18. O QUE É QUE A PEDRA ESTÁ A SENTIR?

(algumas respostas deixadas em *post-it* durante as oficinas)

- Está triste.
- Sinto que a Pedra está mal-cheirosa.
- A Pedra está a sentir um espírito muito grande dentro de mim.
- A Pedra está muito alegre porque tem visitas.
- A Pedra sente-se só.
- A Pedra sente-se observada.
- Sentimento de felicidade. (MATILDE, 7 ANOS)

— A Pedra está a sentir: — Tenho a impressão que estão todos a escrever sobre mim!!
— A Pedra está curiosa em relação à barulhada que está na sala.
— A Pedra está desconfortável.
— A Pedra sente-se dura.

— *Hoje estou um pouco reflectora. E parada. Gosto quando me fazem festinhas nos vértices. Há dias em que gostava de ser um pouco mais redonda.*

— Sinto-me granítica!
— A Pedra está a sentir-se sozinha.
— Está a sentir-se diferente.
— Está a sentir-se fofinha!
— Sente frio.
— A Pedra está a sentir coisas bonitas.
— A Pedra brilha como a alma.
— A Pedra sente-se viva.
— Envergonhada, pois está sozinha e tem uma luz a apontar para ela e não sabe porquê.
— A Pedra sente saudade da rua.
— Mistério.
— Fome.
— A Pedra sente calor humano.

— *A Pedra sente-se entediada por estar sempre no mesmo sítio.*

— A sentir-se acompanhada, útil, consistente.
— As Pedras não sentem!
— Porque peso tanto?
— Porque estou aqui?
— Qual o meu papel neste cenário?
— Está a sentir que não faz nada.
— Nunca poderemos saber... o exterior não define o interior.
— Sente tranquilidade.
— Está à espera de aventuras.
— Está à espera de ser tocada!
— Sente-se intimidada com tanta gente.
— A Pedra, quando sente dor, chora através de poeira.
— Estou triste. Quem me tirou do lugar?
— O peso da imobilidade.
— Porque sou tão rugosa?



Por um lado, cria-se todo um espaço informal, para que o público se sinta à vontade, para que “se aproxime” e tenha uma atitude activa; por outro, investe-se em apontamentos teatrais e musicais que criam distância com o objectivo de mistificar e simbolizar a experiência.

— A Pedra “sente” a gravidade, a pressão do ar, a temperatura... o Universo.
— A Pedra acha que é um pacote de manteiga a apanhar sol.

— *É impossível sentir, não tem coração.*
(MIGUEL, 7 ANOS)

— A Pedra gostava de viajar.
— A Pedra gostava de ser como nós e não ser dura.
— As Pedras sentem?

ATITUDE PERFORMATIVA

A criação de instalações, a que chamámos *Enigmas Filosóficos*, não foi a única prática artística que utilizámos na criação das oficinas, a música também esteve muito presente, uma vez que havia um músico, o Gil Dionísio, que tocava violino durante a oficina, e alguns dos *Enigmas Filosóficos* eram instalações em que o som era o elemento fundamental para accionar o pensamento. A própria dramaturgia da oficina estava estruturada como se fosse um espectáculo, e a cenografia foi construída para sustentar e apoiar esta ideia, criando “cenários” consoante o sentido que a dramaturgia pretendia para esse momento da oficina. Estas práticas artísticas transformaram a oficina em algo mais do que um lugar onde se vem “fazer”, mas serviram, na expressão utilizada pela Madalena Wallenstein, como *trampolins* para aceder a uma experiência que será vivida durante duas horas, a duração de cada oficina. Assim, é importante acrescentar outro trampolim, ou prática artística, que nos pareceu fundamental, a atitude performativa dos artistas que mediarão as oficinas. Uma actriz e um músico, que tanto eram guias, monitores que davam instruções, como eram actores que diziam um texto pré-escrito ou que entravam numa zona de emoção, mais poética, de forma inesperada e sem que o público estivesse à espera. O facto de haver esta atitude performativa durante as oficinas proporcionou uma espécie de atenção qualitativa no público que, de repente, não estava apenas a participar numa oficina, mas estava a assistir a um espectáculo, criando um espaço simbólico, poético, que fazia transcender o lugar em que estávamos, criando um tempo e um espaço próprios, diferentes da vida lá fora. Poderá parecer contraditório. Por um lado, cria-se todo um espaço informal, para que o público se sinta à vontade, para que “se aproxime” e tenha uma atitude activa; por outro, investe-se em apontamentos teatrais e musicais que criam distância com o objectivo de mistificar e simbolizar a experiência. É nesta fronteira, entre o informal/formal, o eu/outro e o real/imaginação,

que a oficina se torna numa espécie de viagem que nos transporta para outros lugares, mais poéticos, mais imaginários, mais existenciais, onde o que importa valorizar é a dimensão ontológica do ser numa relação ética com o outro.

UM ARTISTA, TODOS OS PÚBLICOS

O desafio lançado pela Madalena Wallenstein foi criar um projecto que pudesse ser multiplicado, funcionando para todos os públicos, que fosse suficientemente abrangente para incluir pessoas dos 5 aos 99 anos, um projecto que envolvesse todas as infâncias e que integrasse o espaço de programação da Fábrica das Artes do CCB, “Um Artista, Todos os Públicos”. Assim, criámos duas oficinas: a versão para miúdos, *Línguas de Perguntador Seguido de Laboratório de Respostas*, e a versão para graúdos, *Viver com uma Pergunta Seguido de Experiências do Dia-a-Dia*, que, embora partissem da mesma premissa, apresentaram alguns apontamentos que as distinguiam. Por exemplo, quando fizemos a oficina para adolescentes e para adultos, optámos por incluir um momento de escrita, criando um espaço individual mais vincado, para que cada participante pudesse escrever, quer a sua pergunta, quer as respostas encontradas durante a realização dos enigmas, proporcionando um tempo de pensamento que a escrita aporta, que se revelou essencial para os adultos, ao mesmo tempo que protegeu os adolescentes da exposição pessoal, com a qual têm, muitas vezes, inibições e resistência. Estes pequenos ajustes não foram rígidos. Por exemplo, numa sessão para um grupo de pessoas com doença mental crónica, alguns dos participantes optaram por escrever, e outros, não. As regras iam sendo construídas à medida que eram necessárias, e eram adaptadas não só tendo em conta as idades do grupo, como também as suas necessidades. O desafio de realizar um trabalho para um público tão amplo foi enriquecedor, pois o objecto artístico não se limitou a comunicar apenas com uma faixa etária, mas com todas as pessoas. As diferenças não se resumiram à alteração de elementos na estrutura oficina, mas centraram-se, antes de mais, na compreensão dos universos e das expectativas de cada pessoa e de cada grupo que se inscrevia. Com os graúdos, por exemplo, a nossa missão era, muitas vezes, levá-los a desaprender, questionando as suas certezas e convicções, através do diálogo filosófico e reflexivo em que tinham, muitas vezes, de escutar ideias diferentes e integrá-las naquela vivência. Neste sentido, impressionou-me o que um pai disse, durante a formação que a Rita Pedro realizou e na qual participei, de que os adultos não deveriam ter vergonha de “admitir a sua ignorância”, lembrando a atitude filosófica proposta pelo filósofo cidadão do mundo, Sócrates, que afirmava: “Só



sei que nada sei.” Suspende os juízos analíticos também foi um desafio que pedimos aos pais durante as sessões realizadas ao fim-de-semana, em que participavam quase sempre famílias, pedindo-lhes para que não comentassem ou corrigissem os seus filhos durante o Banquete de gomas, o nosso espaço de diálogo, para que estes pudessem construir os seus próprios argumentos e formular as suas respostas. O que era incrível nestas sessões era ver os pais a descobrirem o pensamento dos seus próprios filhos, como aquela mãe que exclamou não saber onde é que o filho ia buscar aquelas ideias, quando ele, à pergunta de uma outra criança, “Porque é que as pessoas se apaixonam à primeira vista?”, respondeu: “Porque essa pessoa nunca tinha visto nada belo e, quando vê o belo pela primeira vez, apaixona-se.”

O desafio de realizar um trabalho para um público tão amplo foi enriquecedor, pois o objecto artístico não se limitou a comunicar apenas com uma faixa etária, mas com todas as pessoas. As diferenças não se resumiram à alteração de elementos na estrutura oficina, mas centraram-se, antes de mais, na compreensão dos universos e das expectativas de cada pessoa e de cada grupo que se inscrevia.

OFICINAS PARA MIÚDOS E GRAÚDOS

Tivemos ainda a oportunidade de realizar uma formação de cinco horas com professores, em que pudemos partilhar a oficina, o processo criativo e, também, propor a cada pessoa que constrísse os seus próprios enigmas filosóficos. A formação teve um carácter bastante informal e focou-se mais na vivência da oficina e na partilha de processos do que no “fazer”. Surpreendeu-nos a necessidade que as pessoas pareceram manifestar para se encontrarem de uma forma informal e para trocarem ideias descontraidamente. Uma formação mais centrada na vivência artística do que na partilha de “receitas” sobre como “fazer” oficinas semelhantes à nossa e que vai ao encontro da ideia do que uma formação que cruza arte e educação deve ser, proposta e desenvolvida pela Madalena Wallenstein na Fábrica das Artes do CCB e que as palavras de Sophia de Mello Breyner tão bem esclarecem: “A arte não explica, a arte implica.”

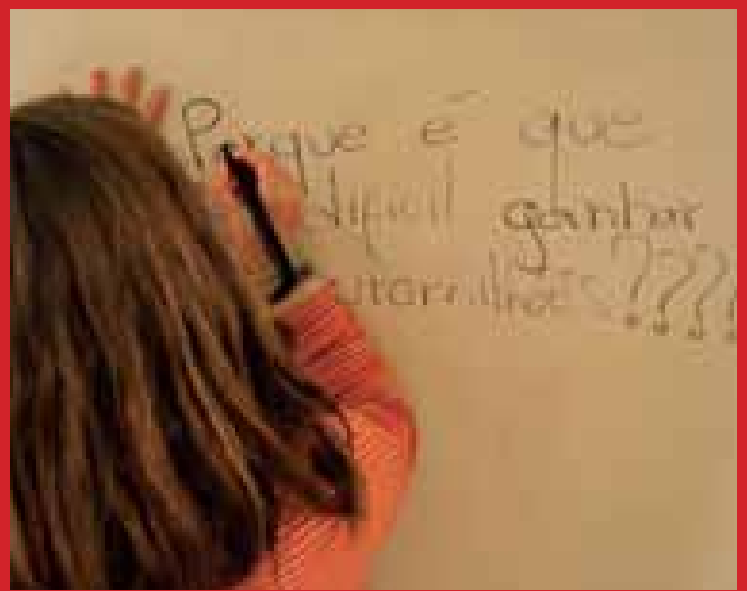
FORMAÇÃO PARA PROFESSORES E EDUCADORES

Pensar em conjunto, criar espaços para nos escutarmos numa lógica comum e que vai na direcção oposta ao pensamento único, pareceu-nos uma das vivências mais fundamentais deste projecto que pretendeu ligar a filosofia à vida de cada um de nós e encarar a Arte como bolsa de ar, geradora de espaço para que cada pessoa possa assumir o seu pensamento sem medos, sem vergonhas. Espaços onde as crianças são autoras do seu pensamento e não meros receptáculos de ideias dos outros. Uma infância tomada na sua singularidade e não como sombra de uma ideia, de uma ideologia. Precisamos de tempo, este projecto foi feito com tempo. Precisamos que não se torne num acto isolado. Precisamos de expandir as experiências e, daí, a importância do registo, deste registo, que deixa memória, como se fosse um lastro, que fica.



*A arte não explica,
a arte implica.*

SOPHIA DE MELLO BREYNER

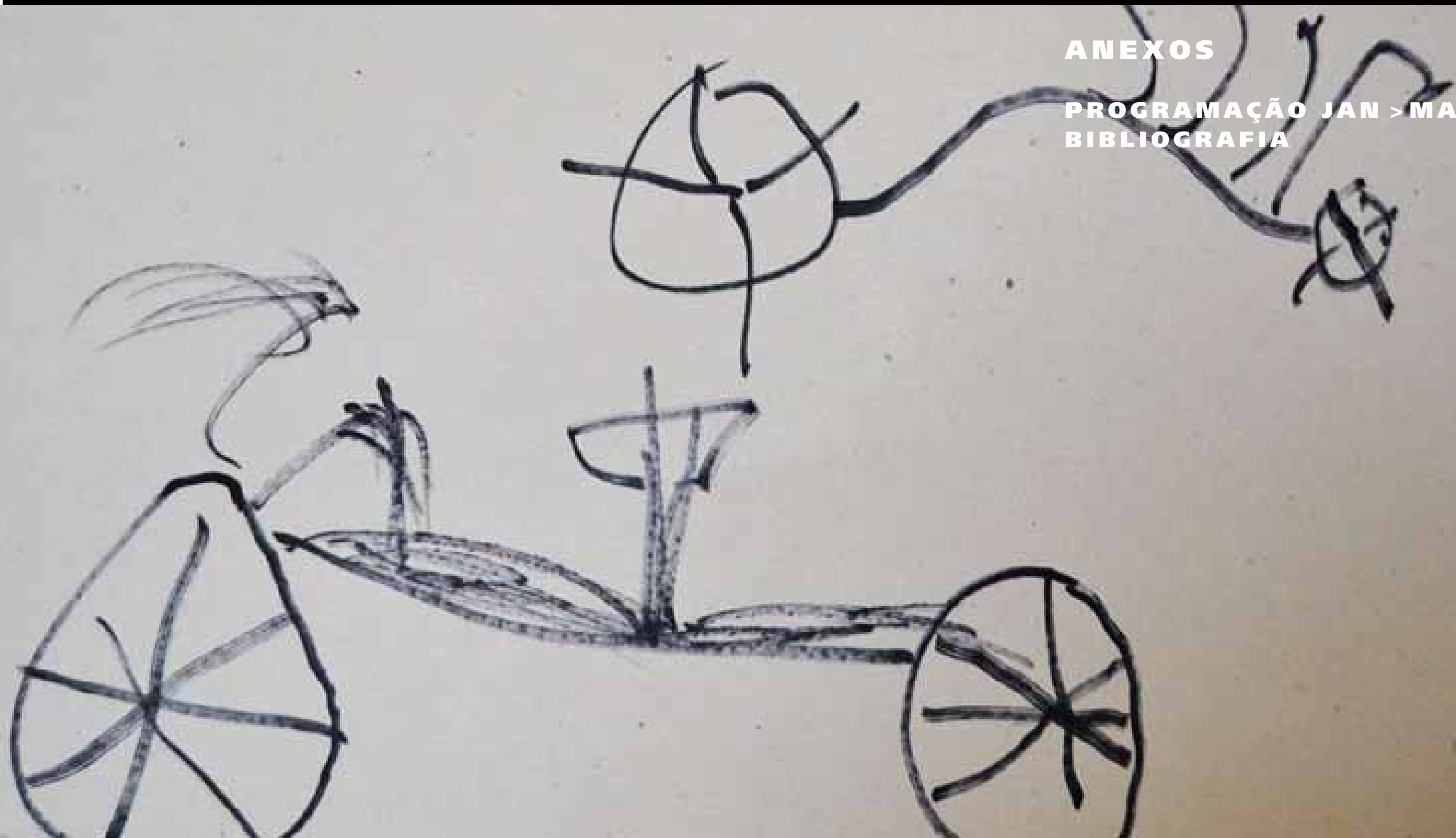


*Qual é a pergunta
que te habita hoje?*

MARIA GIL

ANEXOS

PROGRAMAÇÃO JAN > MAR 2013
BIBLIOGRAFIA



CICLO PENSAMENTO, FILOSOFIA E CONTEMPLAÇÃO ARTÍSTICA

O ciclo “Pensamento, Filosofia e Contemplação Artística” resulta de um laboratório de pesquisa proposto pelo CCB/Fábrica das Artes ao Teatro do Silêncio, a Ana Silvestre (*Biblioteca Mínima*) e a Rita Pedro (Filosofia para Crianças) e que se debruça sobre o espanto, o impulso, a pergunta, como chaves da interpretação e reflexão artística e sua mediação. Este programa oferece espectáculos de pequeno formato e oficinas dirigidas a escolas, famílias e graúdos, assim como espaços de formação para educadores e artistas e um encontro-debate em que os artistas partilham esta experiência.



Entre a Arte e a Educação – Espaço de Formação
Formação em continuidade sobre filosofia para crianças
FORMAÇÃO EM CONTINUIDADE DE CINCO DIAS.

APRENDER A DESAPRENDER

COM RITA PEDRO
DATAS 25 JANEIRO / 8 E 15 FEVEREIRO / 1 E 8 MARÇO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
PÚBLICO-ALVO ARTISTAS, MEDIADORES CULTURAIS, PROFESSORES, ANIMADORES SOCIOCULTURAIS, BIBLIOTECÁRIOS E CURIOSOS
HORÁRIO SEXTAS-FEIRAS, 18H30
DURAÇÃO 15 HORAS (CINCO SESSÕES DE 3 HORAS)
PREÇO 15€

O encontro entre a Filosofia, a Pedagogia e a Infância conduz a um trabalho sobre a qualidade relacional. A partir de conceitos universais, comuns a todos os seres humanos, as crianças questionam-se, de forma espontânea, filosófica e natural. Para um adulto, a aproximação a esta experiência requer todo um esforço. Implica abrir-se ao inesperado, ao novo, ao desconhecido. Partiremos das teorias e das interrogações das crianças para nos surpreendemos e nos apropriarmos de mecanismos para a mediação democrática do pensamento filosófico da infância.



Oficina de Filosofia
SE NÃO HAVIA NADA, COMO É QUE SURTIU ALGUMA COISA?
(NUNO, 8 ANOS)

COM RITA PEDRO E TÂNIA GUERREIRO
DATAS 6 A 8 / 10 / 17 / 24 FEVEREIRO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
PÚBLICO-ALVO 1.º CICLO / 5 AOS 7 E FAMÍLIAS / 8 AOS 12 (SEM ADULTOS)
HORÁRIO 6 A 8 FEVEREIRO, QUARTA A SEXTA-FEIRA, 10H (ESCOLAS DO 1.º CICLO) / 10 E 17 FEVEREIRO, DOMINGO, 15H30 (DOS 5 AOS 7 E FAMÍLIAS) / 24 FEVEREIRO, DOMINGO, 15H30 (8 AOS 12 ANOS, SEM ADULTOS)
DURAÇÃO 2H
PREÇO 3,20€ DIAS ÚTEIS / 5,35€ FIM-DE-SEMANA

Oficina para todos os que perguntam pelo porquê das coisas! Dentro do *Bau da Metafísica*, estão guardadas as mais velhas perguntas do tempo dos humanos. Vem descobrir alguns dos enigmas mais improváveis da ontologia, da ética e da estética. Precisamos da tua imaginação porque não há respostas certas nem erradas, só ideias novas, criativas! És livre de pensar pela tua cabeça, de partilhar as tuas experiências e opiniões. Há um lugar para ti no espaço dos filósofos. Os mais ousados podem levar as ideias nos bolsos e misturá-las com as suas vidas.



Oficina de Pequenas Memórias
Espectáculo/Oficina
BIBLIOTECA MÍNIMA
COM ANA SILVESTRE
DATAS 5 A 10 / 19 A 22 E 24 FEVEREIRO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
PÚBLICO-ALVO MAIORES DE 8 ANOS
HORÁRIO 5 A 8 E 19 A 22 FEVEREIRO, SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, 10H (ESCOLAS) 9 FEVEREIRO, SÁBADO, 15H30 / 10 E 24 FEVEREIRO, DOMINGO, 11H30 (FAMÍLIAS)
DURAÇÃO 2H30
PREÇO 3,20€ DIAS ÚTEIS / 5,35€ FIM-DE-SEMANA

É uma biblioteca muito pequenina, para ser vista, sentida e olhada de várias formas, onde o mais importante, por vezes, é invisível. Uma viagem a diferentes universos através de histórias e de outras interacções. Um caminho para nos apaixonarmos pelos livros. A partir do coração e das memórias de quem a visita, nascerão outras bibliotecas muito vivas. Em pequenas caixas, ficarão recolhidas memórias únicas e simbólicas, pintadas, recortadas, esculpidas, coladas. Uma oficina de memórias, metáforas, pensamentos, histórias e expressão plástica.

IDEIA ORIGINAL E INTERPRETAÇÃO ANA SILVESTRE
CRIAÇÃO ANA SILVESTRE, ANA LUÍSA DOMINGOS E IRINA RAIMUNDO
DESENHO E COLABORAÇÃO PEDRO MEDEIROS
CONSTRUÇÃO CARLOS PEREIRA



Oficina de Paisagens Internas
Oficina/Espectáculo
BIBLIOTECA MÍNIMA

COM ANA SILVESTRE
DATA 10 FEVEREIRO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
PÚBLICO-ALVO GRAÚDOS
HORÁRIO DOMINGO, 15H30
DURAÇÃO 2H30
PREÇO 3,20€ DIAS ÚTEIS / 5,35€ FIM-DE-SEMANA

Visita guiada a uma biblioteca muito viva, com uma organização muito própria: desorganizada como a vida, imprevista e sempre em movimento, e que, para respirar e pulsar, precisa de quem a vê. Do gavetão que guarda a imensidão do desconhecido, nascem os porquês. Dos esconderijos das memórias, que vivem dentro de cada um, nascerão bibliotecas pessoais, únicas, só visíveis através da luz. Uma oficina em que, através de registos e transparências, se constroem retratos-Raio X do mundo.

IDEIA ORIGINAL E INTERPRETAÇÃO ANA SILVESTRE
CRIAÇÃO ANA SILVESTRE, ANA LUÍSA DOMINGOS E IRINA RAIMUNDO
DESENHO E COLABORAÇÃO PEDRO MEDEIROS
CONSTRUÇÃO CARLOS PEREIRA



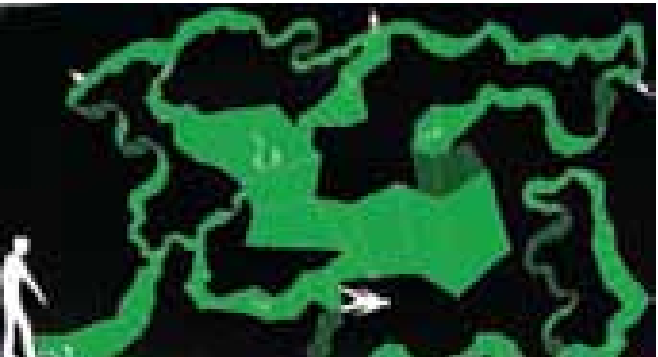
Entre a Arte e a Educação – Espaço de Formação
Formação
Biblioteca Mínima
DESCOBRIR POR DENTRO

COM ANA SILVESTRE
DATA 23 FEVEREIRO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
PÚBLICO-ALVO ARTISTAS, MEDIADORES CULTURAIS, PROFESSORES, ANIMADORES SOCIOCULTURAIS, BIBLIOTECÁRIOS E CURIOSOS
HORÁRIO 23 FEVEREIRO, SÁBADO, 11H ÀS 17H (COM PAUSA PARA ALMOÇO)
DURAÇÃO 5 HORAS
PREÇO 5,35€ FIM-DE-SEMANA

Desconstrução do projeto artístico *Biblioteca Mínima*, de forma a conhecermos o processo criativo e os pontos de contacto com a educação. Pensar a arte como uma ferramenta pedagógica. Reflectir sobre o desconforto, a vivência, o estético, as referências, a ética, a pergunta, o simbólico e outras linguagens. A criatividade e os processos como facilitadores da curiosidade pelo saber. Experimentar e aplicar linguagens artísticas na construção de novos projectos pedagógicos.

UM ARTISTA,
TODOS OS PÚBLICOS

Convidamos um artista a apresentar-nos um projecto forte e abrangente a partir do qual podemos construir propostas para todos os nossos públicos (crianças, adolescentes, graúdos – adultos e idosos – e profissionais que habitam o espaço de cruzamento entre a arte e a educação). Neste trimestre, convidamos o Teatro do Silêncio (companhia que constrói as suas propostas a partir da premissa autobiográfica) a desenvolver uma Oficina/Instalação Interactiva a partir do universo da filosofia e com base no qual possam surgir o espanto, o impulso, a pergunta, a resposta, como elementos-chave da dimensão da interpretação e reflexão artística e da aventura no território do pensamento.

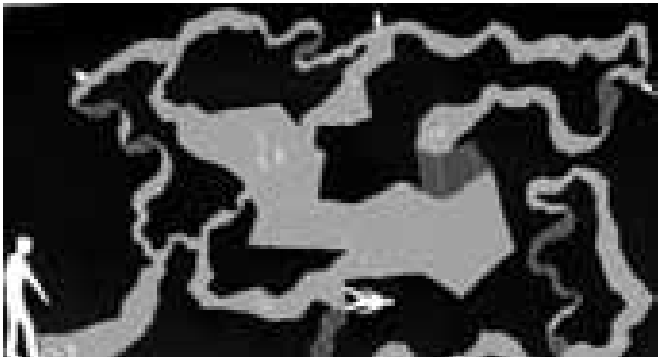


Oficina e Instalação Interactiva
LÍNGUAS DE PERGUNTADOR E
LABORATÓRIO DE RESPOSTAS

COM TEATRO DO SILÊNCIO
DATAS 1 A 8 / 10 A 15 MARÇO
LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES
COM A PARTICIPAÇÃO DA FILÓSOFA RITA PEDRO (DIAS 3, 8, 10 E 15 MARÇO)
PÚBLICO-ALVO MAIORES DE 5 ANOS E FAMÍLIAS / 1.º, 2.º E 3.º CICLOS E SECUNDÁRIO
HORÁRIO 1, 4 A 8, 12 A 15 MARÇO, TERÇA A SEXTA-FEIRA, 10H / 2 MARÇO, SÁBADO, 15H30 / 3 E 10 MARÇO, DOMINGO, 11H30
DURAÇÃO 2H
PREÇO 3,20€ DIAS ÚTEIS / 5,35€ FIM-DE-SEMANA

Porque é que o relógio só conta os minutos, as horas e os segundos? Porque é que o pato foi à rua? Porque é que as flores são flores? De que cor é que somos por dentro? Como é que eu vou ser quando crescer? Vamos conhecer a máquina que só funciona a perguntas. Vamos fazer perguntas e responder com perguntas. Vamos fazer listas de perguntas. Vamos fazer duelos de perguntas. Vamos ser curiosos e verdadeiros investigadores da vida e do mundo que nos rodeia, para não nos transformarmos em meros espectadores passivos, mas, antes, em pessoas com um olhar sobre o mundo e que agem sobre ele.

ILUSTRAÇÃO DE PEDRO SILVA



Oficina e Instalação Interactiva para Graúdos

VIVER COM UMA PERGUNTA
SEGUIDO DE LABORATÓRIO
DE EXPERIÊNCIAS DIA-A-DIA

COM TEATRO DO SILÊNCIO

DATAS 7 E 14 MARÇO

LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES

PÚBLICO-ALVO GRAÚDOS

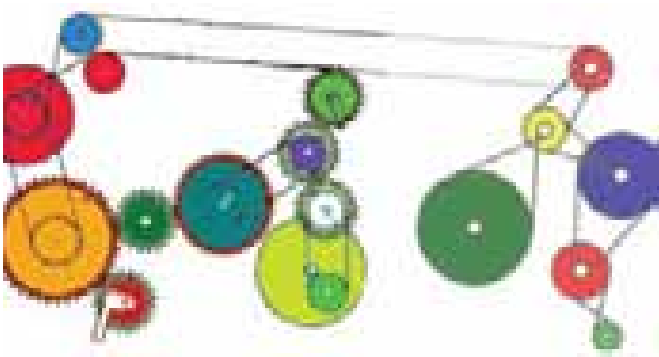
HORÁRIO 7 MARÇO, 18H30 / 14 MARÇO, 15H30

DURAÇÃO 2H

PREÇO 3,20€ DIAS ÚTEIS

Qual é a pergunta que nos habita actualmente? Vamos tentar traduzir essa pergunta noutras perguntas, até encontrarmos uma possível resposta. Vamos partir de acções rotineiras e familiares que, quando retiradas do seu contexto habitual, nos convidam a experimentar o familiar de novas e surpreendentes maneiras, reavaliando a nossa própria relação com a vida quotidiana, que se enche de estranheza, mas também de novas possibilidades.

ILUSTRAÇÃO DE PEDRO SILVA



Entre a Arte e a Educação – Espaço de Formação

Formação e instalação interactiva

ENCONTRO ARTE E EDUCAÇÃO

COM TEATRO DO SILÊNCIO

DATA 9 MARÇO

LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES

PÚBLICO-ALVO ARTISTAS, MEDIADORES CULTURAIS, PROFESSORES, ANIMADORES SOCIOCULTURAIS, BIBLIOTECÁRIOS E CURIOSOS

HORÁRIO 9 MARÇO, SÁBADO, 11H ÀS 17H (COM PAUSA PARA ALMOÇO)

DURAÇÃO 5H

PREÇO 5,35€ FIM-DE-SEMANA

Como é que se destravam perguntas nos outros? Como é que se trabalha o espanto? Como é que se aguça a curiosidade pelo mundo e pelas coisas que nos rodeiam? Como é que se aquece a imaginação?

Esta formação pretende partilhar e dar a conhecer uma série de técnicas e de exercícios surrealistas, pouco lógicos, sem sentido aparente, mas profundamente criativos e motivantes para todos aqueles que precisam de cultivar o espanto sobre o mundo, em si e nos outros. A visita à instalação interactiva pretende ser uma sessão prática sobre os exercícios e as técnicas partilhados durante a oficina. Aqui, materializamos as ideias e experimentamos sem medo de falhar.

ILUSTRAÇÃO DE PEDRO SILVA

Um Artista, Todos os Públicos

Encontro-debate

NO TERRITÓRIO DO PENSAMENTO

COM TEATRO DO SILÊNCIO (RITA PEDRO E ANA SILVESTRE) E

ELISA MARQUES (MODERAÇÃO)

DATA 16 MARÇO

LOCAL ESPAÇO CCB/FÁBRICA DAS ARTES

PÚBLICO-ALVO ARTISTAS, MEDIADORES CULTURAIS, PROFESSORES, ANIMADORES SOCIOCULTURAIS, BIBLIOTECÁRIOS E CURIOSOS

HORÁRIO 16 MARÇO, SÁBADO, 15H30

ENTRADA GRATUITA

“Encontro-debate” é um espaço de partilha de projectos e discussão, oferecido a todos os que se interessam pelo universo da educação estética e artística. Este espaço será, desta vez, habitado pelo *Teatro do Silêncio*, *Ana Silvestre* e *Rita Pedro* que, estando o Ciclo Pensamento, Filosofia e Contemplação Artística neste momento concluído, **o usarão aqui como gatilho para partilhar as experiências e questões levantadas sobre** espanto, o impulso, a pergunta, as memórias, como elementos-chave da dimensão da contemplação, interpretação e reflexão artística e da aventura no território do pensamento e da sua expressão.

BIBLIOGRAFIA

ABRAM, David
A Magia do Sensível, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2007

ANÍBAL NIÑO, Jairo
La Alegría de Querer, Bogotá, Editorial INCI, 2010

ARENDT, Hannah
La Crise de l’Éducation, Paris, Gallimard, 1972

BARROS, Manoel de
Poesia Completa, Lisboa, Editorial Caminho, 2010

BAYOD SERAFINI, Carlos
El Arte de Sentir, Barcelona, Editorial Indigo, 1998

BEUYS, Joseph
Cada Homem um Artista, Porto, 7 Nós, 2011

CAPDEVILLA, Mercedes G. / SORIN, Mónica
El Arte y la Persona. Arteterapia: esa hierbita verde, Barcelona, ISPA Edicions, 2011

DELEUZE, Gilles
Mille Plateaux, Paris, Les Éditions de Minuit, 1980

DELEUZE, Gilles
Le Bergsonime, Paris, Éditions PUF

DELEUZE, Gilles / GUATARRI, Félix
Qu’Est ce que la Philosophie?, Paris, Les Éditions de Minuit, 1991

ESTÉS, Clarissa Pinkola
Mujeres que Corren con los Lobos, Barcelona, Zeta, 2011

FERRARO, Giuseppe
La Filosofia Spiegata ai Bambini, Napoles, Filema, 2010

GIL, José
Diferença e Repetição na Poesia de Fernando Pessoa, Lisboa, Relógio D’Água,1999

GIL, José
ao meio-dia, os pássaros, Lisboa, Relógio D’Água, 1999

KOHAN, Walter
Filosofia para Crianças, Rio de Janeiro, Editora Lamparina, 2000

KOHAN, Walter
Infância: Entre Educação e Filosofia, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2005

KOHAN, Walter Omar / OLARIETA, Beatriz Fabina
A Escola Pública – Aposta no pensamento, Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2012

LIPMAN, Matthew
Philosophy Goes to School, Philadelphia, Temple University Press, 1988. Tradução: *A Filosofia Vai à Escola*, São Paulo, Summus, 1999

LIPMAN, Matthew
Thinking in Education, Cambridge University Press, 1991. Tradução: *Pensar na Educação*, Petrópolis, Vozes, 1995

LÚCIO, Álvaro Laborinho
Educação, Arte e Cidadania, Temas & Lemas – Edições, 2008
Organisation des Nations Unies pour L’éducation, La Science et la Culture, la Philosophie, une École de la Liberté, Paris, Unesco, 2007

PICHON-RIVIÈRE, Enrique
El Proceso Creador, Barcelona, Ed. Labor, 1987

RANCIÈRE, Jacques
Le Maître Ignorant : Cinq leçons sur l’émancipation intellectuelle, Montrouge, Ed. Fayard, 1998

RANCIÈRE, Jacques
Espectador Emancipado, Lisboa, Orfeu Negro, 2010

RODARI, Gianni
A Gramática da Fantasia, Lisboa, Editorial Caminho, 2004

SANTOS, Arquimedes da Silva
Estudos de Psicologia e Arte, Lisboa, Livros Horizonte, 1999

SANTOS, Arquimedes da Silva
Mediações Arteducacionais, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2008

SANTOS, João dos
Ensinaaram-me a Ler o Mundo à Minha Volta, Lisboa, Assírio & Alvim, 2007

SANTOS, João dos / MONTEIRO, João Sousa
Se não Sabe Porque é que Pergunta, Lisboa, Assírio & Alvim, 1995

SASSEVILLE, Michel
La Pratique de la Philosophie avec les Enfants, 3.ª ed., Québec, Les Presses de l’Université Laval, 2009

SCHILLER, Friedrich
Sobre a Educação Estética do Ser Humano Numa Série de Cartas e Outros Textos, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Janeiro, 1994

SORIN, Mónica
Creatividad: Cómo, por qué, para quién?, Barcelona, Ed. Labor, 1992

XAVIER, Jorge Barreto
Arte e Delinquência, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2011

TÍTULO
**SE NÃO HAVIA NADA,
COMO É QUE SURTIU ALGUMA COISA?**

COORDENAÇÃO
Madalena Wallenstein

TEXTOS
Madalena Wallenstein
Rita Pedro
Maria Gil
Ana Silvestre
Tânia Guerreiro

FOTOGRAFIAS
Manuel Ruas Moreira
Rita Pedro
Rodrigo Pereira
Pedro Silva
Ana Silvestre

DESIGN GRÁFICO / PAGINAÇÃO
Paula Cardoso

REVISÃO
António José Massano

© Edição Fundação Centro Cultural de Belém
Maio 2014
1000 exemplares
Impressão: Jorge Fernandes, Lda
ISBN 978-972-8944-19-3

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Vasco Graça Moura PRESIDENTE
Dalila Rodrigues VOGAL
Miguel Leal Coelho VOGAL

DIRECTOR COORDENADOR André Dourado

DIRECÇÃO DAS ARTES DO ESPECTÁCULO
DIRECTORA Cláudia Belchior
ASSISTENTE Paula Fonseca
CONSULTOR PARA A ÁREA DA MÚSICA André Cunha Leal
CONSULTOR PARA DANÇA E MÚSICAS PLURAIS Fernando Luís Sampaio
ASSISTENTE DE PROGRAMAÇÃO Rita Bagorro
PRODUTORES Inês Correia, Patrícia Silva, Hugo Cortez,
Vera Rosa e João Lemos
DIRECTOR DE CENA / COORDENADOR Jonas Omberg
DIRECTORES DE CENA Pedro Rodrigues, Patrícia Costa e José Valério
CONSULTORA DIRECÇÃO DE CENA Tânia Afonso
SECRETARIADO Iolanda Seara
CHEFE TÉCNICO DE PALCO Rui Marcelino
TÉCNICOS PRINCIPAIS Pedro Campos, Luís Santos e Raul Seguro
TÉCNICOS EXECUTIVOS F. Cândido Santos, Vítor Pinto, César Nunes,
José Carlos Alves, Hugo Campos, Mário Silva, Ricardo Melo e
Rui Croca
CHEFE TÉCNICO DE AUDIOVISUAIS Nuno Grácio
TÉCNICOS DE AUDIOVISUAIS Rui Leitão, Eduardo Nascimento, Luís Garcia
Santos, Nuno Bizarro, Paulo Cacheiro, Nuno Ramos, Rui Martins
e Carlos Mestrinho
CHEFE TÉCNICO DE MANUTENÇÃO Siamanto Ismaily
TÉCNICOS DE MANUTENÇÃO João Santana, Luís Teixeira e Vítor Horta
SECRETARIADO DE GESTÃO E OPERAÇÃO DE EQUIPAMENTOS Sofia Matos

FÁBRICA DAS ARTES
COORDENADORA Madalena Wallenstein
RELAÇÕES PÚBLICAS Maria José Solla
ASSISTENTES DE PROGRAMAÇÃO Tânia Guerreiro e Manuel Moreira

DIRECÇÃO DE COMUNICAÇÃO E MARKETING
DIRECTORA Madalena Reis
ASSISTENTE Manuela Alves
COMUNICAÇÃO / COORDENADORA Sofia Mântua
PLATAFORMAS WEB Sandra Grilo
ASSESSORIA DE IMPRENSA Sofia Cardim e Inês Lopes

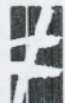
EDIÇÕES Madalena Frade
GABINETE GRÁFICO Paula Cardoso, Paulo Fernandes, Marisa Lourenço
e Sandra Salgueiro
SECRETARIADO COMUNICAÇÃO Lúcia Oliveira
MARKETING / COORDENADORA Rita Correia
GESTORAS DE EVENTOS Catarina Pinto, Maria João Marques,
Paula Catita e Sofia Ferreira
GESTORA NOVOS CLIENTES Paula Elói
SECRETARIADO MARKETING Conceição Pinheiro
RELAÇÕES PÚBLICAS / COORDENADORA Isabel Roquette
RELAÇÕES PÚBLICAS NOS ESPECTÁCULOS António Cardoso Pinto e
Marta Abreu
GESTÃO DE BASE DE DADOS E CARTÃO AMIGO CCB Vera Mestrinho
RECEPÇÃO DO CENTRO DE REUNIÕES Ana Arnaut, Inês Maia,
Cláudia Antunes, Filomena Rosa e Sandra Mendes
SUPERVISORA DE BILHETEIRAS Maria José Besteiro
BILHETEIRAS Vanda Martins, Ana Silva, Isa Basto, Nuno Martins,
Luís Feliciano, André Pombeiro e Rita Vila de Brito

*Posso voltar?
Posso ter isto mais vezes,
em mais dias da minha vida,
a pensar, a discutir,
a filosofar?*

MARIANA (12 ANOS)

ESTE CADERNO DE TRABALHO SURGE DO DESEJO DE ULTRAPASSAR A EFEMERIDADE DOS PROCESSOS ARTÍSTICOS E EDUCATIVOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DAS INSTITUIÇÕES CULTURAIS E DE ABRACAR UM DESAFIO LANÇADO QUANTO À URGÊNCIA DE REGISTRAR, DE ESCREVER, DE DEIXAR IDEIAS E ESTÍMULOS, DE DESCREVER PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS REALIZADAS, DE LANÇAR REFLEXÃO, DE DEIXAR EM ABERTO NOVAS POSSIBILIDADES, COMO FORMA DE RESISTIR À OCLUSÃO DO CONHECIMENTO E DA ARTE E DE CONTRIBUIR, DESTA FORMA, PARA UMA MAIOR PARTILHA E UMA MAIOR RIQUEZA NO QUE DIZ RESPEITO AO TERRITÓRIO MAIS VASTO DA ARTE E DA EDUCAÇÃO.

PROPOMO-NOS REGISTRAR O PROCESSO DE TRABALHO QUE TEVE LUGAR NO ÂMBITO DO LABORATÓRIO DE PESQUISA "**PENSAMENTO, FILOSOFIA E CONTEMPLAÇÃO ARTÍSTICA**" QUE RESULTOU DO ENCONTRO ENTRE PROGRAMADORA, EQUIPA, ARTISTAS, FILÓSOFOS E PÚBLICOS, QUE SE DESENVOLVEU ENTRE JUNHO DE 2012, COM O LANÇAMENTO DA PRIMEIRA SESSÃO DE TRABALHO E REFLEXÃO, E NOVEMBRO DE 2013, MOMENTO DA PRODUÇÃO ESCRITA E GRÁFICA DESTE CADERNO, E CUJA PROGRAMAÇÃO HABITOU A FÁBRICA DAS ARTES DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM NO TRIMESTRE DE JANEIRO A MARÇO DE 2013. MADALENA WALLENSTEIN



CCB



W13544W

Se mãe
mãe
que su
coisa?

**MADALENA WALLENSTEIN
RITA PEDRO
ANA SILVESTRE
TEATRO DO SILÊNCIO**

COM PREFÁCIO DE
JOSÉ GIL

CCB

FÁBRICA DAS ARTES
PROJECTO EDUCATIVO